

Três dias de debate no Parlamento põem em evidência

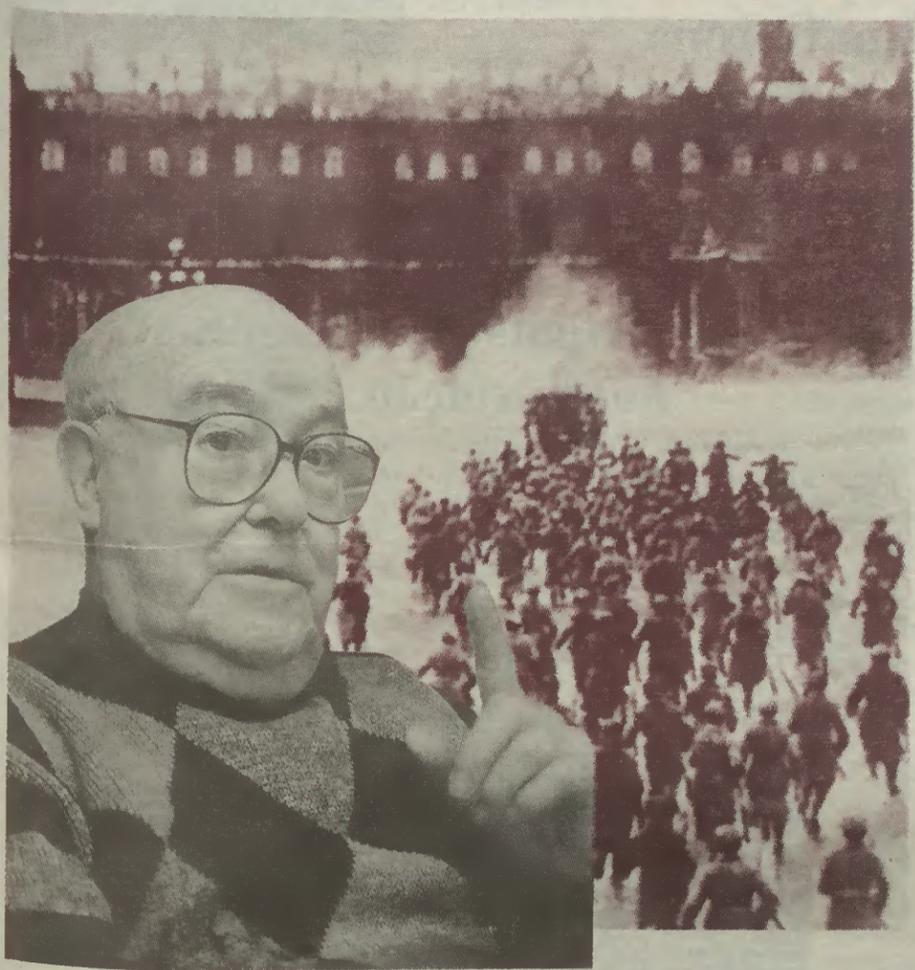
## Orçamento do PS é mau

À mesa de um Orçamento talhado para ser apoiado pela direita, e que passou na Assembleia com os votos do PS e a limiana abstenção do deputado Campelo, não



se sentaram os mais desfavorecidos. Os grandes interesses, aguardando agora mais alienações do património público, têm a mesa posta...

Pág. 5



A grande Revolução Socialista de Outubro comemorada em todo o País

## «Os trabalhadores sabem onde lhes dói»

«Um dos grandes ensinamentos que a Revolução Socialista de Outubro nos deixou» é que um Partido revolucionário «necessita de estar armado com princípios sólidos, científicos, verdadeiramente revolucionários», disse Sérgio Vilarigues numa das sessões comemorativas do 7 de Novembro promovidas pelo PCP.

Pág. 9

S. Pedro do Sul

### Só com a CDU!

Em S. Pedro do Sul, decorreu, no domingo, uma jornada de contactos com as populações do concelho, com a participação de Carlos Carvalhas, promovida pela CDU, no âmbito da campanha para as eleições autárquicas intercalares.

Pág. 12

PCP com os trabalhadores

### Campanha encerra hoje

Às 18 horas, no Hotel Altis, tem lugar a iniciativa de encerramento da campanha de intensificação dos contactos com os trabalhadores. Intervêm Carlos Carvalhas e Jerónimo de Sousa.

Pág. 10

António Abreu

### Reforçar o poder local

O candidato do PCP às eleições presidenciais deslocou-se anteontem a Évora, onde visitou a Câmara Municipal e a Associação de Estudantes da Universidade. António Abreu sublinhou a importância do Poder Local.

Pág. 32

**Avante!**  
Proletários de todos os países  
UNI-VOS!

**PROPRIEDADE**  
Partido Comunista Português  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 38 00

**ADMINISTRAÇÃO**  
Editorial «Avante!», SA  
Av. Almirante Reis, 90,  
7.º A, - 1169-161 Lisboa.  
Capital social:  
15 000 000\$00.  
CRC matrícula: 47058.  
NIF - 500 090 440

**DIRECÇÃO E REDACÇÃO**  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 71 90/91  
Fax: 21 781 71 33  
E-mail:  
avante.pcp@mail.telepac.pt  
Web:  
http://www.pcp.pt

**Director**  
José Casanova

**Chefe de Redacção**  
Leandro Martins

**Chefe Adjunto**  
Anabela Fino

**Redactores**  
Carlos Nabais  
Domingos Mealha  
Henrique Custódio  
Isabel Araújo Branco  
João Chasqueira  
Lígia Calapez  
Margarida Folque

**Grafismo**  
José Araújo

**Fotografia**  
Jorge Caria  
Sérgio Moraes

**Secretaria da Redacção**  
Ivone Dias Lourenço  
Noémia Presúncia

**DISTRIBUIÇÃO**  
**DISTRIBUIÇÃO ADE's**  
Editorial Avante!  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 218 429 836

**Alterações de remessa**  
Até às 17 horas  
de cada sexta-feira:  
Tel. 218 429 836

**DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL**  
**DELTAPRESS**  
Delegação Lisboa:  
Tapada Nova - Capa Rota  
Linhó - 2710 Sintra  
Tel. 21 924 04 47  
Delegação Norte:  
Zona Industrial da Maia  
Sector IX  
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia  
Tel. 22 941 76 70

**ASSINATURAS**  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 218 429 836

**TABELA DE ASSINATURAS\***  
(IVA e portes incluídos)

**PORTUGAL**  
(Contínente e Regiões  
Autónomas)  
50 números: 8 100\$00  
25 números: 4 200\$00

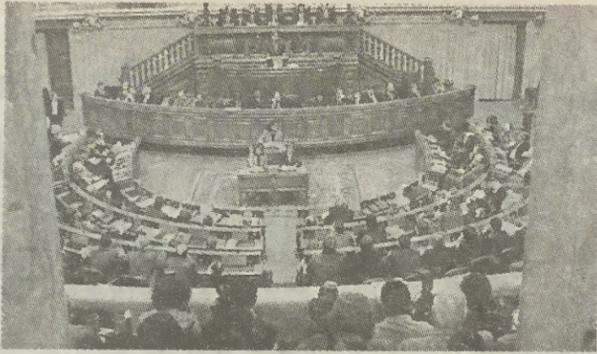
**EUROPA**  
50 números: 21 850\$00

**EXTRA-EUROPA**  
50 números: 30 600\$00

**GUINÉ-BISSAU,  
S. TOMÉ E PRÍNCIPE  
e MACAU**  
50 números: 23 000\$00

\*Enviar para  
Editorial «Avante!»  
nome, morada  
com código Postal  
e telefone  
a acompanhar cheque  
ou vale de correio.

**Composição e impressão**  
Heska Portuguesa, SA  
Campo Raso  
2710 - 139 Sintra  
Depósito legal n.º 205/85



PS vê OE aprovado na generalidade

## Resumo

### 31 Terça-feira

Manuel Maria Carrilho, ex-ministro da Cultura, afirma ter o Governo decidido que os seus membros não deveriam «por razões de ordem ética», subscrever acções das empresas a privatizar

- Xanana Gusmão, Ramos-Horta e D. Ximenes Belo recebem o grau de doutor *honoris causa* pela Universidade do Porto
- Novos bombardeamentos israelitas provocam seis mortos e dezenas de feridos, sendo um destes o jornalista da CNN Ben Wedman
- O presidente jugoslavo, Vojislav Kostunica rejeita qualquer ideia de independência do Kosovo.

### 1 Quarta-feira

Xanana Gusmão faz um balanço positivo da visita a Portugal e salienta o interesse de algumas empresas no investimento em Timor

- Restabece-se o diálogo entre palestinianos e israelitas, enquanto se regista mais um morto e 17 feridos palestinianos
- O número de vítimas provocadas pelo vírus do Ébola já ascende a 80
- Chegam a Portugal os atletas que competiram nos Jogos Paralímpicos onde ganharam 15 medalhas.

### 2 Quinta-feira

O Governo aceita o «caderno de encargos» que o deputado Daniel Campelo apresentou para a viabilização do OE

- Paulo Portas ameaça Campelo de expulsão do partido caso viabilize o OE
- Shlomo Ben Ami, ministro dos Negócios Estrangeiros israelita, garante que o seu país respeitará os acordos sobre o fim da violência
- Regista-se em Barcelona novo atentado da ETA
- Dezenas de insuficientes renais da região das Caldas da Rainha, Óbidos e Peniche manifestam-se contra o facto de o Centro de Diálise das Gaeriras permanecer encerrado um ano depois da sua construção.

### 3 Sexta-feira

Referindo-se ao debate do Orçamento de Estado, Carlos Carvalhas considera pouco salutar para o regime democrático a colocação de «reivindicações de ordem pessoal» à frente do todo nacional

- 21 instituições do distrito da Guarda assinam um protocolo com o Instituto de Reinserção Social com vista à inserção no trabalho de jovens detidos no Colégio do Mondego
- O negociador palestiniano Saeb Erakat apela a uma «protecção internacional» a favor do seu povo e responsabiliza Israel pela continuação da violência.

### 4 Sábado

Mário Soares critica o entendimento do Governo com o presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima, Daniel Campelo, e refere que tal acto faz «entrar numa nova situação, que desprestigia a política, os políticos e a nobreza do acto político em si»

- Danny Yatom, o principal conselheiro do primeiro-ministro Ehud Barak, previne que Israel tomará «uma série de medidas militares, políticas e económicas» se os palestinianos proclamarem a independência
- A vice-presidente filipina, Gloria Arroyo, assume o controlo de uma manifestação que exige a demissão do Presidente das Filipinas, Joseph Estrada.

### 5 Domingo

Em São Pedro do Sul, Carlos Carvalhas apoia a candidatura de João Galheiro nas eleições intercalares para a Câmara Municipal

- António Abreu participa nas Caldas da Rainha num almoço de apoiantes à sua candidatura às presidenciais
- O Iraque retoma os voos domésticos que estavam suspensos desde a guerra do Golfo
- Em York, Inglaterra, a população ajuda o exército a colocar sacos de areia em redor das muralhas para proteger a cidade do mau tempo.

### 6 Segunda-feira

A União dos Sindicatos de Lisboa comemora o seu 25.º aniversário

- Inicia-se a segunda fase de realojamento na Quinta do Mocho, Loures, onde são entregues casas a 200 famílias
- O primeiro-ministro israelita Ehud Barak admite que Yasser Arafat tem feito esforços para restabelecer a calma na Cisjordânia e Faixa de Gaza, mas ao mesmo tempo acusa-o de não ter respeitado o acordo de Sharm el-Sheikh
- Uma comissão do Congresso filipino aprova o início do processo de destituição do Presidente Joseph Estrada.

### 7 Terça-feira

António Reis, vice-presidente da bancada parlamentar do PS, diz que votarão a favor do projecto de reforma do Estatuto dos Deputados se o PSD também o aprovar

- A Associação Nacional do Ramo Automóvel defende que a taxa sobre os veículos todo-o-terreno se deve fixar em 35% do total pago pelos veículos ligeiros
- Têm lugar eleições presidenciais nos EUA
- A Casa Branca anuncia oficialmente a constituição da comissão de apuramento dos factos sobre a violência nos territórios palestinianos
- Termina a operação em que as gémeas siamesas Mary e Jodie são separadas, Mary morre durante a intervenção.

## Aconteceu



### Livro póstumo de Luís Sá

Foi lançado no passado dia 31 de Outubro, no Cine Teatro S. João, em Palmela, o livro póstumo de Luís Sá *Traição dos Funcionários? Sobre a Administração Pública Portuguesa*, um trabalho que estava em vias de conclusão e cuja publicação em vida foi brutalmente inviabilizada pela morte prematura do autor. Publicado pela editora portuense Campo das Letras, esta obra póstuma de Luís Sá é prefaciada pelo Professor Doutor João Bettencourt da Câmara. A apresentação do livro esteve a cargo de Domingos Lopes e a cerimónia de lançamento foi igualmente uma homenagem a Luís Sá, promovida pela sua viúva, Ana Pedro Sá, com o apoio da Câmara Municipal de Palmela, que esteve representada na figura do seu presidente, Carlos Sousa. Uma multidão de camaradas, amigos e admiradores do falecido e destacado dirigente do PCP associou-se à homenagem com a sua presença no lançamento. Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, esteve também presente.

### Temporais assolam Europa

Uma vaga de mau tempo está a assolar vários países da Europa, com chuvas diluvianas, cheias e enxurradas, desabamento de terras e milhares de desalojados, devido às inundações em numerosas localidades. Os países mais afectados têm sido a Grã-Bretanha, a Irlanda, a França, a Itália e também a Espanha, embora esta com menor violência. Até agora, o balanço de vítimas está em quatro mortos, dois na Grã-Bretanha e dois em Itália, e ainda três desaparecidos neste último país. As autoridades têm-se visto forçadas a decretar o estado de emergência e a recorrer aos efectivos das Forças Armadas dos respectivos países para fazerem frente aos desastres juntamente com as unidades de pro-

## Faleceu Ruth Lara

Vítima de doença prolongada, faleceu no passado dia 25 de Outubro, no Porto, Ruth Pflueger Lara. Filha de Hermann e Lotte Pflueger, com os pais cultivou a integridade de carácter, os princípios de justiça e solidariedade social, os valores universalistas da cultura humanista alemã. Casada com Lúcio Lara, o destacado dirigente angolano do MPLA, Ruth acompanhou de perto e participou activamente na demorada luta do povo angolano contra o colonialismo português. A partir da independência de Angola, Ruth Lara continuou infatigavelmente a sua luta corajosa e, coerente com os

princípios e valores por que sempre se orientou, desenvolveu intensa actividade política destacadamente como dirigente da Organização da Mulher Angolana. Nos últimos anos, consagrou boa parte do seu tempo e energia à compilação, organização e publicação do vasto manancial de documentos acumulados por seu marido, dando assim uma inestimável contribuição para a história angolana. Ruth Lara foi um exemplo vivo do poder inspirador de um ideal, a que se dedicou com lucidez e emoção, convicção e esperança. Por sua vontade, as suas cinzas foram levadas para a sua Angola.

### PT absorve Lusomundo Sonae e Impresa unem-se

A concentração monopolista na área da comunicação continua em ritmo acelerado no nosso país, com duas novas «fusões» ocorridas esta semana: uma, da Portugal Telecom (PT) com a Lusomundo (com a primeira a absorver a segunda por 53,5 milhões de contos, ficando detentora de todas as áreas de negócio da Lusomundo em comunicação social, audiovisuais e serviços); outra, com a concretização de um acordo de parceria estratégica no sector da comunicação social, com incidência nas novas tecnologias, entre o grupo Sonae, liderado por Belmiro de Azevedo, e o grupo Impresa, tutelado por Pinto Balsemão.

De acordo com comunicados divulgados por ambas as partes deste último negócio, o acordo Sonae/Impresa pasará pela criação de

uma *joint venture* que terá por objecto «a operação e ex-

maior grupo industrial e o maior grupo de comunicação



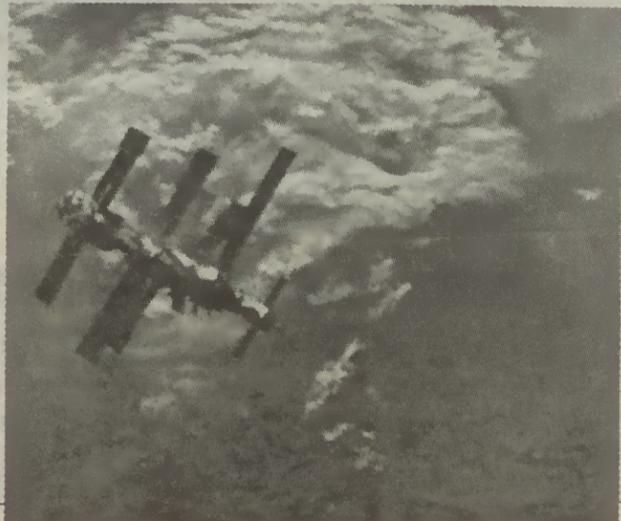
ploração de portais verticais de conteúdo diverso, com modelos de negócio *on line* específicos». Esta *joint venture* envolvendo o

social portugueses terá um capital social inicial de 400 mil contos e será detido por ambos os «sócios» em partes iguais.

### Tripulação inaugura nova estação espacial

A estação espacial internacional ISS foi esta semana inaugurada pela primeira tripulação de cosmonautas integrando dois russos e um norte-americano, que para lá foi enviada numa nave de transporte russa Soyuz lançada do cosmódromo de Baikonur, no Cazaquistão. Os cosmonautas são Serguei Krikaliov, recordista mundial de permanência no espaço (esteve 11 meses consecutivos na estação espacial russa

Mir) e engenheiro da missão, Iuri Guidzenko, piloto da missão e também um veterano no espaço (cinco meses consecutivos na Mir) e o norte-americano William Shepherd, comandante da missão, o mais velho e o menos experiente dos três, com apenas 440 horas de permanência no espaço. A estação internacional ISS é, actualmente, composta por dois módulos russos (o do habitáculo e o de carga) e um terceiro de ligação, de fabrico norte-americano. Esta tripulação vai estar quatro meses a bordo da nova estação espacial internacional, onde receberá «visitas» de mais duas missões com abastecimentos e novos aparelhos para instalar e operacionalizar.



## Crónica Internacional

• Jorge Cadima

### 83 anos

Na Matemática existe um método de demonstração chamado demonstração por absurdo. A fim de provar uma tese, começa-se por negá-la, para depois mostrar que dessa negação resulta um absurdo lógico, uma impossibilidade. A História parece ter seguido um caminho semelhante para mostrar a importância da Revolução de Outubro. Dez anos após a derrocada da União Soviética, o seu papel histórico, as suas conquistas e a sua importância são hoje mais evidentes que nunca.

A onda de choque da tomada revolucionária do poder pelos operários e camponeses russos a 7 de Novembro de 1917 marcou de forma decisiva o século que agora está a terminar. Nas transformações sociais e económicas que gerou na própria União Soviética; no impulso que deu à luta das organizações operárias e revolucionárias pelo mundo fora; nas revoluções que inspirou (entre as quais a grande Revolução chinesa); na contribuição decisiva que a URSS e os comunistas de todo o mundo deram para a derrota do nazi-fascismo; na inspiração que representou para os povos oprimidos pelas potências imperialistas e no apoio à luta com que esses povos puseram fim aos impérios coloniais; na contenção dos apetites hegemónicos do imperialismo a nível mundial e na luta pela paz. Mas também, nas concessões a que obrigou as classes dominantes no seio dos próprios países capitalistas. Se em muitos desses países se verificaram, nomeadamente após a Segunda Guerra Mundial, nacionalizações e conquistas sociais importantes em sectores como a saúde ou o ensino, se surgiu aquilo a que alguns chamam o «Estado Social», isso deveu-se sem dúvida à luta dos trabalhadores e povos desses países, mas deveu-se também – e de forma não secundária – ao facto de existir uma sociedade alternativa ao capitalismo onde, apesar de problemas, deformações e desvios, tais conquistas eram uma realidade.

**A esperança de vida dos cidadãos russos caiu para 65,5 anos**

que outrora desempenharam um papel no seu estabelecimento; a mercantilização de todos os aspectos da vida; a recolonização e submissão das antigas colónias, com catástrofes sociais e económicas impostas pelos organismos financeiros internacionais; a pilhagem generalizada dos recursos mundiais por uma minoria de (cada vez mais) ricos e poderosos, enquanto muitos milhões de seres humanos se afundam em condições de vida (e de morte) cada vez mais indignas e desesperadas.

derrocada da URSS e as contra-revoluções de há uma década alteraram de forma radical a correlação de forças mundial. E são hoje evidentes as consequências: a generalização do uso da força e da guerra como forma de imposição da vontade das (cada vez mais militarizadas) potências imperiais; o assalto às conquistas sociais dos trabalhadores e dos povos, quantas vezes conduzido pelos próprios partidos social-democratas



As consequências da substituição do socialismo pelo capitalismo são particularmente gritantes na ex-URSS. Com a economia reduzida a metade do que era há poucos anos, com as estruturas básicas duma sociedade moderna deliberadamente destruídas pelas terapias de choque impostas pelo «democrático Ocidente» capitalista, a Rússia enfrenta hoje uma catástrofe demográfica. Segundo as estatísticas oficiais (citadas pela Rádio Europa Livre, 23 e 25/10 e 3/11), a população russa continua a cair, tendo diminuído em mais de meio milhão apenas nos oito primeiros meses deste ano. No ano de 1999, a esperança de vida dos cidadãos russos caiu para 65,5 anos, o que representa um decréscimo de um ano em relação ao ano anterior. Para os homens russos, a esperança de vida é hoje de 59,8 anos, valor comparável ao de países como a Birmânia, o Nepal ou o Bangladesh (Relatório do Desenvolvimento Humano do PNUD, 2000). A manterem-se as tendências actuais, nos próximos 15 anos a população russa diminuirá em 11 milhões de pessoas.

Mas o mundo não pára. Um sistema que, numa era de desenvolvimento científico e tecnológico ímpar, promove desigualdades, regressões sociais, guerras e morte, é um sistema absurdo. Um sistema que gera inevitavelmente resistência e luta. Como afirmam as Teses para o nosso XVI Congresso, «é necessário e é possível inverter, pela luta, o actual rumo da evolução mundial». Não há outra alternativa aceitável.

## Editorial

# A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

A Revolução de Outubro marca de forma impressionante o Século XX. E sendo justo assinalar todos os anos o seu aniversário – pela importância e significado de que se revestiu e reveste enquanto acontecimento maior da história da humanidade – é-o ainda mais neste 83.º aniversário, último deste século. Para os comunistas, para os homens, mulheres e jovens progressistas, para os trabalhadores e os povos, para todos os explorados, humilhados e ofendidos, a Revolução de Outubro constitui uma referência singular, uma demonstração concreta da possibilidade real de construir um mundo melhor, um iniludível ponto de partida na longa e difícil caminhada para a construção de uma sociedade liberta de todas as formas de opressão e exploração.

Trata-se – nunca é de mais repeti-lo – da primeira grande tentativa de construção de uma sociedade nova, livre, justa, fraterna, solidária. Trata-se, por isso mesmo, do advento de uma nova época histórica. Corporizando o sonho de justiça, de igualdade, de liberdade que percorre toda a história da humanidade, a Revolução de Outubro mostrou que esse sonho é possível. E os êxitos por ela alcançados, os avanços civilizacionais que proporcionou, as conquistas políticas, económicas,

ria e da vida o significado da Revolução de Outubro e as suas notáveis conquistas civilizacionais. Tempos em que a luta se reveste de muito particulares dificuldades e que, por isso mesmo, colocam às actuais gerações de comunistas responsabilidades e tarefas de enorme dimensão e lhes exigem enorme determinação, coragem, tenacidade, perseverança e confiança. Tempos que evidenciam de forma flagrante a importância e o papel decisivos da existência de partidos comunistas fortes, interventivos, profundamente ligados às massas, assumindo frontalmente as suas características essenciais, os seus princípios, a sua identidade.

Esse respeito pode ler-se no «Avante!» de 6.11.97: «Experiência de valor universal concretizada na Revolução de Outubro foi também o papel decisivo da acção de um partido com um projecto revolucionário de sociedade e com a prática daí decorrente, claramente assumido como partido de classe, independente, unido, estreitamente ligado às massas trabalhadoras e populares, capaz de as organizar, mobilizar e dirigir, ganhando o seu apoio para a luta revolucionária. Lénine foi o principal inspirador desse partido, ao qual cabe o mérito de ter sido o dirigente colectivo da Revolução de Outubro; foi o fundador do Estado Soviético criado com a Revolução; deu uma contribuição decisiva para a análise das novas realidades históricas desconhecidas no tempo de Marx, para a definição da nossa época e do novo tipo de sociedade que a Revolução se propôs levar à prática. A contribuição de Lénine para o desenvolvimento do marxismo justifica que se tenha passado a designar a teoria revolucionária da época do imperialismo e das revoluções proletárias como marxismo-leninismo, cuja verdadeira natureza, ao contrário da dogmatização e cristalização a que foi sujeito, é ser intrinsecamente um instrumento de análise científica das realidades em mudança e um guia para a acção, que se deve desenvolver e enriquecer com o estudo dos novos fenómenos, processos e experiências».

A citação, ainda que extensa, é justificada por várias e óbvias razões e onde ocupa lugar de destaque o facto de este 83.º aniversário ocorrer a um mês da realização do nosso XVI Congresso. Um Congresso que coloca exigências muito particulares aos comunistas portugueses; um Congresso de um partido forte – mas que quer e precisa de ser mais forte e corrigir deficiências e insuficiências por todos reconhecidas; de um partido activo e interveniente – mas que quer e precisa de ser mais activo e mais interveniente; de um partido solidamente ligado às massas – mas que quer e precisa de reforçar essa ligação; de um partido que se orgulha do seu funcionamento democrático interno – mas que quer e se esforça por aprofundar mais e mais essa democracia interna; de um partido que em todas as suas frentes de intervenção se assume como o grande defensor dos interesses dos trabalhadores, do povo e do país – mas que quer e necessita de ser mais eficaz no cumprimento dessa tarefa essencial; um Congresso de um partido que foi, é e será comunista.

“Esta experiência não cairá no esquecimento. Entrou na história como conquista do Socialismo”

sociais, culturais dela resultantes, o papel decisivo que teve na luta libertadora dos trabalhadores e dos povos, mostraram-nos um pedaço do futuro que constitui a meta última da luta travada e a travar por sucessivas gerações de comunistas – e mostraram-nos, igualmente, que o futuro se conquista com a luta.

«Esta experiência não cairá no esquecimento. Entrou na história como conquista do Socialismo» - afirmou Lénine, numa apreciação às transformações operadas nos primeiros meses da Revolução em que, «tomando o poder nas suas mãos, a classe operária russa desencadeou um amplo e impetuoso processo de transformações políticas e sociais que trouxeram um novo horizonte às experiências revolucionárias». A actualidade daquela apreciação de Lénine é flagrante e assume uma importância particular nos tempos difíceis que vivemos. Tempos em que, por efeito da derrota da experiência iniciada em 1917 – derrota que decorre de uma prática, a dado momento adoptada, de afastamento e afrontamento do ideal comunista e na qual teve, igualmente, papel preponderante, a ofensiva do capitalismo internacional –, uma nova ordem imperialista de cariz totalitário procura apagar das páginas da histó-

## Actual Os que vão perder

• José Casanova

Diz-nos João Carlos Silva, no «Público», que a cobertura da campanha eleitoral nos EUA se centrou em duas questões essenciais: «Bush é um idiota competente?» e «Gore é um mentiroso compulsivo?». Colocados perante tão estimulantes interrogações, os dois candidatos procuraram responder-lhes o melhor que podiam e sabiam. Segundo consta, ambos terão logrado semi-convencer o eleitorado: Bush terá confirmado ser «idiota» - mas «com pose de estadista»; Gore terá confirmado ser «mentiroso» - mas «cauteloso» e «contido». Daí o facto de as sondagens apontarem para um empate: metade do eleitorado norte-americano prefere o «idiota», a outra metade opta pelo «mentiroso» - e a ninguém interessa saber qual a diferença, se é que a há, entre os programas eleitorais de um e de outro.

Diz-nos o mesmo «Público», na página seguinte, que os dois candida-

tos apresentaram o «combate à pobreza como uma das suas prioridades». Coisa estranha esta de falar em pobreza tratando-se do país mais rico do Mundo, do reino da igualdade de oportunidades, da terra da bem-aventurança! Mas a verdade é que «11,8% da população do país mais rico da Terra» (isto é: «32 milhões de norte-americanos») «vive abaixo do limiar da pobreza». Acontece que «os pobres são dos grupos sociais que menos votam» - nuns casos porque não têm direito de voto, noutros porque se cansaram de votar e de constatar que o seu voto não servia para nada - e, assim sendo, as atenções que lhes foram dadas na campanha pelos dois candidatos resumiram-se a umas vagas e piedosas declarações de intenções. Gore, o «mentiroso», prometeu combater a pobreza através do «reforço dos programas de assistência» - o que o obrigará a tomar as medidas necessárias para que os

ricos sejam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Quanto a Bush, o «idiota», promete combatê-la reforçando a acção das «organizações caritativas religiosas» - o que o obrigará a fazer respeitar o conhecido lema que diz que é preciso que os ricos sejam cada vez mais ricos para poderem dar maiores esmolas aos pobres.

No momento em que escrevo não sei qual dos dois candidatos foi eleito Presidente dos EUA. Sei, no entanto, que seja qual for o vencedor, a defesa dos interesses dos grandes grupos económicos e financeiros estará integralmente assegurada. E sei que, seja qual for o vencedor, entre os muitos que vão perder estarão os 32 milhões de pobres.



## Gestão privada

• Edgar Correia

Noticiou o *Diário Económico* há dois dias que «o governo vai entregar à banca a gestão de 120 milhões de contos de acções e obrigações que integram o activo do fundo de capitalização da Segurança Social», o que «corresponde a cerca de 20% da carteira», e que «o modelo de subcontratação deverá passar pela fixação de uma taxa mínima de rendibilidade que as sociedades gestoras deverão assegurar».

Constitui um verdadeiro escândalo o facto de uma entidade pública que deve a sua existência exactamente à necessidade de gestão pública das reservas da Segurança Social - o Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social (IGFSS) - transferir uma parte das suas responsabilidades para o sector bancário, com o inerente pagamento a este de custos pela «gestão da carteira».

Esta via introduz uma outra contradição que não é menor, respeitante às opções que a entidade bancária que for escolhida passará a fazer na gestão desses 120 milhões de contos das reservas do sistema público da Segurança Social. É que essas opções passarão naturalmente a obedecer aos seus interesses privados, que só por simples acaso coincidirão com os interesses da economia nacional. Imagine-se, por sim-

ples exemplo, que a entidade gestora dos recursos da Segurança Social decide adquirir acções de uma multinacional tornadas atractivas pela decisão de encerramento de uma unidade fabril no nosso país e a sua deslocalização para qualquer «paraíso» lucrativo, mais ou menos distante. Não representa isto uma situação em que os recursos da Segurança Social, que assenta nos descontos feitos sobre o trabalho, irão afinal conduzir à redução dos postos de trabalho no nosso país, com o concomitante aumento de despesas (subsídio de desemprego) e a redução das contribuições para o sistema?

Representando este propósito do IGFSS, de privatização da gestão de recursos da Segurança Social, uma medida claramente contrária aos interesses do sistema público e que ainda não há muito tempo o Governo proclamava, em palavras, estar empenhado em defender, não se impõe confrontar a tutela com as suas responsabilidades nesta situação? E não é de reclamar, antes de qualquer decisão final, que seja obrigatoriamente ouvido o Conselho Nacional da Segurança Social, organismo de cujo executivo, previsto na nova Lei de Bases recentemente aprovada na Assembleia da República, faz parte a CGTP-IN.

## Antes que a morte nos separe

• Aurélio Santos

Chamem-lhe escada de ataque ou arma de arremesso; descasque ao céu ou «conquista do Palácio de Inverno»; chamem-lhe ideias proibidas - e quantas vezes oficialmente consideradas subversivas. Mas afinal tão fortes que deixaram alguns a pasmar, outros muitos a brilhar no entusiasmo da luta por elas e ainda outros - a minoria, mas com a grande maioria dos detentores de um dinheiro comandante - a dizer que tal coisa nunca poderia acontecer. E começada em meados do século XIX, esta ideia percorreu mundo. Chamou-se-lhe comunismo.

A audácia de dar vida ao sonho aconteceu há 83 anos neste 7 de Novembro (Outubro segundo o antigo calendário russo). O ideal comunista furou a História em 1917, como projecto transmutado em experiência concreta.

E um pensamento já vivido perguntará: valeu a pena?

Lembra-me a minha avó, honesta, bondosa, bonita a mais não poder, que me repetia com paciência: «Filho, não te enganes. Neste mundo sempre

haverá ricos e pobres». E dessa verdade não saía, tão arreigada lhe estava à pele dolorida.

Há um coro difamatório e anticomunista, hoje mais altissonante em poeiras de derrocada das primeiras experiências do socialismo, que diz não. Conhecemos-lhe bem a voz fúnebre desde há quase um século. Mas por cima do coro ergue-se outra voz que clama como um grito: sim, valeu a pena! E há também Fukuyamas que se esforçam por dar fundamentação teórica àquela desolada resignação da minha avó, proclamando o capitalismo como «fim da História».

Mas dependerá a História da vontade publicada e predicada pelos Fukuyamas deste mundo?

Em percurso devorador, o capitalismo à solta desde a liquidação do socialismo como sistema mundial, tem acelerado um processo histórico que contém em si próprio o crescimento negativo dos seus efeitos.



## Frases

«Os filhos menores dos portugueses têm o (mau) hábito de assistir aos noticiários da televisão, superpovoados de triunfantes alforrecas governamentais, parlamentares, autárquicas e intelectuais. Não os habituemos desde já à ideia segundo a qual estão condenados a viver numa colónia de vira-casacas. Poupem-nos, «tá bem»?»

(António Rego Chaves, Diário de Notícias, 7.11.00)

«Subsistem dúvidas de que o Orçamento do Estado seja um êxito de bilheteira, mas é, seguramente, a mais hilariante comédia em cartaz na política portuguesa.»

(Miguel Coutinho, Focus, 6.11.00)

«A forma como [Paulo Portas] reagiu à «traição» de um seu deputado [Daniel Campelo] revelou, por um lado, falta de autoridade; por outro, ciúme. Portas, que viabilizou o Orçamento do ano passado, falou como uma virgem pudica, mas soou como uma noiva enjeitada.»

(Filipe Santos Costa, idem, ibidem)

«A que ponto chegámos nós - o cretino do regime, que ainda há pouco fazia greve de fome no Parlamento, ainda acaba como salvador da pátria!...»

(Sérgio Figueiredo, Diário Económico, 6.11.00)

«O que se passou com Campelo é tão natural e tão vulgar que não posso deixar de vir aqui defender o homem. Em primeiro lugar, porque representou, no quadro das comemorações do centenário de Eça de Queirós, o melhor contributo para a evocação do escritor.»

(Francisco Moita Flores, Diário de Notícias, 6.11.00)

«Não estou sozinho, quando me sinto bem comigo próprio.»

(Daniel Campelo, Público, 7.11.00)

«O que desta vez amedronta os políticos, por ideologia, é o debilitar contínuo do Estado social numa Europa onde os governos na generalidade são dominados (...) por socialistas, ou socialistas acolitados por ex-comunistas.»

(Figueiredo Almaça, Diário Económico, 3.11.00)

«Ninguém quer tratar o Estado como serviço público, porque o Governo é o primeiro a não o fazer. Ninguém quer abdicar da cunha, da mentira e da aldrabice porque o Governo, com o preço do petróleo, os empregos nos postos de chefia e as acções das empresas privatizadas, deu exemplo do contrário.»

(António Barreto, Público, 5.11.00)

«Por vezes, quando há canonizações do tipo «compre um e leve dois» - como aconteceu com a beatificação conjunta de Pio IX e João XXIII -, cada um leva o seu e deixa o outro na loja. Quem gosta de Pio IX não pode com João XXIII e quem plantou João XXIII no coração não gasta uma Ave Maria com Pio IX.»

(Frei Bento Domingues, O.P., idem)



## Três dias de debate no Parlamento põem em evidência Orçamento do PS é mau

**E**ncerrou ontem o debate na generalidade do Orçamento do Estado para 2001. Das posições em confronto, após três dias de discussão, nada de substancialmente novo veio alterar o quadro em que previamente se posicionaram as várias forças políticas.

O Orçamento foi aprovado na generalidade, com os votos do PS e a preciosa «abstenção» do deputado Campelo, que assim, tornando-se independente por um dia, viabilizou os planos do Governo. Toda a oposição, porém, se manifestou contra o OE.

Do lado do PSD e CDS/PP, as críticas, em traços gerais, foram dirigidas para o que consideram ser um crescimento exagerado da despesa pública. Uma acusação no mínimo curiosa já que foi este precisamente um dos pontos a que o Governo

disse ter dado resposta positiva no Orçamento ao proceder, segundo declarações do próprio Ministro das Finanças, a «uma redução significativa» da taxa de crescimento relativa à despesa pública. Sendo esta uma questão cara aos partidos da direita e sabendo-se como o Primeiro-Ministro a erigiu também em questão ideológica central do debate orçamental (disse em Março último em resposta a Cavaco Silva), legíti-

mo é concluir, pois, ter sido uma clara opção sua preparar um Orçamento destinado a receber o apoio da direita parlamentar.

A Pina Moura se deve também a afirmação - com que procurou expor os méritos do Orçamento e a necessidade de o viabilizar - de que este «mantém as características identificadoras de outros apresentados por António Guterres». Ou seja, conser-

levaram o PSD e o CDS/PP a viabilizar todos os orçamentos anteriores.

Ora, tais palavras, recordadas por Octávio Teixeira na sua intervenção inicial, são a confissão expressa de que o Orçamento «acolheu e deu provimento às teses da direita». Por outras palavras, ainda segundo o líder parlamentar comunista, «as razões fundamentais que o próprio Governo sublinha como identificadoras da bondade do Orçamento e justificativas da sua viabilização pela AR não deixam margem para dúvidas de que

o Governo preparou um Orçamento que queria fosse apoiado pela direita parlamentar».

Octávio Teixeira expôs assim os fundamentos que sustentam a crítica e condenação do PCP à opção política do Governo, desmontando, simultaneamente, aquela que foi a manobra ulterior por este simulada de «viragem à esquerda» quando percebeu faltarem-lhe os apoios à direita sempre antes obtidos. Uma atitude que o dirigente comunista classificou de ilegítima e «politicamente intolerável».

**O Orçamento foi  
talhado para ser  
apoiado pela  
direita  
parlamentar**

## Um inequívoco não

Se nas suas grandes linhas de orientação o Orçamento tem claramente a marca de uma política de direita, tornando inquestionável o voto contra do PCP, é na abordagem às questões concretas que melhor ainda se podem compreender os motivos que levam os comunistas a adoptar uma atitude de firme oposição a um diploma que consideram «mau» para os trabalhadores e o País.

Lembradas no decurso do debate foram concretamente algumas das condições tornadas públicas pelo secretário-geral do

PCP na Festa do «Avante!» para que se pudesse operar um quadro de viragem política à esquerda. A nenhuma dessas reclamações, porém, o Governo foi sensível ou deu acolhimento no Orçamento do Estado.

É o caso da promoção de políticas salariais tendentes a melhorar o nível da vida dos trabalhadores e a obter uma mais justa repartição do rendimento nacional. Ao contrário, como sublinhou Octávio Teixeira, o Governo inscreveu uma dotação orçamental que consagra a sua «vontade de impor um efectivo congelamento real dos salários e de não compensar o acréscimo de 0,8 por cento da inflação registada no ano corrente face à previsão que serviu de base à negociação salarial».

### Alienar património

Plano em que o Executivo fez também orelhas moucas à reclamação do PCP foi o do processo de privatizações, responsável pela eliminação de muitos postos de trabalho, pelo «enriquecimento ilícito e imoral de grupos económicos» e pelo rápido controlo por estrangeiros de sectores-chave da economia nacional. Não satisfeito, o Governo prepara a alienação de mais património público em sectores estratégicos. A previsão inscrita no Orçamento aponta para vendas na ordem de mais 400 milhões de contos.

Sintomática foi igualmente a forma como respondeu à exigência do PCP no sentido de «pôr termo à crescente tutela e subordinação da política do Ministério da Saúde pelos grandes interesses económicos», bem como à necessidade de «reorganizar, modernizar e humanizar o Serviço Nacional de Saúde». A verdade é que nem uma coisa nem outra parecem preocupar o Executivo. Demonstrou-o Octávio Teixeira ao observar que o Orçamento, neste capítulo, é «completamente falho de credibilidade e de rigor» e nele estão presentes de modo claro «retrocessos» relativamente a orientações políticas que visavam melhorar a eficiência na prestação de cuidados de saúde.

Domínio onde igualmente divergem PCP e Governo é o da

Segurança Social. Na sequência da aprovação da Lei de Bases da Segurança Social, como assinalou o líder parlamentar comunista, esperava-se a realização de «uma verdadeira reforma democrática» e a mobilização de «recursos para uma acentuada melhoria das pensões e reformas». Nada disso aconteceu, recordou, e, ao invés, assistiu-se à continuação de uma «política miserabilista de actualização de valores» que mantém nos limites da sobrevivência uma grande maioria dos pensionistas e reformados.

### Não à chantagem

E mesmo no que diz respeito à reforma fiscal - seguramente uma das questões de maior relevo colocadas pelo PCP, na perspectiva de uma redução da carga fiscal sobre os trabalhadores, de combate à evasão e fraude fiscais, e pela tributação do grande capital e das grandes fortunas -, se é certo que o Governo acabou por ver-se obrigado a ir ao encontro de algumas exigências e propostas apresentadas pelos comunistas, não é menos verdade que logo a seguir fez estragos ao querer associar a concretização desta importantíssima reforma à aprovação do Orçamento.

Uma posição que, recorde-se, a bancada comunista considerou desde a primeira hora uma inadmissível chantagem política. Que teve, aliás, outras expressões de igual calibre e sentido idêntico. A elas se referiu Octávio Teixeira, lembrando o caso da decisão de subtrair à reforma fiscal a matéria relativa à tabela de escalões e taxas do IRS, a recusa em iniciar o processo negocial com os sindicatos da Função Pública, a não entrega atempada do PIDDAC regionalizado ao Parlamento.

E a que se juntou ainda um rol de ameaças aos agentes da PSP, aos utentes do SNS, aos professores e alunos. Ameaças de não desagravamento dos impostos, de não aumento dos salários, de não pagamento de subsídios, de não haver investimentos na Saúde e na Educação, tudo em nome da aprovação do Orçamento.

«Só lhes faltou ressuscitar os «frigoríficos» de Cavaco Silva», referiu o líder parlamentar do PCP, para concluir que, «neste campo, o despudor é total, a demagogia campeia infrene».



# Um encontro fascinante

• Lino de Carvalho

A delegação parlamentar portuguesa que recentemente visitou Cuba teve uma oportunidade singular. Durante mais de oito horas reuniu com Fidel Castro. Independentemente das diferenças ideológicas dos membros da delegação portuguesa as opiniões coincidiam todas num ponto. É que os dois encontros com Fidel e outros dirigentes do Partido Comunista e do Estado e o contacto com a revolução cubana permitiram desfazer e estilizar ideias preconcebidas. De Fidel, para além de conversador nato, retém-se a ideia principal de um dirigente que, apesar de estar há quarenta anos no poder não se deixou nele instalar, acomodar-se às respectivas mordomias, distanciar-se do povo. Bem pelo contrário. Misto de idealismo martiniano e de marxismo-leninismo, o processo cubano tem o condão de manter uma viva relação com o povo e uma ética completamente inatacável. Apesar do criminoso e sectário bloqueio norte-americano (recentemente agravado), Cuba desenvolveu uma política social única no mundo, designadamente em matéria de saúde e educação gratuitas para todos. Basta dizer, por exemplo, que Cuba tem um médico por cada 27,8 habitantes (o mais elevado indicador do mundo) e dos mais altos padrões em matéria de qualidade e investigação. Neurocirurgia, oftalmologia e doenças da pele são áreas de ponta, procuradas por pacientes de todo o mundo. Ao todo existem em Cuba 21 Faculdades de Medicina com 22 000 estudantes. O sistema educativo não se limita à vida escolar. Procura desenvolver um sistema de formação-educação permanente. É por isso que está a ser construído um projecto chamado de "cultura integral" (que faz lembrar as ideias do nosso Bento de Jesus Caraça). Quanto à economia, Cuba já terá passado o seu pior momento, após o desaparecimento da União Soviética. Apesar de um nível geral ainda modesto, o PIB cresceu 6,0% em 1999, o rendimento *per capita* 5,6% e a política económica procura diversificar as áreas produtivas e aumentar a eficácia e os níveis de produtividade. As indústrias turísticas, agro-pecuária, de açúcar e de produção de níquel assumem um papel de relevo. Mas também, e mais recentemente, a exploração de petróleo, procurando assim diminuir a dependência energética e combater o bloqueio norte-americano. A abertura da economia ao investimento estrangeiro é outro objectivo que está em curso. Quanto ao sistema político, ponto de ataque dos que se opõem ao regime cubano, é preciso ver para além das aparências. É uma verdade que estamos num regime de partido único. E tendo

consciência disso os responsáveis cubanos entendem que, nessas condições, o funcionamento interno e a actuação externa do Partido têm de ser o mais aberta e transparente, com um cuidado extremo na auscultação de opiniões e críticas e na abertura à sociedade cubana, sem derivas sectárias e burocráticas, com uma atenção particular à renovação e rejuvenescimento de quadros. Mas sendo um regime de partido único não dispensa os processos eleitorais. A inscrição nos cadernos eleitorais é universal, automática e gratuita. As listas de eleitores são públicas. O primeiro nível do sistema são os delegados de circunscrição eleitoral que se agrupam em conselhos populares e integram as assembleias municipais. Os candidatos para estas funções (de dois até oito para cada lugar) são livremente propostos e eleitos directa e nominalmente pelos eleitores em reuniões públicas dos diversos bairros que compõem cada circunscrição eleitoral. Para se ser eleito cada candidato tem de receber, pelo menos, 50% dos votos válidos. O segundo nível tem a ver com a eleição de deputados às Assembleias Provincial e Nacional. Aqui, as Assembleias Municipais propõem as listas de candidatos que são submetidas ao sufrágio universal. Todas os órgãos são eleitos de cinco em cinco anos. Como afirma o Prémio Nobel de Economia, Amartya Sen, as liberdades políticas favorecem a segurança económica. As oportunidades sociais facilitam a participação económica. A abertura económica ajuda a melhorar o nível de vida individual assim como a libertar fundos públicos para os serviços sociais. As liberdades de ordem diferente reforçam-se e condicionam-se umas às outras. Embora ainda com muitas dificuldades, como no caso do sistema de transportes, e algumas fragilidades na, por exemplo, teorização do combate à globalização neo-liberal, através da aposta nas integrações regionais e, daqui, a defesa da União Europeia e da moeda única, como resposta à dominação da economia do dólar o que é contraditório com uma justa linha estratégica de defesa da soberania e para a qual o recurso à defesa da identidade cultural de cada povo não me parece suficientemente consistente, este é o caminho que Cuba procura trilhar e para o qual merece a solidariedade de todos nós.

*P.S. A propósito da polémica sobre a viabilização do OE por um deputado do CDS/PP repararam como quase ninguém lembra a multiplicação de deputados do queijo e o consequente agravamento da instabilidade do sistema democrático que explodiria com a criação dos círculos uninominais?*

«Vacas loucas» voltam a suscitar preocupações

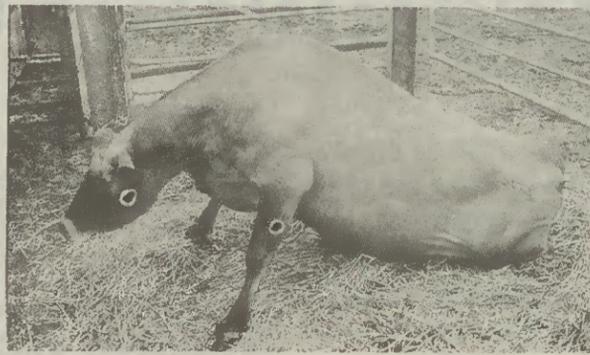
## Governo sem respostas

**A doença das vacas loucas volta a concitar as atenções gerais. Depois de um período de aparente acalmia, o assunto, pelas piores razões, retorna às primeiras páginas dos jornais por essa Europa. É o regresso do tormento de agricultores e consumidores.**

Também na Assembleia da República a questão veio a lume, na passada semana, em

de Carvalho acusou o Governo de «não ter uma posição determinada na destruição desses materiais». Afirmou mesmo que o problema só persiste porque o Executivo optou por «poupar no Orçamento à custa da tranquilidade dos portugueses», quando é certo que

**No País entram produtos alimentares sem que haja uma fiscalização eficaz**



olhar muito atento sobre o problema.

Elencados pelo parlamentar comunista foram quatro factores que do seu ponto de vista justificam não apenas a preocupação como a tomada de decisões por parte dos órgãos de soberania. Desde logo, salientou, estão as condições de extrema precariedade em que se encontram armazenadas em vários pontos do País as muitas toneladas de materiais de risco provenientes do abate de bovinos infectados com a BSE. Considerando que é a saúde pública que está em risco, Lino

de Carvalho não tem meios tecnológicos para o resolver então haveria sempre a possibilidade de recorrer à Bélgica ou à Alemanha, países onde se procede à destruição daqueles materiais contaminados.

### Falta de controlo

Um segundo aspecto para o qual Lino de Carvalho chamou a atenção prende-se com o que considerou ser a «ausência de um sério e eficaz sistema de controlo e fiscalização alimentar». A este propósito, citando a

Associação Portuguesa de Direito do Consumo, afirmou que «toda a sorte de artigos alimentares entra nos mercados portugueses sem que seja exercida uma fiscalização minimamente digna de registo». Por si lembradas foram ainda palavras do Presidente da Associação Sindical da Inspeção Geral das Actividades Económicas quando este diz que «o número de acções de fiscalização por parte do IGAE decrescer extraordinariamente», passando de 88 546 inspecções em 1995 para cerca de 12 000 em 1999.

A inexistência de uma «política integrada e articulada entre os vários ministérios e responsáveis ministeriais», seja no plano da Saúde ou do Ambiente, da Agricultura ou da Defesa dos Consumidores, constitui outra das falhas apontadas ao Governo pela bancada comunista, que cita neste plano como exemplo a manutenção de «estratégias descoordenadas» em termos da saúde animal e da saúde pública.

Verberada com dureza por Lino de Carvalho foi, por último, a «ausência de uma intervenção política determinada do Governo para acabar com o embargo da União Europeia à carne de vaca portuguesa». Uma postura que considerou suspeita e que, em sua opinião, só pode querer dizer uma de duas coisas: ou a Comissão Europeia não tem razão - como diz o Ministro - em manter o embargo e é de todo incompreensível que o Governo não denuncie esta posição e a combata energicamente; ou a Comissão tem razão e nesse caso bem se compreende a passividade do Governo só explicável «porque tem a consciência pesada das medidas que não toma».

## Alterações à Lei das Finanças Locais Corrigir erro e lacunas

Garantir a recuperação e sustentabilidade financeira das autarquias, tal é, em síntese, o principal objectivo do projecto de lei que altera a Lei das Finanças Locais. Debatido no final da passada semana conjuntamente com uma proposta de lei do Governo, o diploma comunista trata de preencher lacunas e corrigir aspectos negativos que marcam a vigência da Lei desde a sua aprovação em 1998. Questões para as quais na altura a bancada do PCP chamou a atenção mas que o Governo PS resolveu não acolher.

Está ainda por saber se não voltará a repetir o erro no processo legislativo em torno destes diplomas, hoje sujeitos à votação da Câmara. O que se sabe para já, da leitura do diploma do Governo, é que a sua proposta no plano das compensações aos municípios foi vivamente criticada

pelo deputado comunista Honório Novo, que considerou não ser aceitável que aquelas «se façam integralmente por transferência entre municípios».

Isto porque, no entender da bancada do PCP - e é nesse sentido que vai uma das suas propostas -, não só devem ser garantidos mínimos de crescimento a todos os municípios como há que assegurar também que as «compensações a atribuir para garantir tais mínimos sejam apenas feitas à custa dos valores que excedam determinados tectos definidos em Lei e, se necessário, à custa de transferências adicionais do Orçamento do Estado».

Entre as propostas do PCP merece ainda destaque a que preconiza um aumento percentual de dois pontos na verba global posta à disposição das autarquias, isto é, a

passagem dos actuais 33 para 35 por cento da média aritmética simples das receitas provenientes do IRS, IRC e IVA.

Sublinhada no debate por Honório Novo foi ainda a proposta subscrita pela sua bancada no sentido de que as transferências de novas atribuições e competências para os municípios se processe através de dispositivos previstos em Lei que clarifiquem os correspondentes meios financeiros.

Referência merece igualmente a medida que visa alterar o enquadramento legal que limita drasticamente o acesso ao crédito por parte das freguesias. Trata-se de permitir, em suma, que estas possam recorrer ao crédito de média e longa duração por forma a concretizarem planos de investimento local que beneficiem as populações.

## Melhores pensões

A CGTP considera que os novos valores das pensões mínimas ainda são insuficientes, o que é agravado pelo facto de elas abrandarem a esmagadora maioria dos reformados. Num comentário às actualizações anunciadas pelo Governo, a central salienta que foi graças à acção dos sindicatos, juntamente com os reformados, que nos últimos três anos dezenas de milhares de pensionistas viram as suas pensões melhoradas, atingindo hoje 59 630\$00, para os que têm mais de 40 anos de contribuições, e 41 150\$00, para os que têm mais de 15 anos. Estes novos valores foram alcançados com a indexação ao salário mínimo nacional, defendida pela Inter. Sem esta alteração, todos os reformados receberiam apenas 38 760\$00, como os que têm menos de 15 anos de descontos. Mas mesmo estas reformas serão indexadas ao salário mínimo a partir do final de 2001. Também é condenada pela CGTP a política do Governo em relação às pensões acima das mínimas, prejudicadas pela subida da inflação. Deve ser melhorado ainda o complemento por dependência, reclama a Intersindical, que vê esta prestação com crescente importância, tendo em conta o aumento do número de pessoas idosas dependentes.

## STCDE

Os 25 anos do Sindicato dos Trabalhadores Consulares e das Missões Diplomáticas foi assinalado em Paris, no dia 4 de Novembro, com um colóquio na Casa de Portugal da Cidade Universitária, no qual participaram actuais e antigos sindicalistas e convidados ligados aos serviços consulares e às comunidades portuguesas. Na comemoração foi colocado enfoque na luta pelo estatuto profissional.

## Livro

Manuel Carvalho da Silva participou segunda-feira à tarde, no auditório da RDP em Lisboa, no lançamento do seu livro «Acção sindical - transformação e desenvolvimento», obra que resultou da dissertação final da sua recente licenciatura em Sociologia. Outras iniciativas semelhantes tiveram lugar a 31 de Outubro, em Braga, e ontem, no Porto. Em Coimbra o livro será apresentado na próxima terça-feira, na Casa Municipal da Cultura.

## Ex-Messa

Estão ainda por pagar os créditos dos trabalhadores da ex-Messa, após a falência, no final dos anos 80, e a venda das instalações em hasta pública. Para denunciar «aspectos problemáticos» da actuação do tribunal e exigir solução para o problema dos trabalhadores, o SIESI convocou para hoje de manhã uma conferência de imprensa, nos Bombeiros Voluntários de Algueirão-Mem Martins.

## Orçamento dos trabalhadores resolve-se com luta

# CGTP marca acções

Ontem teve lugar um plenário frente à AR, onde se discutia o OE. Nova jornada está em preparação para a semana que começa dia 20.

Dirigentes e delegados sindicais de todo o País acompanharam ontem, com um plenário nacional no exterior do Palácio de São Bento, a votação do OE na generalidade. Insistindo na mesma política, o Governo só pode contar com a coerente e justificada oposição dos trabalhadores e do movimento sindical unitário. Para dia 23, na Praça do Município, está já convocada uma manifestação promovida pelas estruturas distritais de Lisboa e Setúbal da CGTP.

### Apertão com inflação

Ao avançar, na semana passada, com alguns comen-

tários à proposta de Orçamento de Estado para 2001, apresentada pelo Governo, a CGTP apontou que, «a exemplo do que sucedeu em anos anteriores, a previsão aponta para valores irrealistas da inflação, da ordem dos 2,7 a 2,9 por cento, e pretenderá, uma vez mais, ser utilizada para condicionar a evolução dos salários». A central recordou que «nos últimos três anos, as metas da inflação fixadas pelo Governo nunca foram cumpridas, tendo-se registado um desvio total de 1,8 pontos percentuais, o que teve consequências negativas sobre o crescimento dos salários reais, que ficou aquém do previsto».

Além de contestar a repeti-



Só a luta dos trabalhadores tem permitido atenuar os efeitos das sucessivas burlas da inflação prevista (foto de arquivo)

ção do uso do referencial de inflação para, sobretudo, manter o baixo nível salarial praticado no País - e agravado pelo mau exemplo que o Governo

dá às empresas, tanto nos valores adiantados para os trabalhadores da Administração Pública, como na forma de negociar - a CGTP refere,

num extenso parecer divulgado à comunicação social (e em que pode ser consultado na Internet, em <www.cgtp.pt>), mais alguns motivos de preocupação para os trabalhadores e os sindicatos.

Merecem especial destaque as matérias de política fiscal, depois de seis anos em que o PS e António Guterres vêm repetindo promessas mas, de facto, nada têm feito para modificar as profundas injustiças e desigualdades, a escandalosa evasão e fraude fiscal, os benefícios fiscais sem justificação social ou económica, a reduzida tributação do património imobiliário, a praticamente nula tributação do património mobiliário e dos rendimentos do capital, a elevada carga fiscal que incide sobre os trabalhadores por conta de outrem (que asseguram a quase totalidade das receitas fiscais).

## Colégios privados com mais dinheiros públicos

O Sindicato dos Professores da Região Centro afirma que a proposta de Orçamento de Estado para 2001 «persiste em pôr os contribuintes a financiar os colégios privados».

Para o SPRC, o valor do próximo OE a atribuir aos colégios privados é de cerca de 36,6 milhões de contos, sendo 31 milhões de contos para «contratos de associação» através das

direcções regionais de educação. Em comunicado, citado pela Agência Lusa, o sindicato realça que esse montante representa um valor de 514 contos por aluno para os contratos de associação (60 420 alunos distribuídos por 97 colégios), cerca de metade do que recebem, através do OE, os estudantes das escolas profissionais.

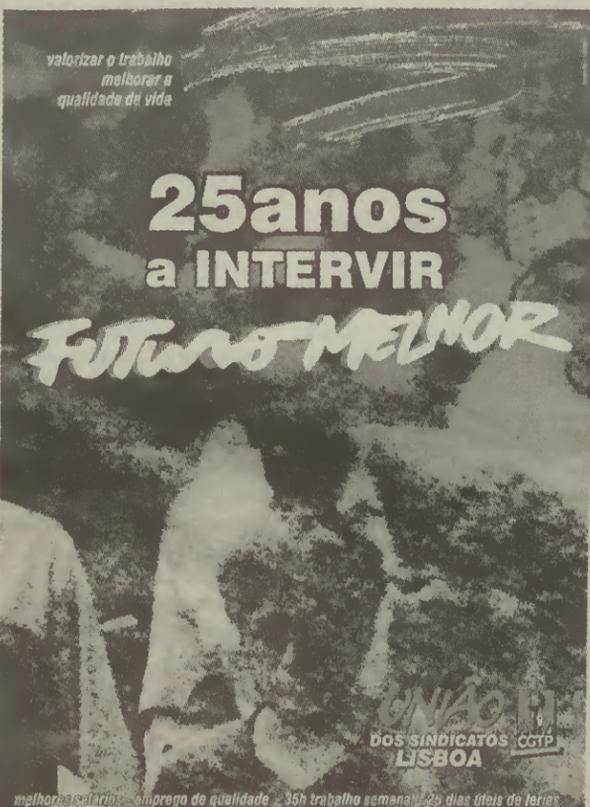
De acordo com o SPRC, as 160 escolas profissionais,

públicas e privadas (com 30 300 alunos), recebem cerca de 7,7 milhões de contos, ou seja, perto de 254 contos por ano e por aluno.

«Pode concluir-se que o Governo se prepara para continuar a privilegiar os colégios privados. As escolas públicas confrontam-se anualmente com cortes orçamentais e, por exemplo, as escolas profissionais vivem uma grande asfixia financei-

ra, como recentemente se tornou público», acentua. Na perspectiva do SPRC, «o contraste é evidente entre a situação das escolas públicas, que contam os seus tostões para sobreviverem, e a dos colégios, que em apenas dois anos (do ano económico de 1999 para o OE de 2001) vêem a verba correspondente aos «contratos de associação» aumentar 41 por cento».

## União dos Sindicatos de Lisboa festeja o valor da luta



Uma sessão comemorativa, com a participação de centenas de sindicalistas e alguns antigos dirigentes e funcionários, assinalou na segunda-feira à noite, no Forum Roma, o 25.º aniversário da constituição da União dos Sindicatos de Lisboa, sob o lema «25 anos a intervir por um futuro melhor».

O secretário-geral da CGTP, na saudação que dirigiu ao auditório, fez questão de salientar que a USL e os sindicatos do distrito têm tido, ao longo destes anos, um papel determinante para o sucesso de muitas lutas dos trabalhadores, com repercussões de âmbito nacional. Carvalho da Silva recordou os 30 anos decorridos desde a criação da Intersindical e centrou a sua intervenção de encerramento nas questões do presente momento político, com realce para a discussão do Orçamento de Estado e o prosseguimento do combate pela valori-

zação do trabalho e pelos interesses dos trabalhadores.

### USL de Abril

«A fundação da USL está indissociavelmente ligada às transformações democráticas operadas em Portugal com a Revolução de Abril de 1974», afirmou Arménio Carlos. O coordenador da União e membro da Comissão Executiva da CGTP lembrou que a estrutura foi constituída no Verão de 1975, «por decisão dos sindicatos do distrito e de acordo com a nova estrutura de funcionamento orgânico da CGTP». Desde então, tem realizado «uma acção cujo pressuposto fundamental radica na defesa e melhoria dos direitos dos trabalhadores, nomeadamente os que trabalham e vivem no distrito de Lisboa».

Arménio Carlos referiu que, perante «um conjunto de trans-

formações no plano político, económico, social e cultural, ocorridas de forma vertiginosa num espaço de 25 anos», a vida da USL «reflecte a história, vida e luta dos trabalhadores do distrito de Lisboa». Nas «muitas batalhas que tivemos que travar», recordou os «momentos cruciais e inesquecíveis da Revolução» e os outros «momentos em que foi necessário combater os que, chegando ao poder, o utilizaram para dar sequência a políticas retrógradas».

Na actualidade, «é inadmissível que, em resultado do aprofundamento do processo de globalização, se verifique o aumento das desigualdades a nível mundial». O coordenador da USL/CGTP notou que, «no entanto, apesar da correlação de forças no plano internacional continuar desequilibrada, cresce o número dos que recusam ser agentes passivos e, por isso, combatem este modelo político e económico».

## Turismo

«Receptividade apreciativa» foi demonstrada pelo secretário de Estado do Turismo na recente reunião que teve com a Federação dos Sindicatos de Hotelaria e Alimentação. Um comunicado da Fesaht/CGTP dá nota de que foram apresentadas àquele governante as reivindicações saídas do congresso da federação, em Maio, tendo em vista a melhoria das condições de vida dos trabalhadores e a qualidade de prestação de serviços no sector. Entre estas, a federação refere os salários, as carreiras profissionais e formação valorizante, a organização do tempo de trabalho, com redução deste para as 35 horas semanais, o alargamento das férias para 25 dias, as condições de higiene, saúde e segurança, o combate à precariedade e às ilegalidades, a justiça fiscal, a dinamização do ingresso de jovens e da permanência de profissionais no sector. A federação aguarda agora do secretário de Estado «a vontade necessária e suficiente para fazer as diligências com vista à tomada de medidas que possam melhorar a vida dos trabalhadores e a dignificação do sector».

## LNEC

A **disciplinarite** está a afectar o Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Um comunicado da Comissão Sindical da Função Pública (STFPESA) refere «vários casos em que a Direcção se propõe usar o estatuto disciplinar para resolver pequenos problemas laborais», um procedimento que não era conhecido anteriormente e «configura incapacidade de resolver problemas, que sempre vão ocorrendo, pela via do diálogo, da persuasão e no exercício de uma autoridade aceite». A Comissão Sindical aponta a transferência compulsiva de um dos seus membros, «corolário de um longo diferendo com a responsável do sector por motivos de ordem profissional».

## DREL

O **direito à amamentação** «é completamente violado pelo Ministério da Educação», denunciou o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa. Numa nota à comunicação social, o SPGL acusa a Direcção Regional da Educação de Lisboa de, com a sua «ineficácia», estar a causar «graves prejuízos nas aprendizagens dos alunos». O sindicato, que prontamente deu conhecimento do problema à DREL, diz que «professores, alunos e encarregados de educação das escolas do 1.º ciclo do Ensino Básico N.º 76, de Lisboa, e N.º 2, da Damaia, desenvolvem as suas actividades numa situação precária, desde o início do ano lectivo, porque não está a ser compensada a ausência, nos períodos de licença para amamentação, das professoras titulares de turma».

Enfermeiros denunciam publicamente a falta de pessoal e a contra-reforma na Saúde

# A paixão da degradação

**O Sindicato dos Enfermeiros Portugueses acusa o Governo de não ter uma política de recursos humanos e apostar na degradação dos serviços públicos de Saúde.**

A acusação foi feita numa conferência de imprensa, durante a iniciativa de denúncia pública que o SEP promoveu durante o passado sábado, no Parque das Nações, em Lisboa.

Ali foi instalado um «hospital de campanha», decorado com faixas protestando contra a falta de 12 mil enfermeiros no País, onde decorreram algumas actividades de promoção da saúde e prevenção da doença, propiciando um contacto mais directo com os visitantes. Foram realizados debates

com representantes dos grupos parlamentares e uma mesa-redonda, com convidados da CGTP e da Ordem dos Enfermeiros.

## O Governo do PS abriu apenas mais 200 vagas nas escolas de Enfermagem

Na conferência de imprensa, a direcção do SEP lamentou que, apesar da carência de enfermeiros ser reconhecida por todos, o Governo ainda não tenha tomado as medidas políticas necessárias para que aumente o número de formandos nas Escolas Superiores de Enfermagem. Declarando não ver qualquer coerência na política do Governo em matéria de



É reconhecida por todos a carência de enfermeiros, mas faltam medidas políticas efectivas de formação de novos profissionais

recursos humanos, o SEP acusa o Executivo de não ter um plano estratégico de formação de técnicos de Saúde e, concretamente, de enfermei-

ros, porque adoptou uma política economicista.

## Faltas e dívidas

Segundo o SEP, existem actualmente 154 876 dias em débito (trabalhados e não gozados) aos enfermeiros. Como se tudo estivesse normal, continua-se ilegalmente a recorrer à programação de horas extraordinárias e a permitir os duplos empregos públicos. Entretanto, salienta o sindicato, continuamos a ser o país da União Europeia com menor número de enfermeiros por mil habitantes: temos 3,2, quando a França tem 5,2, a Dinamarca 6,7 e a Finlândia 11,3.

Quanto ao Governo, considera o SEP que «depois de na anterior legislatura ter sido desenvolvido um trabalho que permitia criar expectati-

vas em torno da defesa do Serviço Nacional de Saúde (SNS), este Governo apostou claramente na degradação dos serviços públicos de saúde, a que a falta de uma política de recursos humanos provavelmente não é alheia». O sindicato alerta que, «a não intervirmos no sentido de defender o SNS, corremos o sério risco de perdermos esta conquista consagrada na Constituição da República».

O SEP decidiu levar a cabo esta iniciativa para sensibilizar a opinião pública para a extrema carência de enfermeiros com que o País está confrontado (situação a que o Governo não dá resposta, fechando as escolas aos milhares de candidatos que querem fazer da Enfermagem a sua profissão) e para denunciar a «verdadeira contra-reforma, liberalizante e de ataque ao SNS».

## Em defesa dos serviços públicos

Estruturas sindicais dos enfermeiros, médicos, professores, trabalhadores da Administração Local e da Função Pública levam a cabo, na próxima segunda-feira, em Coimbra, uma conferência em defesa dos serviços públicos.

Os trabalhos, no Teatro Gil Vicente, iniciam-se às 9.30 horas, com uma comunicação do reitor da Universidade de Coimbra, Fernando Rebelo, e a intervenção de encerramento, cerca das 12.30, será de Manuel Carvalho da Silva. Os promotores da iniciativa contestam a transferência, para privados, de funções que definem a própria essência do Estado, na Educação, na Saúde, na Segurança

Social, na administração fiscal, nos transportes públicos, no saneamento básico, na recolha e tratamento de resíduos sólidos urbanos.

No dia seguinte, o Sindicato dos Professores da Região Centro estará presente em tribunal para ser julgado em consequência das denúncias efectuadas sobre o papel da Direcção Regional de Educação do Centro, em 1998 e nos anos anteriores, de protecção e promoção, de facto, do ensino privado em prejuízo do ensino público. «Isto é», protesta o sindicato, «o SPRC vai ser levado a Tribunal por defender intransigentemente o serviço público de educação».

## Promessas por cumprir na Administração Local

Sindicalistas e outros trabalhadores da Administração Local entregaram sexta-feira ao Primeiro-Ministro um documento em que reivindicam um novo esquema de carreiras, aumentos salariais e o cumprimento de «promessas já antigas» do Governo do PS.

Um dirigente do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local disse

à Agência Lusa que uma proposta apresentada a António Guterres aponta para a redução, de seis para três, das categorias dentro das carreiras da administração, para que haja menos escalões nos salários. José Simões afirmou que o actual sistema de carreiras permite «discrepâncias muito grandes» entre salários de trabalhadores de categorias diferentes. «O

ordenado mais baixo multiplicado por dez não chega ao ordenado mais alto», ilustrou, frisando que a proposta dos sindicatos pretende restringir o leque e aproximar mais os salários.

O dirigente do STAL admitiu que este é um processo que «não pode ser feito à pressa» e necessita ainda de muita discussão entre representantes do Governo e dos

trabalhadores, mas defendeu que agora «é altura de começar a estudar a questão, uma promessa do Governo já com alguns anos».

Os sindicatos da Administração Local querem também que o Governo aumente os salários, acompanhando o nível da inflação. Os trabalhadores das autarquias têm sido prejudicados nas actualizações salariais, quer por estas não terem acompanhado a inflação, quer por terem sido inferiores às registadas em empresas públicas.

«O Governo disponibilizou-se para aumentar até 2,7 por cento os salários da Administração Local este ano, mas isso continua a não chegar, uma vez que no próximo ano é de prever aumentos nos combustíveis e nos juros que farão com que os trabalhadores continuem a perder poder de compra», sublinhou José Simões.

Caso não obtenham resposta às reivindicações, os sindicatos planeiam para o fim do mês uma «grande acção de massas», disse o sindicalista.

Os sindicatos levaram também ao Primeiro-Ministro a reivindicação do **suplemento de insalubridade e risco**, já consagrado na lei e ainda por cumprir. José Simões acrescentou que o STAL pode mesmo apresentar queixa contra o Governo, na justiça, por incumprimento de uma lei da República, que o próprio executivo PS promulgou.

Os sindicatos criticaram a recusa do Primeiro-Ministro a negociar aumentos salariais antes da aprovação do Orçamento de Estado, recusando a ideia de que os aumentos não podem ser discutidos sem saber que verba está disponível para 2001.

O documento entregue a Guterres foi aprovado dia 29 de Outubro, pelo STAL e o Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa, e está em discussão nos locais de trabalho, no quadro da proposta reivindicativa da Frente Comum de Sindicatos da Administração Pública, de que o STAL e o STML fazem parte.

## Greve em Coimbra

Os trabalhadores dos serviços de higiene da Câmara Municipal de Coimbra iniciaram domingo à noite uma greve que se prolongou até ontem, reclamando melhores condições de trabalho e pagamento de suplementos remuneratórios em dívida desde 1998, designadamente ajudas de custo e subsídio de insalubridade, penosidade e risco. Convocada pelo STAL, a greve ameaçava agravar os problemas

resultantes da falta de recolha do lixo, já que na terça-feira foi dia da «Latada», o tradicional cortejo de recepção aos «caloiros» da Universidade de Coimbra, que deixa habitualmente grande quantidade de resíduos nas ruas da cidade.

«Ao contrário do referido pelo senhor vereador Luís Vilar, a Câmara Municipal do Porto paga ajudas de custo e a de Lisboa paga subsídio de insalubridade,

penosidade e risco no valor de 20 por cento do salário-base da respectiva carreira», afirmou o STAL. Por outro lado, pergunta o sindicato, em comunicado citado pela agência, «não terá o senhor presidente conhecimento de que a Câmara Municipal de Coimbra não cumpre com a legislação em vigor, nomeadamente a lei sobre ajudas de custo e a lei sobre higiene e segurança no local de trabalho?»

# Grande Revolução Socialista de Outubro comemorada em todo o País

## Os trabalhadores sabem onde lhes dói

«Um dos grandes ensinamentos que a Revolução Socialista de Outubro nos deixou» é que um Partido revolucionário «necessita de estar armado com princípios sólidos, científicos, verdadeiramente revolucionários» disse Sérgio Vilarigues durante uma das sessões comemorativas do 7 de Novembro promovidas pelo PCP.

Perante cerca de quatro dezenas de camaradas que, no sábado, em Vialonga, participaram na sessão, Sérgio Vilarigues afirmou que «os trabalhadores sabem dizer onde lhes dói» e isso é meio caminho andado para aprenderem a manejar com destreza «a arma poderosa que têm ao seu dispor: o marxismo-leninismo». E «se os capitalistas e todos os exploradores de todos os países se encarniçam tanto pelo apagamento e morte e para retirá-lo para sempre dos manuais e das mentes é porque é bom para a classe operária e as largas massas trabalhadoras, para os povos oprimidos».

Assim, para Sérgio Vilarigues, o marxismo-leninismo é um «guia de acção» e os seus princípios devem ser «estudados com afinco», aplicados e enriquecidos, tendo em conta os avanços e recuos da sociedade, mas «nunca violados, como vem sucedendo em vários países, incluindo o nosso.»

Evocando os acontecimentos que levaram à Revolução de Outubro, lembrou que quando o jovem Lênine foi estudar, trabalhar e viver para Petrogrado «não procurou qualquer círculo de intelectuais para continuar a sua actividade revolucionária com vista à criação do partido revolucionário de novo tipo que considerava absolutamente indispensável para conduzir o

proletariado ao assalto ao poder». Procurou «os centros operários», pois, embora reconhecendo «a importância da participação dos intelectuais», sabia que «só um partido aliado na classe operária, tendo por base o marxismo, seria capaz de mobilizar, organizar e conduzir o proletariado e as massas populares nos mil e um combates necessários para realizar tão importante e gigantesca tarefa».

### Harmonia para alguns

Sérgio Vilarigues chamou, depois, a atenção para a grande campanha ideológica anti-comunista que, para ele, «não tem nada de estranho», é apenas «uma expressão clara da cruenta luta de classes que se processa no nosso país, e não só» ainda que os «democratas» grandes capitalistas e seus serventuários e lacaios até cheguem ao ponto de «proclamar que as classes não existem e que somos todos uma família».

Só que, com tal harmonia e liberdade, com tal família, «a exploração não cessa de aumentar», assim como «a miséria nos lares dos trabalhadores e das massas populares que vivem dos seus salários e de miseráveis pensões de reforma, enquanto fortunas colossais e dezenas e mesmo cente-

nas de milhões de contos se acumulam no lado oposto, isto é nos cofres dos capitalistas exploradores».

O PCP, partido que combate e chama à luta contra tal situação, é, pois, «o inimigo figadal a abater» e todos os meios são bons para o atingir. Mas o PCP, que cresceu, forjou-se e temperou-se sob as mais duras condições da clandestinidade - prisões, torturas, anos e anos nas masmorras fascistas, dezenas de anos seguidos -, como obra dessas fornadas de militantes, da classe operária e de muitos outros trabalhadores, «não pode ser assassinado por quem quer que seja e muito menos por si próprio, porque luta por uma causa justa para as classes trabalhadoras, o povo e o País». Isto, porque «sempre se orientou pelos princípios do marxismo-leninismo», um guia para a acção, a que não devemos atribuir culpas quando erramos.



À sessão seguiu-se um magusto, animado pelos participantes que se distribuíam por mesas

## Parar é morrer

No PCP, «hoje, como no passado, pode-se discutir tudo frontalmente», só que, «conforme rezam os seus Estatutos, sublinhou Sérgio Vilarigues, tal deve ser feito «nos locais próprios - na nossa casa e só aí». Fora, nas empresas, nos locais de concentração das massas trabalhadoras da cidade e do campo, estudantis, intelectuais, etc., discutem-se «as formas de organização para concretizar na prática todás as conclusões e decisões tomadas nessas discussões».

«A indisciplina não pode e não deve ser tolerada num partido comunista. Os Estatutos do nosso Partido foram discutidos em todas as suas organizações e aprovados em sucessivos congressos, tornando-se, por isso mesmo, no seu todo, lei a cumprir e a aplicar obrigatoriamente por todo o colectivo partidário na sua actividade diária». A quem violar esta lei, esteja no topo, no meio ou na base, deverá ser aplicado «sem qualquer hesitação, todo o rigor dessa mesma lei», já que a disciplina partidária, «consentida e aceite conscientemente», é «parte integrante e factor de unidade do Partido e da sua combatividade, do reforço e crescimento da sua organização, indispensáveis para cumprir o seu papel dirigente da classe operária e de todos os trabalhadores portugueses».

«Parar é morrer», diz Sérgio Vilarigues, e os comunistas e o seu Partido «não vieram ao mundo para «ver passar os navios» mas para ajudar a transformá-lo, «com a consciência de que a luta pela sua realização exige esforços e sacrifícios inauditos, que haverá que marchar muitas vezes em ziguezagues, parar algumas vezes

e mesmo recuar para avaliar a situação, para reorganizar e unir novas forças para retomar os combates que é necessário ainda travar até atingir o objectivo final a que nos propusemos».

### Prosseguir batalha ideológica

Segundo Sérgio Vilarigues, «um Partido Comunista sem princípios revolucionários e objectivos precisos bem definidos, e sem uma forte organização onde reine a disciplina, não estará em condições de dirigir o proletariado e as massas laboriosas nos mil e um combates que conduzem ao sucesso. Não chegará a lado nenhum, antes desconjuntar-se-á na primeira curva apertada da estrada» ou «cairá inevitavelmente no pântano putrefacto do oportunismo e da traição. Alguns factos relativamente recentes em vários países, incluindo a própria ex-URSS, aí estão infelizmente a comprovar esta tese».

Para Sérgio Vilarigues, o marxismo-leninismo, hoje como há cerca de um século, continua actual. «Abandoná-lo ou simplesmente deturpá-lo, pretender falsificá-lo ou metê-lo na gaveta, seria condenar os Partidos à morte, ou pelo menos parti-los ao meio, como desgraçadamente sucedeu em vários países onde se observa ex-dirigentes comunistas gerirem servilmente a política dos grandes exploradores capitalistas contra os trabalhadores». Daí que a batalha ideológica deva ser travada por cada um, falando como sabe, embora esforçando-se por falar cada vez melhor à medida que a batalha se desenvolve», pois os conhecimentos e a experiência virão das batalhas em que cada um se envolve e do estudo pessoal».

## Situação social degrada-se em Maia

O concelho da Maia, rico em produção agrícola e forte na produção industrial, está, nos últimos tempos, a perder o seu peso económico e a ver aumentar substancialmente o desemprego.

No ano passado, o encerramento da Texas Instrument e, de material eléctrico e electrónico, levou ao despedimento de 800 trabalhadores, a falência da empresa têxtil Vilalva, após um longo processo de não pagamento de salários aos trabalhadores, traduziu-se pela desemprego de outra centena e meia de trabalhadores, já depois de, em 1998, a Finmaia, devido ao incumprimento de um prometido processo de viabilização ter igualmente levado ao desemprego de cerca de outros 200.

São casos actuais que, na opinião da Comissão Concelhia da Maia do PCP, devem alertar para o que se está a

passar na Confetil que, na sequência de um processo de reestruturação fundiu três empresas, reduzindo em 250 o número de trabalhadores; para a A.M.Rua que, recentemente deslocada do Porto para Maia, tem vindo a perder peso na área da confecção; na Finex, confecção, que já reduziu o número de trabalhadores para menos de metade; ou para a Schuh Union, grande empresa de calçado com muito trabalho e encomendas mas cujos trabalhadores (na sua maioria mulheres) há cerca de dois anos não têm qualquer aumento de salário.

Entretanto, a Óleos Três Ás, uma das principais empresas do ramo da refinaria de azeites e óleos comestíveis, está a preparar «no segredo dos deuses» o fecho das suas instalações em Gueifães e a Port Cast foi alvo de um processo de reestrutura-

ção que levou à redução dos postos de trabalho efectivos.

Na conferência de imprensa onde traz a público todas estas situações, o PCP denuncia ainda o agravamento da exploração, os baixos salários e a falta de garantias de muitos trabalhadores, em resultado da concessão da Área da Limpeza dos Serviços Municipalizados da Câmara a empresas não municipais e a crescente precariedade do emprego no sector de comércio e serviços que, em crescimento, sobretudo na área dos hiper e supermercados, é cada vez mais dominado pelos grandes grupos económicos.

Aliás, todos estes factos, acusa o PCP, decorrem da política do Governo do PS, de favorecimento dos grandes grupos económicos, da prevalência do sector financeiro em prejuízo do produtivo e da subordinação às orientações comunitárias.

## «Escravidão» nas pedreiras de Penafiel

Milhares de trabalhadores das pedreiras ou «telheiros» das freguesias de Penafiel usufruem salários que nada têm a ver com a realidade da indústria da pedra, que se encontra a trabalhar, a exportar para o estrangeiro e a ganhar muito dinheiro.

Os salários dos trabalhadores, incluindo ajudas de custo, subsídio de férias e 13.º mês (que muitas vezes não recebem), rondam os 75 contos, raramente ultrapassando os 100, e os descontos para a segurança social são feitos numa base mínima, prejudicando-os nas reformas, nas baixas, no subsídio de doença ou no desemprego.

A Comissão Concelhia de Penafiel do PCP, a quem cabe a denúncia, considera, assim, que o «dinheiro vivo», não declarado pelas empresas e dado por fora aos trabalhadores, é uma «ilusão», beneficiando ape-

nas os patrões. Entretanto, as condições de trabalho são «uma espécie de escravidão», não há férias, diuturnidades ou subsídio de alimentação e, de uma forma geral, todos os pedreiros são de 2.ª, trabalham há cinco ou há 20 anos. Isto, para além da elevada sinistralidade do sector e das doenças profissionais que o seu trabalho acarreta com frequência.

Considerando a necessidade de dizer «não» à continuação deste «estado de arbítrio e impunidade», entre outras medidas, o PCP propõe-se levar à Assembleia da República a realidade dos trabalhadores das pedreiras de Penafiel, apresentar queixa à Procuradoria Geral da República e informar oficialmente a Inspeção de Trabalho, responsabilizando-a pela ineficácia da sua fiscalização».

«Os trabalhadores têm direito a uma vida melhor!»

## Campanha encerra hoje

Às 18 horas, no Hotel Altis, tem lugar a iniciativa de encerramento da campanha de intensificação dos contactos com os trabalhadores, apontando ao empenhamento na batalha das presidenciais.

António Abreu vai hoje à tarde receber um volumoso dossier, com milhares de assinaturas de trabalhadores de todo o País, que desde 14 de Outubro vêm declarando o seu apoio ao candidato do PCP para as eleições de 14 de Janeiro.

Este vai ser um ponto alto da iniciativa que marca o final da campanha realizada nas últimas três semanas, em que muitos militantes comunistas distribuíram largas dezenas de milhar de folhetos, valorizando a intervenção do PCP em defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores e estimulando a unidade, organização e luta dos próprios trabalhadores para garantir a resolução dos problemas e as necessárias transformações sociais e políticas. A par da distribuição de documentos e múltiplos

contactos junto de locais de grande concentração de trabalhadores, foi feita a recolha de assinaturas de apoio à



candidato comunista, afirmando «o valor do direito ao trabalho e do trabalho com direitos como um eixo democrático essencial».

Na iniciativa de hoje intervém o secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas. Está igualmente prevista uma intervenção de Manuel Carvalho da Silva. Um balanço da campanha será apresentado por Jerónimo de Sousa, da Comissão Política do Partido.

### Porto

No dia 31 de Outubro teve lugar, em diversos locais de trabalho, uma série de acções de esclarecimento da Organização da Função Pública do Porto do PCP. Numa nota que distribuiu à imprensa no final do dia, o gabinete de imprensa da direcção regional do Partido salientou, como

«grandes preocupações» dos trabalhadores do sector, a perda do poder de compra, a precariedade do emprego, as privatizações e o «assalto do PS ao aparelho de Estado».

## PCP exige anulação da 4.ª fase de privatização da EDP

Notícias divulgadas, no sábado, sobre a participação do Presidente da Entidade Reguladora do Sector Eléctrico (ERSE) numa sessão sobre o sector e a privatização da EDP com bancos e outras entidades multinacionais, pela «grave situação que configuram», mereceram um duro comentário do Gabinete de Imprensa do PCP.

Para o PCP, esta revelação, a somar a outras, como a compra de acções da EDP pelo ministro da Economia, «confirma um processo de privatizações como um obscuro novo de ligações profundamente lesivo dos inte-

resses nacionais». Por outro lado, demonstram que as «chamadas Entidades Reguladoras», apresentadas como independentes, «estão afinal integradas na defesa dos interesses dos sectores económicos e financeiros dominantes».

A confirmarem-se, pois, as notícias divulgadas, o PCP exige que o Governo «dê explicações sobre o aval concedido a tal tipo de procedimentos» e considera «insustentável» a posição dos responsáveis da ERSE.

«O facto de as informações fornecidas terem contribuído para que bancos e outras

empresas tivessem actuado de forma a baixar o valor da empresa, conseguindo com isso enormes ganhos com os consequentes prejuízos para o erário público» (vendendo por um preço mais alto e voltando a comprar por um mais baixo), é um outro elemento que, na opinião do PCP, «se associa ao grave significado que tem em si mesma a perda da maioria do capital do Estado numa empresa estratégica fundamental», confirmando e justificando os alertas do PCP que, em nome dos interesses nacionais, exige a anulação da 4.ª fase da privatização da EDP.

## Preocupação no Arsenal

Com a actual Administração do Arsenal do Alfeite, surgiram alguns sinais de mudança e promessas de um futuro menos sombrio. Mas agora, que se fala numa nova mudança de Administração, o que se vê e se ouve não corresponde às promessas feitas, ou seja, não se avançou na clarificação do estatuto da empresa e dos trabalhadores; as verbas para o investimento

são cada vez menores; e o estaleiro, que era líder das construções dos navios-patrulha, fica afastado das mesmas.

Num comunicado, a célula do PCP no Arsenal recusa que se continue a fazer promessas que não são cumpridas, e exorta todos os trabalhadores a cerrar fileiras para que se defina o futuro do estabelecimento e dos seus trabalhadores. «Este estado

de coisas não pode continuar sob pena de se estar a caminhar para a destruição do Arsenal» alertam os comunistas.

Desde há anos que os trabalhadores e os comunistas reclamam por uma clarificação do estatuto do Arsenal do Alfeite e do seu pessoal, com a salvaguarda da sua natureza pública e do respeito pela vinculação ao Estado.

PRESIDENCIAIS ■ 2001

## ANTÓNIO ABREU Iniciativas com o candidato do PCP

Quinta-feira, 9 - Lisboa, Hotel Altis, 18.00 horas, encerramento da Campanha «Os Trabalhadores têm direito a uma vida melhor»; Sexta-feira, 10, Paris, às 21.00 em Pontault Combaut, para visita à Associação Portuguesa de Pontault Combaut e às 22.30 horas, em Bobigny, noite de fados promovida pela Associação dos Originários de Portugal; Sábado, 11, Paris, na Casa de Portugal em Plaisir, às 14.00 horas, reunião com membros das Comunidades Portuguesas residentes em França, entre as 16 e as 20.00 horas, visita a várias Associações Portuguesas na região de Paris: Plaisir, Neuilly sur Seine e Argenteuil e às 20.30 horas, em Besons, jantar promovido pela Associação dos Originários de Portugal; Domingo, 12, Lisboa, Voz do Operário, às 15.00 horas, iniciativa Nacional do 21.º aniversário da JCP; Segunda-feira, 13, em Castelo Branco, às 15.30 horas, visita ao Hospital Distrital de Castelo Branco, com declaração, no final, à comunicação social, às 17.00 horas, no Fundão, visita ao Hospital do Fundão, às 18.30 horas, visita ao Centro Hospitalar da Cova da Beira, com declaração à comunicação social, e, às 20.00 horas, na Covilhã, jantar com apoiantes na Cantina da Universidade; Terça-feira, dia 14, no Porto, às 11.00 horas, encontro com a Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura, às 15.00 horas, encontro com o Conselho Directivo da Faculdade de Engenharia, às 17.00 horas, declaração sobre os problemas do Ensino Superior, na Sala de Actos do Instituto Superior de Engenharia, e, às 20.00 horas, jantar no restaurante «Abadia»; Quarta-feira, dia 15, em Santarém, às 16.45 horas, encontro com a União dos Sindicatos de Santarém e outros dirigentes sindicais, e, em Almeirim, às 20.00 horas, jantar com apoiantes no «Moinho de Vento».



### Agenda do secretário-geral do PCP

Carlos Carvalhas participa, no sábado, 11 de Novembro, na Voz do Operário, na iniciativa nacional de comemoração do 21.º Aniversário da Juventude Comunista Portuguesa, intervindo cerca das 21.30 horas, antes do espectáculo dos Eskorso e dos Despe & Siga.



### Revolução de Outubro

Jantar comemorativo do Aniversário da Revolução de Outubro, promovido pelo Sector de Empresas da ORL, dia 10, às 20 horas, no CT Vitória, com Domingos Abrantes



### Debate sobre

### «Uma Reforma para mais justiça social»

Em Leiria, sexta-feira, 10, no Instituto Português da Juventude, com Sérgio Ribeiro

### Magustos e outras iniciativas

Sábado, 11 - a partir das 17.00 horas, no CT de St.ª Iria de Azóia; às 16.00 horas no CT da Caparica; às 16.00 horas no CT da Trafaria; às 15.00 horas no CT da Charneca; às 16.00 horas no CT da Pontinha; Domingo, 12, às 16 horas, no CT da Marinha Grande, com água pé, fêveras, castanhas, etc.

Sábado, 11 - Jantar de São Martinho na Tendinha do Feijó  
Domingo, 12 - Excursão à Golegã promovida pela Organização de Freguesia do Feijó; Almoço-convívio na Quinta da Atalaia, pelas 12.30 horas, promovido pela Comissão de Freguesia da Amora (Bacalhau ou caras de bacalhau - preço: 1400\$00), prosseguindo com animação musical



### Iniciativa Nacional do 21.º Aniversário da JCP «Mensagens»

Sábado e domingo, 11 e 12 de Novembro, na Voz do Operário, com a participação do secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas

### Programa

#### Sábado, 11 Novembro

14.00 horas - Chegada  
15.00 horas - Abertura - Música com Mentekapta, Tocá Votar e Filipe Narciso  
16.00 horas - Debate sobre «A actualidade do Ideal Comunista / PCP - O Partido da Juventude»  
17.45 horas - Parabéns à JCP com bolo, moscatel e música  
18.30 horas - Espectáculo com música, dança, teatro, vídeo e poesia  
20.30 horas - Jantar  
21.30 horas - Intervenções de Nuno Teixeira, da Direcção Nacional da JCP, e de Carlos Carvalhas  
22.00 horas - Espectáculo musical com ESKORSO e DESPE & SIGA  
00.30 horas - Sound Sistem

#### Domingo, 12 de Novembro

11.30 horas - Debate sobre «Música de Intervenção»  
13.00 horas - Almoço  
14.30 horas - Música (BELIEVE e PHILLARMONIC WEED), teatro por Lândias d'Encantar «O Poço» e Malabarismo, Graffitis e Capoeira  
16.00 horas - Intervenção de António Abreu, candidato do PCP à Presidência da República  
16.30 horas - Concentração em frente à Igreja de São Vicente de Fora para o Desfile pelas ruas de Alfama (com a participação de António Abreu)  
18.00 horas - Saída dos autocarros de St.ª Apolónia para as regiões



## OVAR Câmara anexa taxas do lixo às facturas da água

Na altura em que estão a chegar as primeiras cobranças da taxa de recolha de lixo, juntamente com as facturas da água, a Comissão Concelhia de Ovar do PCP, denunciando mais uma vez as claras insuficiências na recolha de resíduos sólidos urbanos, aponta como causa a privatização dos serviços públicos que, inicialmente apresentada como solução mais rentável e eficiente, na esmagadora maioria dos casos, leva sempre à criação de taxas acrescidas, pagas indiscriminadamente por toda a população.

Relativamente ao facto de a taxa de recolha de lixo vir anexada à factura da água, num concelho onde as carências no abastecimento de água são conhecidas, a Concelhia de Ovar, «passando por cima do facto de uns pagarem pelos outros», aproveita para exortar à Câmara a rápida conclusão do abastecimento de água nas freguesias de Válega e S. Vicente Pereira e uma análise séria à fraca adesão à rede por parte da população de Maceda.

## PORTALEGRE Não à privatização dos serviços públicos

O Organismo Distrital (alargado) de Autarquias de Portalegre do PCP, recentemente reunido, analisou a situação autárquica no distrito, a preparação das próximas eleições para os órgãos municipais e de freguesia e o 16.º Congresso do Partido.

Particularmente aprofundadas foram as questões da recolha de resíduos sólidos e do abastecimento de água às populações que, à luz dos projectos do Governo e com a cumplicidade das autarquias de maioria PS, vem sendo implementado no distrito.

Na sua reunião, este organismo do PCP reafirmou a sua profunda oposição a projectos que, tendo em vista, a prazo, a privatização de serviços públicos essenciais, se traduzem de imediato, por uma clara desmunicipalização e desresponsabilização das autarquias, com claros prejuízos para as populações.

## CORROIOS Acessos à auto-estrada permanecem fechados

A Comissão de Freguesia de Corroios do PCP convidou os órgãos de comunicação social para, na passada sexta-feira, presenciarem no acesso nascente à auto-estrada (encerrado) as dificuldades de circulação em Corroios.

De facto, concluídos, no primeiro semestre de 1998, os acessos de Corroios à Auto-Estrada do Sul, eles permaneceram fechados, sendo agora a Junta de Freguesia informada pela Brisa «de que era tecnicamente inviável» abrir tais acessos. Isto, depois de, por todo o lado, terem sido abertos, «quase sempre na base de reivindicações populares», vários acessos a auto-estradas. Entretanto, à última sessão da Assembleia de Freguesia chegaram milhares de assinaturas de apoio à abertura destes acessos. O PCP lembra que em Corroios moram mais de 55 mil pessoas e que o congestionamento de trânsito, principalmente no Centro-Sul e Fogueteiro, afecta igualmente os moradores do concelho de Almada e das freguesias de Amora e Arrentela.

# Hipocrisias e esquecimentos

**S**ubmersas no quotidiano das notícias mais recentes, estão as grandes argumentações que suportam as tentativas para profundas alterações na legislação eleitoral para a Assembleia da República, onde o círculo uninominal é a salvação da Pátria!



**Agostinho Lopes**  
Membro  
da Comissão  
Política

Assim o proclamam professores constitucionistas do alto das suas cátedras, articulistas e comentadores nos seus espaços mediáticos, dirigentes partidários aflitos pela defecção dos seus eleitores. É a mezinha salvadora para o elevado abstencionismo provocado pela política espectáculo, e pelas promessas eleitorais nunca cumpridas. É a solução milagrosa para transformar deputados relapsos ao trabalho em diligentes parlamentares. É a vacina radical contra a ditadura dos directórios partidários, impondo disciplinas de voto à revelia dos interesses dos eleitores que o elegeram. O círculo uninominal per-

recordada a disciplina partidária, a disciplina de voto do Grupo Parlamentar a que pertence! E crime supremo, entende-se com autarcas do PS e do PSD, e com o Governo PS, pondo os interesses locais dos seus eleitores acima dos seus interesses político-partidários!

O que pensarão os comentadores e analistas, os professores e sociólogos da ordem estabelecida, os dirigentes partidários fervorosos prosélitos do círculo uninominal, quando meia centena de deputados surgirem num debate orçamental, legitimados pela natureza intrínseca da sua eleição uninominal, a leiloarem o seu voto ao Governo da ocasião, por troca com estradas, portos, saneamentos, fábricas,...

## Televisão e liberalização

Esquecidas também pelo rolar vertiginoso do tempo mediático, embora vários especialistas na matéria se pudessem banhar, não

duas, mas várias vezes na água que sobre o assunto fizeram correr debaixo das pontes, estão as «poderosas» argumentações que justificaram a liberalização do monopólio público das emissões televisivas e a entrega de dois canais a empresas privadas. Vamos ter mais qualidade, naturalmente aguçada pela concorrência. Vamos ter diversidade de escolhas, pela multiplicação da «oferta» que passaria a estar disponível sobre o ecrã. Vamos ter mais pluralismo político-ideológico, liquidada que estaria a voz do dono pela multiplicação de donos e vozes. Todas as esperanças eram permitidas mais uma vez, graças ao milagre da liberalização e privatização do espaço radiotelevisivo!

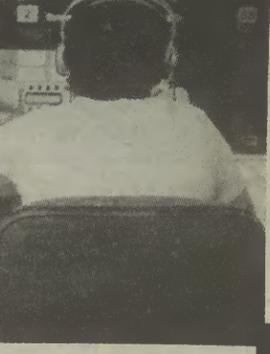
## ///O que pensarão os advogados da liberalização da televisão, face à degradação da qualidade e isenção, violação de códigos e regras jornalísticas, pelas televisões que temos?! ///

mitará, segundo esses diversos especialistas, estabelecer uma ligação de aço entre os eleitores e o deputado. Este não esquecerá os interesses concretos dos cidadãos que o elegeram. Aqueles não esquecerão o retrato do seu (deles) representante, para o bem e para o mal, nas próximas eleições.

Eis senão quando, surge Daniel Campelo, deputado do CDS/PP, explorando as aflições orçamentais de Guterres, e simulando a sério o jogo de deputado do círculo uninominal do Vale do Lima, eleito pelo distrito de Viana do Castelo. É então citado o Artigo 152.º da Constituição da República: ele é deputado da Nação, não dos caseiros interesses de Ponte de Lima! É

Eis senão quando, chegamos às renovadas grelhas televisivas do Outono de 2000, que passará a ser conhecido no futuro, por ano zero da era *BIG BROTHER*. Já a utopia do pluralismo político tinha sido varrida da memória das estações televisivas por umas quantas eleições (onde tinha surgido a novidade plural dos debates a dois!), engolido pela voz única do capital, único dono das vozes dos governos que comandam uma estação, e dos interesses privados, que comandam as outras duas. É então que a diversidade dos programas, a variedade da oferta televisiva atingem um pico: roletas, totolotas e totolotos, lotarias e raspadinhas, concursos e jogos, em todos os canais (excepto no 2.º do *share* mínimo) à hora nobre pós jantar do bom e cansado chefe de família! Mas não só. A distinção, a separação, entre interesses comerciais das estações e informação aos espectadores, entre publicidade e entretenimento, surgem mais claras e nítidas do que nunca, nas eleições do Benfica, em que cada uma das privadas patrocina um presidente, e em que o canal público se reparte pluralisticamente, a abrir noticiários com esse acontecimento maior da Pátria Portuguesa! Mas, desta vez, Carnaxide não «vendeu» o seu Presidente, apesar da distribuição massiva de sabonetes... No entanto a qualidade, a cultura cívica, a pedagogia da sociabilidade, da ética, da amizade na televisão atingiram o auge com a entrada em cena do *Big Brother*. Senhor meu, como estávamos nós precisados de um programa assim! *Strep* e sexo (!?), caneladas e palavrões, espreitadelas e denúncias, lágrimas e ranger de dentes ao vivo, com galinhas e tudo, em bom e castiço português, feito por portugueses, merecedor da medalha olímpica de ouro do *share*!

O que pensarão hoje os advogados da liberalização a todo o vapor da televisão portuguesa, alguns dos mesmos que hoje produzem, justamente, lamentosas constatações e consternações, face à degradação da qualidade e isenção, violação de códigos e regras jornalísticas, pelas televisões que temos, mergulhadas na feroz competição pelas audiências, em que vale tudo, até arrancar olhos! Justificava-se, pelo menos, uma sentida contrição sobre o processo de liberalização e privatização de canais de televisão, sem uma ponderada reflexão sobre o modelo a adoptar e os resultados das experiências alheias, como defendeu o PCP.



Carlos Carvalho participa na campanha de contacto com as populações de S. Pedro do Sul

## Para melhor, só com a CDU

Foi sob uma intensa chuva que, no domingo, decorreu o programa de contactos que, no âmbito da campanha para as eleições intercalares para a Câmara Municipal de S. Pedro do Sul, a CDU promoveu com a população de várias localidades do concelho.

A iniciativa, que culminou com um almoço com cerca de três centenas de apoiantes da candidatura da CDU, contou com a participação do secretário-geral do PCP, Carlos Carvalho.

A ronda de contactos passou por Santa Cruz da Trapa, Baiões, Termas e teve um momento alto em Figueiredo de Alva, onde cerca de uma centena de pessoas, aguardaram — mesmo com as condi-

ções climatéricas adversas — a chegada da caravana da CDU.

Na ocasião, João Carlos Gralheiro, cabeça de lista da CDU, salientou a oportunidade que existe de alterar a situação do concelho. «Já estiveram a gerir os destinos desta terra o CDS, o PSD e mais recentemente o PS. Os resultados estão à vista. O concelho de S. Pedro do Sul distanciou-se dos seus vizinhos da região de Lafões. Esta é a oportunidade de mudar, de permitir que a CDU dê o seu contributo para mudar esta situação e para recolocar S. Pedro do Sul no lugar que lhe pertence».

Já no almoço, que decorreu em ambiente de grande confiança e que foi animado pela Tocata de S. Pedro do Sul, usaram da palavra Manuel Rodrigues, mandatário da candidatura da CDU, João Carlos Gralheiro, cabeça de lista, e o secretário-geral do

Partido, Carlos Carvalho, que proferiu uma breve intervenção alusiva ao momento político que S. Pedro do Sul está a viver, relacionando-o com a situação política nacional.

Na sua intervenção, Manuel Rodrigues sublinhou que «os candidatos da CDU são gente dedicada que, nas muitas organizações sociais, culturais e profissionais onde participam honram os seus compromissos e estão na primeira linha da luta por mais progresso e desenvolvimento para o nosso concelho». Reafirmou ainda a ideia de que o «concelho só terá a ganhar com o trabalho, a honestidade e a competência dos candidatos da CDU».

Esta campanha tem sido um elemento de mobilização e reforço do Partido, tendo sido anunciado, no almoço desse mesmo dia, a inscrição no PCP de um dos membros da lista.

A CDU considera estas eleições como a «oportunidade de mudar»



A jornada terminou com um almoço, onde participaram centenas de apoiantes



## António Abreu em Coimbra Afirmar Portugal

António Abreu continua incansável a levar as suas «Razões de Esquerda» a todo o país. No dia 27 de Outubro esteve em Coimbra, nas instalações do Instituto Português da Juventude, acompanhado por António Filipe, mandatário nacional, Lousã Henriques, mandatário distrital, e Sérgio Teixeira, membro da Comissão Política do PCP e responsável pela organização local.

Perante uma sala cheia de apoiantes, cerca de duzentos, o candidato participou numa sessão sobre «A presidência da República ao serviço de um Portugal independente e soberano».

António Abreu afirmou que o Presidente da República, embora não participe directamente na governação, «detém importantes poderes de controlo sobre a política governamental e de conformação da vontade política do Estado», criticando Jorge Sampaio pelo «não distanciamento do actual Presidente da República em relação a muitas opções inseridas na política de direita e de subordinação nacional que o actual Governo tem levado a cabo em questões importantes de política interna e externa» tais como a agressão militar à Jugoslávia no ano passado, o novo conceito estratégico da NATO, as políticas de privatizações, ou o rumo federalista da integração europeia.

### Uma candidatura de valores

Em relação a esta última temática, considera o candidato comunista que existem duas opções diametralmente opostas: uma que passa pela afirmação de Portugal como Estado-nação em desenvolvimento numa União Europeia de povos e Estados soberanos e iguais em direitos, com um rumo económico, social e político, distinto das orientações neoliberais dominantes e outra, em sentido oposto, quer transformar Portugal progressivamente numa região de um Estado europeu federal, parceiro menor de um bloco económico-político-militar mais ou menos dependente dos Estados Unidos da América. «A minha candidatura assume claramente a primeira das opções enunciadas».

Sobre a situação vivida em Portugal, o candidato considera que, «passado mais de um quarto de século sobre a Revolução de Abril, é dramático, e sobretudo escandaloso, que Portugal seja a mais desigual das sociedades da União Europeia».

No dia 26 de Outubro, na Póvoa de Santo Adrião, em Odivelas, mais de duas centenas de apoiantes da candidatura de António Abreu confraternizaram num jantar com a participação de muitos jovens, militantes e simpatizantes do PCP.

## Em Serpa e Alvito

António Abreu, candidato à Presidência da República, esteve na quarta-feira, 1 de Novembro, em Serpa e em Alvito, no distrito de Beja, onde denunciou «a situação de abandono» a que o Alentejo tem sido votado pelo poder central e defendeu que, no início de um novo século, a região precisa «de uma política de esquerda que assuma uma visão estratégica de valorização das suas potencialidades».

Na vila de Serpa, António Abreu participou num almoço com cerca de 200 apoiantes daquele concelho da margem esquerda do Guadiana. Militantes do PCP e activistas da CDU juntaram-se na Casa do Povo de Serpa para, numa jornada de convívio, ouvirem o candidato e manifestarem-lhe a sua disponibilidade para participar na campanha para as eleições presidenciais de 14 de Janeiro. Entre os participantes estavam José Soeiro, membro da Comissão Política do PCP, António Vitória, responsável da DORBE do Partido, outros dirigentes distritais e locais, e, ainda, os deputados António Filipe — mandatário nacional de António Abreu — e Rodeia Machado, além da mandatária distrital de Beja, Maria Manuel Ramos, vereadora da Câmara de Beja, e do presidente da Câmara Municipal de Serpa, João Rocha.

Na sua intervenção, o candidato lembrou os grandes problemas do Alentejo — o desemprego, a emigração, a desertificação, o envelhecimento, abandono e isolamento das populações. Falou de Alqueva, da necessária reestruturação fundiária dos campos do Sul, do desenvolvimento de um sector de fileira agro-alimentar regional, da reabertura das minas de Aljustrel e da garantia de futuro para as minas de Neves-Corvo, e das acessibilidades, assumindo o compromisso de não calar a sua voz «perante a situação injusta a que o Alentejo tem sido remetido».

Em Alvito, o candidato do PCP e comitiva visitaram a tradicional Feira dos Santos e diversas instituições locais, tendo sido recebidos nesse concelho pelo presidente da Câmara Municipal de Alvito, Lopes Guerreiro.

### 5ª Assembleia de Algueirão - Mem Martins

## Melhor organização, maior intervenção

Dezenas de militantes, reunidos na 5.ª Assembleia da Organização de Algueirão-Mem Martins, elegeram, no dia 28 de Outubro, nas instalações dos Bombeiros Voluntários, a nova Comissão de Freguesia, composta por 25 elementos, concretizando, assim, um dos objectivos da Assembleia: o reforço e rejuvenescimento do organismo de direcção.

Na Assembleia, que se inseriu na preparação do 16.º Congresso do Partido, os participantes intervieram sobre o movimento associativo e

sobre o trabalho autárquico, dando cumprimento a um outro objectivo da Assembleia que era a elevação do nível de discussão dos problemas da população e do movimento associativo, de forma a permitir uma nova dinâmica e uma maior ligação do Partido às massas.

No que respeita à CDU, a Assembleia decidiu prosseguir as visitas da CDU e o apoio a lutas como a da Tapada das Mercês, onde queriam fechar uma rua contra a vontade da população.

A 5.ª Assembleia apontou

ainda como objectivo ganhar a Junta de Freguesia, actualmente mal dirigida, e contribuir para ganhar a Câmara Municipal de Sintra, cuja maioria absoluta do PS só tem trazido prejuízos ao concelho.

O contacto com os militantes mais desligados, a recolha de quotizações, a criação e reforço das células de Bairro, a célula dos militantes reformados e da Juventude a divulgação do «Avante!», do «Militante», a distribuição da propaganda central do Partido e a tomada de posição política sobre as questões

locais foram outras medidas apontadas pela Assembleia como direcções importantes de trabalho, sendo que algumas, no seu essencial, já estão em marcha.

Quanto ao Centro de Trabalho, que recentemente beneficiou de uma operação de limpeza e pintura, vai ser reanimado com iniciativas de convívio e culturais, a primeira das quais, a cargo da JCP, já marcada para o próximo sábado, com a inauguração de uma exposição fotográfica, acompanhada de um magusto.

### ▼ CAMARADAS FALECIDOS

#### António Torrão

Faleceu, no dia 10 de Outubro, com 89 anos de idade, o camarada António Torrão, natural do Barreiro. Começou a trabalhar aos 12 anos na CUF e começou aos 17 a militar no PCP, tendo muito novo passado à clandestinidade. Esteve preso várias vezes, uma delas na prisão do Aljube, onde a PIDE o manteve 47 dias incomunicável. Granjeou enorme respeito e carinho entre todos que com ele privaram, pela verticalidade do seu carácter e pelo empenhamento que colocava em tudo o que realizava. Manteve a seu cargo, quase até ao fim dos seus dias, a distribuição do «Avante!» na freguesia do Beato, onde militava.

#### Hermogénio António de Oliveira

Faleceu recentemente o camarada Hermogénio António de Oliveira, organizado na freguesia de S. João de Deus. Teve responsabilidades na freguesia de Benfica e na antiga 5.ª Zona do Comité Local de Lisboa. Sempre demonstrou uma grande dedicação ao Partido e grande sentido de responsabilidade.

#### Joaquim Daniel Guerreiro da Silva

Faleceu no dia 30 de Outubro, com 55 anos de idade, o camarada Joaquim Daniel Guerreiro da Silva, natural de Odeira. Militante do PCP desde 1974, foi trabalhador da Covina e estava organizado na freguesia de Sta. Iria de Azóia.

#### José Teixeira

Faleceu, no dia 19 de Outubro, com 84 anos de idade, o camarada José Teixeira. Estava organizado na freguesia do Alto do Seixalinho. Grande activista do MURPI, tinha simultaneamente tarefas na Associação de Reformados do Barreiro, sendo muito estimado por quantos o conheciam.

#### Manuel dos Santos Talhante

Faleceu, no dia 28 de Outubro, o camarada Manuel dos Santos Talhante. Professor do Ensino Secundário, foi durante largos anos presidente do Conselho Directivo da Escola de Reguengos de Monsaraz, de onde era natural. Homem de grande prestígio, aderiu ao Partido em 1944, tendo sido membro activo do MUD Juvenil. Em 1947, participa activamente da revolta da Faculdade de Medicina de Coimbra e, em 1949, teve um destacado papel na campanha de Norton de Matos.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

#### Rectificação

Na última edição do nosso jornal, foi erradamente noticiada a morte do camarada Joaquim Rodrigues do Carmo que, felizmente, se encontra de excelente saúde. Pelo lapso apresentamos ao camarada as nossas sinceras desculpas.

# XVI CONGRESSO

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## Tribuna do Congresso

### Exijo ter opinião (1)

Sou militante do PCP desde a minha juventude. Aqui aprendi o significado de palavras e expressões como liberdade, solidariedade, liberdade de expressão, socialismo, marxismo-leninismo, democracia e muitas outras que sempre fizeram parte do quotidiano de quem cresceu no interior do partido. Aprendi sobretudo que algumas dessas palavras correspondiam a estados de espírito ou até a opções para a vida, assumindo a forma de valores ou postulados.

Este foi o capital de esperança que recebi do PCP durante a juventude, o crer (e querer) numa sociedade mais justa e mais fraterna. As pessoas que admirei na minha juventude de comunista não eram pilotos de Fórmula Um, nem sequer os futebolistas de então, mas sim figuras como o Che, o Zeca, o Adriano, o Álvaro, o Veloso e outros heróis do Partido. Mas não escrevo estas linhas para falar de mim, apenas para formular algumas questões que me preocupam.

Como podem alguns dos camaradas que educaram a minha e outras gerações nos valores da liberdade e da democracia atacar hoje, de forma ofensiva, esses mesmos valores ao criar um clima de suspeição dentro do Partido? Porque é que um camarada que defende a democracia interna no Partido é um apelidado de perigoso «renovador» (anos atrás eram «críticos») ou coisa pior? Como pode o PCP assumir-se como o garante da democracia nacional, quando, em termos internos, defender que cada militante deve ter o direito de eleger e ser eleito para qualquer órgão é, para alguns responsáveis, ser tudo menos comunista? Pois é camaradas, acho que há dentro do Partido pessoas que nunca se libertaram do espectro do estalinismo e é por isso que quem defende a liberdade e a democracia é acusado de estar a recusar o marxismo-leninismo.

Em 1998 o Comité Central aprovava orientação para uma melhoria da democracia interna e propunha que cada organismo elegesse os seus coordenadores. Na Organização Regional de Setúbal, os camaradas responsáveis pelos concelhos têm evitado, a todo o custo, a aplicação desta orientação, optando pela «muito democrática» nomeação, forma airosa de garantir que apenas têm assento nos órgãos de direcção as pessoas que, por ambição ou falta de opinião, concordam com esses mesmos responsáveis. Esta forma subversiva de «controlar» o Partido, tem levado a que cada vez mais camaradas fiquem pelo caminho, à medida que vão tomando consciência das subtilidades desta prática a que chamam **Desenvolvimento Criativo do Centralismo Democrático**. Uma prática que conduz ao aparecimento de castas, o que significa que há militantes de várias categorias. Se não é assim, como explicar então que sejam eleitos para concelhias pessoas que não têm nenhuma actividade política e que vão sendo reeleitos AOC após AOC sem

que ao menos participem nas reuniões das concelhias, apenas porque alguém insiste que eles devem continuar?

Adelino Chapa  
Palmela

### Tomar partido pelos comunistas

Fez o secretário-geral um apelo aos militantes para que se realizasse uma ampla discussão das Teses para o Congresso. Contudo, pelo caminho que as coisas estão a tomar, há um conjunto de questões prévias a que o secretário-geral deveria responder antes de avançarmos para aí. Designadamente: existe ambiente interno no Partido para se discutir seriamente matéria tão relevante, quando os sinais de intolerância, dogmatismo e arrogância já se sobrepõem à procura da análise rigorosa, do confronto leal e da convergência de ideias? Nas actuais circunstâncias, discutir as Teses não constituirá, antes, um exercício de legitimação de um quadro político-partidário já decidido e encerrado? Quantos militantes vão ser necessários sair do Partido ou dos seus órgãos de direcção política para que o secretário-geral tome consciência da fractura que a cada dia que passa se aprofunda e estende entre os militantes do Partido, principalmente entre os seus dirigentes? Quantas notícias, opiniões e análises ainda terão que sair na comunicação social para que o secretário-geral tome a decisão de intervir, esclarecendo directamente os militantes da extensão e do real significado da situação que se vive no Partido? Quantas acusações, suspeitas e calúnias ainda terão que ser postas a correr para que o secretário-geral faça uma avaliação séria da doença que está a minar o Partido e a lançá-lo no descrédito aos olhos dos portugueses? Por este caminho, e como nunca aconteceu antes, o Partido vai chegar ao Congresso dividido entre vencedores e vencidos. Como é que o secretário-geral explica aos militantes e aos portugueses em geral esta deriva partidária, quando a situação política e social que se vive no País é em tudo favorável a um aprofundamento da influência e do reforço do Partido em todas as esferas da vida social? Quem, no Partido, tem medo que os eleitores comecem a reclamar uma política de esquerda e exijam aos comunistas que participem na passagem das palavras aos actos?

A haver um Congresso dos vencedores, quantos anos vão passar até que o Partido recupere das suas feridas e a família comunista se reencontre novamente? E as oportunidades políticas entretanto perdidas, e a intervenção partidária inevitavelmente enfraquecida, quem, entre os vencedores, irá responder por elas? E o que pensará o secretário-

geral fazer com os vencidos? O que lhes reserva no quadro da organização partidária?

Preenchendo o Partido todos os critérios de uma organização, ele é, por essa razão, uma estrutura de poder que ambiciona ser poder. Tem presente o secretário-geral que o que se está a passar poderá ser um processo de silenciosa conquista do poder, ao arripio das regras, dos estatutos e das melhores tradições dos comunistas portugueses? Ou seja, que as medidas administrativas reclamadas por alguns sectores contra dirigentes bem identificados poderão continuar a estar em marcha, mas agora substituídas pelo critério *darwiniano* da selecção dos vencedores deste processo? Por tudo o que ficou dito é exigido do secretário-geral que, antes do Congresso, se apresente perante os militantes para discutir estas questões. Porque estas são as questões que, de momento, preocupam os militantes comunistas. Esgotou-se o tempo para fazer de conta que tudo corre no melhor dos mundos. Exige-se ao secretário-geral que tome partido pelos comunistas.

Ao contrário do que o secretário-geral possa eventualmente pensar, esta foi uma crítica construtiva e séria às Teses em discussão.

Cipriano Justo  
Lisboa

### A quatro tempos, camaradas

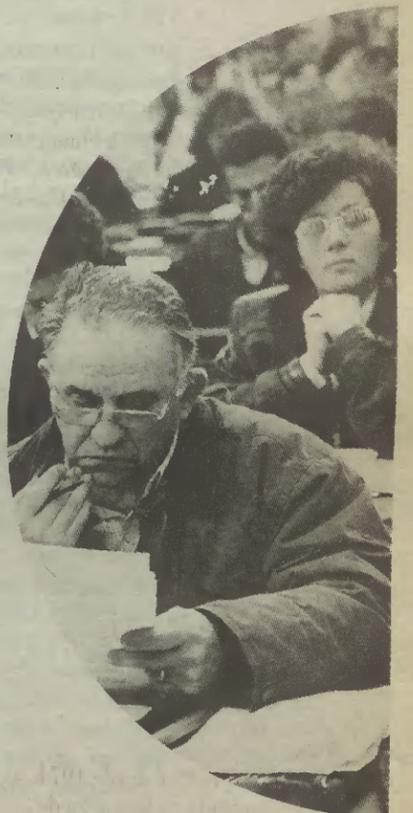
Quero um Partido que continue a ser exigente, actante e combativo; orgulhoso dos seus princípios e valores ideológicos; revolucionário e progressista em todas as manifestações em que se envolve – a cada espaço de tempo que o tempo histórico permita e permitiu –, assumindo o seu carácter de classe e organizado na luta que se faz:

- Contra a humilhação de um homem por outro homem;
- Contra a caverna do pensamento único;
- Contra a manipulação despudorada das populações em nome, imagine-se!, da comunicação e informação;
- Contra a globalização da ideotice, da bestialidade e do militarmente correcto para uso e abuso do imperialismo que mostra os lábios sorridentes em tudo o que é cimeira para logo afiar o dente em todos os lugares do planeta;
- Pelos trabalhadores que carregam o fardo, o triste fa(r)do, de serem, ao mesmo tempo, produtores das riquezas e excluídos dos diferentes poderes;
- Pela defesa intransigente dos direitos humanos.

Quero um Partido que continue a ser solidário, cooperante e internacionalista, que grita a plenos pulmões: «É preciso resolver a questão da terra no Alentejo» e não esquece os graves problemas e reivindicações dos Sem-Terra no Brasil; que abre as

páginas do «Avante!» às questões mais delicadas e complexas da América Latina e não esquece a firmeza e tenacidade dos movimentos democráticos e progressistas de todo o continente americano; que não pactua com a facilidade, e o facilitismo!, relativamente à análise e debate em torno das singularidades de cada região; que apoia todos os movimentos de libertação pelos ideais de liberdade e justiça – concretizados em tantos momentos da história dos povos como foi o caso espantoso de Timor-Leste. Quero um Partido que continue a ser portador de sensibilidade, talento e coerência, capaz de, ao mesmo tempo, reivindicar a necessidade imperiosa de dotar a comunidade com as mais elementares infra-estruturas ao serviço das populações, e defender e promover a poesia, a pintura e a escultura em todas as salas, a música, a dança e o teatro em todos os palcos, por uma vida apaixonante e plena de criatividade – com escolas de qualidade e serviços de saúde saudáveis – até ao último suspiro com dignidade; capaz de, juntamente com outras forças políticas de esquerda, dar o seu imprescindível contributo em nome da paz, da democracia e da liberdade.

Quero um Partido onde continue a caber toda a gente que sustenta a ideia e a proposta de uma sociedade socialista, mais justa e mais fraterna; livre do cinzentismo que nos domina e se passeia pelos corredores aparentemente a protagonizar correrias de suor, sangue e lágrimas mas que só se lembra do cidadão quando vamos a votos; livre da mediocridade e estupidez que não nos deixa ver a copa das árvores habituados que estamos a olhar para os semáforos; livre do medo do desemprego e da chantagem; livre dos instintos primários aticados de segunda a domingo por tudo o que é palavra, imagem e ruído, livre da podridão e das misérias escondidas; livre porque construída por homens livres, de carácter e sonhadores. E porque quero que o Partido



Os textos enviados para esta secção devem ter um máximo de 60 linhas a 60 espaços (3600 caracteres, espaços incluídos). A Redacção do «Avante!» reserva-se o direito de reduzir a correspondência que exceda estas dimensões, bem como de efectuar a selecção que as limitações de espaço venham a impor. Quando e se necessário, a Redacção assegurará igualmente respostas ou comentários aos textos enviados. De toda a correspondência que contenha propostas de emenda ou sugestões sobre o documento em debate, será enviada cópia para as respectivas comissões de redacção. A correspondência deve ser endereçada a: Redacção do «Avante!» Secção Tribuna do Congresso Rua Soeiro Pereira Gomes, 3 1600-196 Lisboa Fax: 217817193 E-mail: avante.pcp@mail.telepac.pt



continue a estar envolvido nesta tarefa magnífica e gigantesca, serei o quê? Serei o que sou. Sem rótulos. Rótulos, aliás, motivadores de protagonismo e promoção dos que, continuamente, nada fazem para mudar o sistema e juram que fazia muito bem ao próprio sistema uma mudançazinha do Partido.

A esses senhores – papagaios e servidores dos interesses da classe dominante –, que tocam ao de leve os nossos propósitos e objectivos de vida, que ignoram a nossa relação entre camaradas (com conflitos e momentos críticos... Pudera, estamos vivos e com opinião, olhando sempre a aprendizagem das coisas...) cada militante pode, sem gaguejar ou pestanejar, responder como eu gosto de fazer: sou e serei comunista, pelo menos, enquanto a *cassete* burguesa durar.

E para os rótulos, estou-me nas tintas!

Carlos Piló Carvalho  
Viana do Alentejo

## «Era bom que trocássemos umas ideias...»

«Sem eleições gerais, sem uma liberdade de imprensa e de reunião ilimitadas, sem uma luta de opiniões livres, a vida enfraquece-se nas instituições públicas, vegeta e a burocracia torna-se o único elemento activo».

Qual é o sentido que faz, no âmbito da preparação do congresso, citar Rosa Luxemburgo, dirigente marxista, infelizmente pouco lembrada, que, em 1918, escreveu esta frase que a experiência histórica do «socialismo real» parece corroborar? Não será esta citação inadequada neste contexto? Não foi o PCP um protagonista maior do derrubamento do fascismo e da construção da democracia em Portugal? Não lutou e luta o PCP contra todas as tentativas de empobrecimento, limitação ou perversão do regime democrático? Não é o PCP portador de um projecto de democracia avançada que tem como objectivo a extensão desta a todas as esferas da vida social?

A resposta a todas estas questões é obviamente afirmativa. E, no entanto, o PCP é também o Partido que, para amplos sectores progressistas da sociedade portuguesa, está associado às trágicas experiências de construção do socialismo. Experiências onde a socialização dos meios de produção estratégicos e a planificação democrática foram substituídas pela estatização e onde o mercado foi eliminado por decreto. Experiências que tornaram o marxismo refém das razões de Estado. Experiências que não criaram mecanismos de participação democrática e onde às liberdades e os direitos individuais eram sistematicamente violados.

Experiências que só muito tardiamente criticámos, e mesmo assim de uma forma muito superficial, nos 13.º e 14.º congressos. Ainda hoje continua a ser extremamente penalizador da nossa actividade a incapacidade que revelamos de nos distanciarmos de países (China ou Coreia do Norte) que, afirmando como objectivo a construção do socialismo, mais não são do que espaços privilegiados para a acumulação

capitalista ou delirantes regimes totalitários, com os quais os generosos ideais do socialismo nada têm a ver. Por isso, seria extraordinariamente importante que este congresso permitisse aprofundar a nossa reflexão sobre o «socialismo real» e tirar do fracasso dessas experiências todas as lições políticas, ideológicas e organizativas, rompendo definitivamente com regimes que deveriam envergonhar todos os que lutam pela emancipação social.

Para isso, seria necessário que este congresso, no seguimento das importantes orientações do «Novo Impulso», continuasse a abrir caminho a uma maior participação dos militantes na vida do Partido, criando mecanismos que permitam um debate verdadeiramente democrático, sem constrangimentos, onde todos – independentemente da posição que ocupem no Partido – pudessem participar. Um debate onde devem estar afastados todos os tipos de rótulos e de epítetos (social-democrata, reformista, revisionista...) ou analogias despropositadas com situações do nosso passado recente que, infelizmente, circulam muitas vezes nas nossas discussões.

Estaremos a altura de tais exigências? Como Gramsci, devemos ter o pessimismo da inteligência e o optimismo da vontade...

João Rodrigues  
Lisboa

## Democracia e socialismo

O Partido Comunista Português que é e deve continuar a ser o partido da classe operária e de todos os trabalhadores, tem a sorte extraordinária de manter ainda o ideal comunista que caracteriza todos os militantes comunistas.

A sociedade capitalista em que vivemos é uma sociedade injusta e incapaz de resolver os problemas e as aspirações dos povos. O imperialismo dos grandes países do mundo como os EUA continuam a meter as mãos nos outros países onde tem problema, como exemplo a agressão injustificada da NATO na Jugoslávia. E preciso afirmar alto e forte uma grande frente anticapitalista e anti-imperialista graças à solidariedade internacional entre os partidos comunistas e forças de esquerda progressistas do mundo. Estou muito contente de ver o PCP que está sempre vivo e cheio de saúde e de fazer frente aos problemas que ele encontra, o PCP é o grande partido comunista revolucionário de vanguarda com a bandeira vermelha e os símbolos da foice e do martelo que representa o PCP como força política de protesto e de proposições.

Eu estou de acordo com o Projecto de Resolução Política do Partido que afirma a necessidade de construir uma sociedade socialista que seja livre das explorações que faz o capitalismo aos trabalhadores. Eu penso que a democracia e o socialismo é o melhor projecto de esquerda que propõe o PCP para um Portugal futuro e o para o povo português. O XVI Congresso que está a aproximar-se, eu queria afirmar as minhas ideias e propostas para o PCP do XXI século, mas eu respeito as proposições da direcção central do partido: 1. a manutenção do partido

revolucionário da vanguarda, do partido da transformação social e do socialismo que é o PCP. 2. a manutenção do funcionamento democrático do Partido e que precisa sempre de uma profunda democracia interna, uma única orientação geral e uma única direcção central que é o «centralismo democrático». O «Avante!», órgão central do PCP, com a bem-vinda remodelação que fez do jornal comunista crescer os ideais revolucionários na unidade dos comunistas. Para a coesão do jornal é preciso abrir nas suas páginas um correio dos leitores. 3. a substituição do «marxismo-leninismo» pelo «socialismo científico» (marxismo) que integra os contributos de Marx, Engels, Lênine, Gramsci, Rosa Luxemburgo e outros dirigentes e teóricos do movimento operário. Ela será a base teórica revolucionária do PCP sempre materialista, dialéctica e antidogmática. 4. a substituição do «internacionalismo proletário» pela «solidariedade internacional» no Programa e nos Estatutos.

Eu espero que o PCP não vá copiar outros partidos comunistas do mundo que abandonaram os seus ideais para se tornarem sociais-democratas reformistas. O PCP é o partido dos comunistas que querem continuar a lutar pelas raízes da sua história para um mundo melhor, por isso ele deve continuar a renovar-se e a prosseguir na linha política que sempre foi.

Que o debate e a discussão possam esclarecer as ideias dos militantes comunistas para o XVI Congresso!

André de Freitas Andrade  
Bognigny, França

## Política de alianças

Com o objectivo de participar e colaborar na discussão das Teses referentes à preparação do XVI Congresso, vou resumir a minha participação ao espaço reservado à situação internacional e à questão da alternativa de poder (alianças). Está amplamente demonstrado que a aniquilação do sistema comunista pela Europa fora não veio trazer nada de melhor para a Humanidade. Dos países da Europa do Leste, em qual deles as populações agora vivem melhor? Não há dúvida de que algumas pessoas, mas muito poucas, enriqueceram com a mudança do sistema político, o desemprego e os excluídos socialmente aumentaram, a NATO reforçou a sua subserviência aos interesses americanos, a degradação humana criou redes de máfia, que proliferam à custa da exportação de trabalhadores clandestinos e da prostituição, a exploração do ser humano voltou à época da escravatura. É este o avanço social que se quer? É o que nos esconde.

A sociedade em geral precisa que os progressistas se unam, se reforcem e se organizem para travar a ofensiva liberalizadora onde muito poucos contribuíam para que se denunciasses a hipocrisia do Estado rosa que constantemente nos enfiam pelos olhos dentro.

Rosa Madureira  
Lisboa

contrária à que defende o PCP, basta olhar para as privatizações, para as regalias e benesses dadas aos grandes grupos económicos, é bom ter presente que o partido socialista sempre tem dito que para fazer qualquer aliança governativa com o PCP, seria necessário o PCP mudar os seus princípios de defesa sistemática dos trabalhadores e dos seus direitos, teria que aceitar as privatizações e dar como normal a retirada de direitos laborais conquistados após e com o 25 de Abril.

Alguns camaradas acreditam que é possível haver entendimentos com o PS. São camaradas que pisam os corredores do poder e que há muito que não sentem na pele as injustiças e a exploração, são esses camaradas que têm acesso aos órgãos da comunicação social mas só quando é para terem opiniões contrárias à direcção do Partido. É difícil entender porque é que o Partido é sistematicamente silenciado na imprensa e é dada voz aos contestatários em alturas decisivas da sua vida interna.

Quem acredita que o PCP pode fazer alianças com o PS quando estão em jogo questões como a flexibilização de funções profissionais? É possível entendimentos com quem sistematicamente defende os interesses dos americanos ou dos países mais ricos da Europa em troco de pequenos subsídios que acabam no bolso dos grandes industriais ou grupos económicos?

A política de alianças está definida, aponta para que o Partido não perca a sua identidade e viole os seus princípios de classe. Terá que ser o PCP a liderar as possíveis alianças e com o PS isso não é possível porque a sua política tem outros destinatários que não os nossos. Bem pode uma pequena minoria querer alterar o cariz do PCP, pode até querer transformar a pequena minoria em grande maioria com a ajuda da comunicação social, mas o que não pode é obrigar a que a esmagadora maioria dos militantes comunistas adiram a social-democracia só para lhes satisfazerem os caprichos e aos de quem por detrás deles estão.

O XVI Congresso vai clarificar e confirmar a manutenção dos princípios de classe e identidade do PCP, vai continuar a definir que o seu lugar é ao lado dos mais desfavorecidos e que não vai trair a justa confiança que os trabalhadores depositam no PCP. Aos camaradas que têm acesso fácil à comunicação social fica o apelo para que usem a sua influência na denúncia dos graves atropelos aos direitos dos trabalhadores, porque quando se trata dessa matéria nada é divulgado e assim contribuíam para que se denunciasses a hipocrisia do Estado rosa que constantemente nos enfiam pelos olhos dentro.

## As lições que a vida nos ensinou

O Mundo mudou muito nos últimos anos e continua a mudar. As mudanças não acabaram em 1989, como alguns parecem acreditar. Globalmente, do ponto de vista político, mudou para pior. O capitalismo reforçou as suas posições, o seu domínio é quase total e continua na ofensiva brandindo constantemente o seu poderoso arfete, a comunicação social mundial, que implacavelmente domina. Aqueles que, no Partido Comunista, são constantemente apoiados, incentivados e elogiados pela comunicação social dominante alguma coisa de errado devem estar a fazer, seja qual for a sua motivação subjectiva, seja qual for a percepção que têm das suas acções e posições.

Esta é uma tese velhinha, actual como nunca e plenamente confirmada pelos acontecimentos da década de oitenta. Os novos ensinamentos, que é necessário extrair da vida, não nos devem fazer esquecer as lições que tantas vezes a história nos ensinou. O comboio descarrilou. Consertar a via, voltar a recolocar a locomotiva, reiniciar de novo a marcha é uma tarefa árdua e, porque feita debaixo do ruidoso fogo do inimigo de classe, verdadeiramente heróica.

O capitalismo é cada vez menos atraente. O que tem para oferecer é o retrocesso social em nome de uma competição cada vez mais feroz e sem qualquer preocupação pelo ser humano, pela sua felicidade e bem estar.

A alternativa existe. É necessário construí-la com o contributo de todos os que se mostrarem disponíveis. PS.: Esta tribuna deve manter-se permanentemente, na actual forma ou noutra considerada mais adequada. De certa forma isso já acontece actualmente, pois o «Avante!» dispõe de um amplo leque de colaboradores que exprimem as suas opiniões nos artigos que escrevem.

Só que esta faculdade deve ser alargada aos membros do Partido. Todos os militantes devem poder expressar-se no órgão central do seu partido se assim o entenderem. Esta será também uma forma de nos expressarmos no organismo a que pertencemos, no caso concreto, neste grande organismo que é o nosso PCP.

Ferreira Pinto  
Ovar

## Manter o respeito

Em pleno desabrochar do fascismo em Portugal e a inexistência de uma estrutura capaz de organizar a classe operária e os trabalhadores, o impulso da Revolução Socialista de Outubro, proporcionou a que em 6 de Março de 1921, um conjunto de revolucionários portugueses fundassem o Partido Comunista Português, que desde logo definiu como prática da sua política e linhas programáticas, a defesa da classe operária e de todos os trabalhadores, com fundamento no marxismo-leninismo.

Falamos de um Partido que mantemos e queremos manter fiel aos seus princípios, não estamos a falar de qualquer órgão institucional – Juntas de Freguesia, Assembleias de Freguesia ou Câmaras Municipais – que, sendo instituições públicas, são obrigatoriamente públicos os seus actos. Globalmente, do ponto de vista político, mudou para pior. O capitalismo reforçou as suas posições, o seu domínio é quase total e continua na ofensiva brandindo constantemente o seu poderoso arfete, a comunicação social mundial, que implacavelmente domina. Aqueles que, no Partido Comunista, são constantemente apoiados, incentivados e elogiados pela comunicação social dominante alguma coisa de errado devem estar a fazer, seja qual for a sua motivação subjectiva, seja qual for a percepção que têm das suas acções e posições.

Esta é uma tese velhinha, actual como nunca e plenamente confirmada pelos acontecimentos da década de oitenta. Os novos ensinamentos, que é necessário extrair da vida, não nos devem fazer esquecer as lições que tantas vezes a história nos ensinou. O comboio descarrilou. Consertar a via, voltar a recolocar a locomotiva, reiniciar de novo a marcha é uma tarefa árdua e, porque feita debaixo do ruidoso fogo do inimigo de classe, verdadeiramente heróica.

O capitalismo é cada vez menos atraente. O que tem para oferecer é o retrocesso social em nome de uma competição cada vez mais feroz e sem qualquer preocupação pelo ser humano, pela sua felicidade e bem estar.

António Cunha  
Beato

## Cumprir os compromissos

Usando da faculdade que me foi concedida pela direcção do «Avante!», e porque, desde 1 de Outubro de 1974 até hoje, sou militante do PCP, também quero dar a minha contribuição para o nosso Congresso. Antes de mais, quero confessar que não tenho qualquer licenciatura, muito menos em marxismo-leninismo. Como, aliás, 90% (ou mais) dos nossos camaradas. O que, a todos, nos une é sermos contra as injustiças sociais, contra a exploração do ser humano pelo ser humano, contra

as desonestidades, contra a mentira e, enfim, contra tudo aquilo que afecta, de mau, qualquer sociedade. Estou inteiramente convicto disto. Mas, com vinte anos de Partido ou mais, alguma coisa aprendi. E, entre o que aprendi, sei que nenhum dos nossos camaradas foi obrigado a vir para o Partido. E, quando vieram voluntariamente, todos aceitaram as três condições para a inscrição: estar de acordo com os Estatutos, pagar a quota e cumprir uma tarefa que o Partido lhe distribua. Quem, voluntariamente, assumiu tais compromissos só pode fazer uma coisa: **cumprir-los**. Qual, pois, a surpresa que, quem não cumpra o que voluntariamente assumiu, sofra as respectivas consequências? Outra coisa que, ao longo dos anos, aprendi (e percebi) é que, no PCP, é totalmente proibido o divisionismo, seja ele de que natureza for.

Quanto propriamente às Teses para o Congresso, apenas quero dizer que estou, no geral, de acordo com elas. Apenas, e dado o grau de cultura da maioria dos nossos camaradas, me parece que elas teriam mais impacto e seriam mais perceptíveis se, no início de cada capítulo, se fizesse um «resumo» do mesmo. A meu ver, há que ter sempre em vista que o PCP já não é um Partido de quadros. É um Partido de massas.

Como sou trabalhador da justiça, aposentado, muito teria a dizer em referência aos pontos 2.7.46, 2.7.47 e 2.7.48, limitando-me, por isso, a afirmar que a questão da Justiça, em Portugal, é eminentemente política. Isto é, se a directriz política for a correcta, ou seja a dita «de esquerda», é evidente que o número de processos que hoje enxameiam os tribunais baixaria de tal forma que, com o aparelho existente, a administração da Justiça não só seria rápida como gratuita. Dinheiro nos tribunais só como penalidade. A administração da Justiça tem muito a ver com a educação democrática do povo. Assim, todas as medidas que se tomam são meros paliativos e nada, absolutamente nada, resolverão. Espero que esta minha modesta contribuição não vá servir de «pasto» à campanha anticomunista que invadiu todos os órgãos de comunicação social e não só, desde que os outros entraram em autodestruição.

J. Dias da Silva  
Lisboa

## Contribuição para o debate

Os comunistas estão hoje como ontem a ser alvo de todas as críticas dos sectores mais reaccionários da sociedade. Para nós comunistas é o dia a dia, nas televisões, nos locais de trabalho em todos os lugares em que os média influenciam e estes sofrem a influência das centrais de informação situadas nos vários locais do mundo nomeadamente dos EUA, através da *Euronews* e dos vários canais internacionais que hoje pululam um pouco por todo o lado. É hoje visível que o capital nacional e internacional não conseguiu até ao momento alterar a postura de dignidade dos comunistas portugueses, a atitude na defesa dos interesses dos trabalhadores como na continuada perspectiva de alteração da lógica de vida, a dignidade,

honestidade e solidariedade, serão clichés talvez, mas são estes os itens para uma vida digna, que todos desejamos. A cultura é arremessada para a cultura *made in capital*, onde houver lucro, é cultura, onde o conceito é o da solidariedade dos «democráticos» encarregam-se benévola e de dizer *amen* ao capital.

O desporto é o que se vê, futebol e cia, o desporto para todos se conceito ultrapassado daqueles que não se modernizaram. Mas voltando ao segundo parágrafo, verificamos que até agora é em Portugal neste cantinho da Europa poderosa que existe um partido comunista onde o capital ainda não conseguiu introduzir-se, não sem que o tivesse tentado, mas porque o PCP está armado de sentido organizativo, que outros não têm.

Vimos por essa Europa fora a destruição dos Partidos Comunistas e desmantelamento de outros que foram no conto do vigário e que aceitaram integrar-se e coligar-se com outros partidos (veja-se o caso do PCF, etc.), aceitei ir para o poder, mas como perdeu a noção do inimigo principal tudo se faz em nome da democracia e o capital vai dominando com o beneplácito dos comunistas no poder. É uma espinha atravessada na garganta que os senhores do capital e seus amigos não podem aceitar de um Partido e de um Povo de um pequeno país que teima em resistir às investidas dos senhores e seus mandantes. O PCP é um partido de poder, mas não a qualquer preço, o preço da dignidade, do ser solidário e da honestidade não existe, nem mesmo a chantagem nos pode comprar, aliás foi por isso que muitos camaradas pagaram com a vida e anos de prisão.

Sou dos que advoga a alteração de posturas e o caminhar para alguma flexibilidade mas sempre dentro do espírito doutrinário que temos seguido, o de Marx e Lenine.

Marx, como analista e impulsor da doutrina económica que chega aos nossos dias com actualidade na relação capital/trabalho, Lenine como aglutinador destas ideias com a formação de um Partido de «novo tipo», o Partido Comunista.

Penso que todos nós comunistas, queremos melhorar a actividade e o trabalho do PCP, mas também é de reconhecer que muitos dos que se afastaram, fizeram-no ou fazem-no uns por oportunismo e comodismo, outros por falta de estoicismo, outros porque estão bem na vida, outros pelas circunstâncias da vida, esquecendo toda uma luta e que ela continua pelo melhoramento das condições económico-sociais. Não podemos atirar tudo para a responsabilidade dos órgãos dirigentes e isto porque é a nós militantes de base que cabe fiscalizar e exigir informação e conhecimentos que não estarão a ser canalizados como manda o «centralismo democrático».

É mais fácil atirar para os outros a responsabilidade que nos cabe a nós; quantos de nós vão ao Partido saber o que é preciso fazer e ajudar os camaradas funcionários do PCP (aliás como lhes chamava Lenine, revolucionários profissionais); o PCP sem esta característica passa a ser um partido como os outros. Para lembrar, os partidos comunistas aparecem sob a égide dos sindicatos, é na análise das reuniões de

trabalhadores que Marx começa a sugerir a organização dos trabalhadores explorados e para isso teria que ser como Partido para poder estar organizado e lutar em igualdade com os partidos existentes à data, Lenine deu-lhe a expressão num dos países mais explorados do mundo.

Afonso Flório  
Coimbra

### Isto é debate de ideias?

Não. É apenas insulto! Fiquei indignado, profundamente indignado, depois de ter lido o artigo de André Barata no jornal «Público» de 25 de Outubro. Um amontoado de insultos e calúnias, uma infame ofensa ao nosso Partido, ao nosso colectivo, a todos nós, militantes.

Não se trata de uma apresentação, no lugar errado, de pontos de vista ou opiniões, não se trata do desejo de debate, no lugar errado, de visões divergentes. Trata-se, sejam claros, de uma afronta traiçoeira à honra dos comunistas.

A nota de rodapé, identificativa do autor, não me inibe de afirmar que aqui há um enorme equívoco: André Barata não é, de facto, um comunista, não é, de facto, um militante do PCP.

A «superioridade moral dos comunistas», de que nos orgulhamos, não avaliza nem dá guarida à calúnia, à injúria, à difamação. E aquele artigo é tudo isto, e apenas isto.

Os meus longos anos de militante do PCP já me vacinaram contra as provocações que me são dirigidas, mas não me fizeram perder a capacidade de me indignar, nem beliscaram a minha certeza de que o nosso Partido não abdicará da sua identidade, não abdicará de ser o Partido revolucionário da classe operária e de todos os trabalhadores. Cada vez mais reforçado, cada vez mais prestigiado, cada vez mais influente e interventivo. O XVI Congresso será mais um firme passo nesse sentido.

Areosa Feio  
Lisboa

### O prestígio internacional do PCP

Nalguns dos contributos publicados no «Avante!» e acentuadamente mais críticos em relação ao Projecto de Resolução Política (PRP) aprovado pelo CC, abordam-se determinadas temáticas ou fazem-se afirmações por vezes de forma esquemática e abstracta, sem um mínimo de ligação à actividade concreta desenvolvida pelo Partido, como por exemplo, quando se aponta a necessidade de «alterações profundas» na área das relações internacionais. Qualquer membro do PCP que acompanhe regularmente a imprensa do Partido («Avante!» e «O Militante») ficará surpreendido pela

radicalidade e falta de fundamento de tal exigência. Basta ler atentamente o PRP no ponto 4.3 - Actividade internacional do PCP - ao qual o autor da proposta não faz a mínima referência, para se ter uma ideia bastante concreta da intensidade, dos objectivos e do modo extremamente positivo como o Partido tem actuado no campo da solidariedade internacionalista. Além disso, a actividade internacional do PCP tem-se caracterizado por uma grande diversificação e flexibilidade no contacto com outras forças políticas de esquerda na Europa e no mundo sem cairmos no papel de distribuidores de aspirina aos povos em luta como acontece por exemplo com a maioria dos partidos que integram a Internacional Socialista.

O prestígio internacional de que desfruta actualmente o PCP, comprovado pelas relações que mantemos com numerosos partidos comunistas e outras organizações revolucionárias e progressistas de vários continentes não resulta apenas do nosso passado e do papel desempenhado no 25 de Abril. Nesse sentido, também tem sido determinante, num tempo marcado pela asfixia dos valores da solidariedade e pela propagação do egoísmo, a forma como temos conduzido em Portugal a luta de resistência contra o pensamento único e outras perversões do moderno capitalismo.

O auto-elogio não corresponde à nossa maneira de ser e essa será a razão porque no PRP aprovado pelo CC não se compara a situação do PCP com a de outros partidos que nos estão mais próximos ideológica e programaticamente. Mas é importante fazê-lo neste momento em que um outro camarada parece deixar-se enredar numa espécie de «botabaixismo» global dos princípios que têm garantido ao PCP mais sucessos que derrotas e em cujos contributos é manifesta uma visão demasiado negativa da acção e imagem do Partido como se as nossas propostas (trabalho com direitos, liberdades e garantias democráticas...) não fossem suficientemente atractivas para a esmagadora maioria dos 3,68 milhões de portugueses que possuem automóvel, mas apenas para quem anda de burro ou a pé. Basta recordar que apesar de todas as nossas deficiências, que são grandes e se encontram muitas delas já apontadas no PRP (por exemplo 4.5.25), continuamos a ser na Europa um dos partidos comunistas com um número de militantes dos mais elevados, de maior expressão eleitoral, com uma presença assinalável nas autarquias, inclusive na administração da capital, com um património material e autonomia financeira que nos garantem uma grande

independência na nossa actividade, com uma intervenção política institucional intensa e reconhecida, nomeadamente no parlamento e com um secretário-geral membro do Conselho de Estado. Neste momento não existe na Europa nenhum outro partido comunista, no governo ou na oposição, renovado ou por renovar, da esquerda plural ou singular, com tanto prestígio e influência no movimento sindical do seu próprio país como o PCP.

Essa é certamente uma das razões da histórica campanha conduzida contra nós pelos órgãos de comunicação da ideologia dominante. Dá vontade de perguntar se estão tão convencidos de que a história chegou ao fim e da justeza do modelo de «democracia» que administram e controlam quase totalmente, porque é que continuam a ter tanto medo do PCP? Penso que há razões suficientes para agirmos ponderadamente e não nos lançarmos numa incontrolada febre do renovar por renovar, destruindo princípios que até agora têm demonstrado serem mais vantajosos do que prejudiciais mesmo quando comparados com certas experiências de outros partidos que prosseguem ideais e objectivos idênticos aos nossos.

Rui Paz  
Düsseldorf - Alemanha

### Esconder o Partido atrás da cortina...

A mim, o que me parece é que quando se fala do nosso Partido como sendo um Partido revolucionário, um Partido de massas e interventivo, que luta pela resolução dos problemas concretos dos trabalhadores e das populações, a prática de alguns organismos do Partido não corresponde à orientação traçada, ou seja, à teoria. Retive na memória uma cena protagonizada por dirigentes do Partido, aquando do «buziño» na Ponte 25 de Abril: o PSD e Cavaco Silva, então primeiro-ministro, estavam a acusar o PCP de estar a dirigir a luta, ao que os nossos camaradas negavam esse mesmo envolvimento. Mas porquê negar? Porquê esconder o Partido atrás da cortina? Não só se deve assumir a participação dos militantes do Partido nas lutas justas, como também, se adequado e necessário, deve ser o Partido a organizar e dirigir



essas mesmas lutas, directamente e com os dirigentes à cabeça! Afinal, é ou não é o PCP o Partido de vanguarda da classe operária e de todos os trabalhadores? É claro que em teoria é; mas, e na prática? Parece que, na prática, alguns camaradas com responsabilidade na Direcção do Partido, aos diversos níveis, ou já lhe perderam o jeito e talvez a perspectiva, ou talvez até nem a tenham ganho.

A participação do Partido nas instituições (Assembleia da República ou Regionais) e o exercício de poder nas autarquias não é antagónica com a participação na luta concreta dos trabalhadores e das populações pela melhoria das suas condições de vida e de trabalho. Quer uma que outra visem o mesmo objectivo: transformar, a médio e/ou longo prazo, a sociedade capitalista numa sociedade mais justa e mais fraterna, a sociedade socialista.

Vitor Martins  
Funchal

### Um apelo angustiado

Perante os actuais condicionalismos internacionais e nacionais, dada a nossa evolução e actividade, urge e seria possível fazer do XVI Congresso um instrumento de renovação do PCP, de ampliação da sua capacidade de análise, intervenção e atracção. Manteríamos as nossas características positivas e acrescentaríamos outras, abandonaríamos os vectores de auto-bloqueio.

Ao contrário do que é proposto pelo actual Comité Central (vejam-se as «Teses - Projecto de Resolução Política»), o Congresso deveria debater Estatutos e Programa; história do «movimento comunista internacional», dos «socialismos reais» e do PCP; balanço de actividades, perspectivas estratégicas (planos internacional e nacional), organização e quadros. Os custos de optarmos por outras soluções poderão ir desde a continuação de um relativamente lento processo de desgaste até à integração na área de influência do PS ou à imploração a curto ou médio prazo face: a) a uma eventual manutenção do presente equilíbrio de forças (defensivo e imobilizante); b) a uma (hoje fantasmagórica) social-democratização; c) a uma incompreensível e suicidária (mas crescentemente plausível) regressão neoestalinista.

Quanto a esta última ameaça à sobrevivência do PCP, lembra-se a forma simultaneamente organizada e sistemática, irresponsável e autista como parte dos membros da direcção nacional, beneficiando de muito ou pouco apoio no Partido, têm: a) controlado, de modo sectário e causador de exclusões ou

desilusão, o «Avante!» e a JCP; b) impedido o desenvolvimento de um Sector Intelectual que coordene e potencie a actividade dos comunistas portugueses nas áreas da produção cultural e do debate ideológico; c) boicotado o «Novo Impulso», o ciclo de debates «Portugal 2000» e o «Pacto de Insumissões»; d) procurado, desde Fevereiro de 1998 e utilizando todos os meios (incluindo as «fugas de informação»), caluniar, anular a influência ou afastar camaradas etiquetados como «menos firmes»; e) alimentado, desde Dezembro de 1999 e no contexto da preparação do XVI Congresso, um ambiente de desconfiança e conflito interno visando impedir a afirmação do que designam por «ameaças revisionistas»; f) tentando impor interpretações abusivas dos Estatutos e leituras inaceitáveis (porque falsas, desumanas e contraproducentes) acerca dos partidos e regimes de tipo estalinista; g) concebido e começado a exigir uma «purga geral» no Partido (organismos de direcção, grupos parlamentares, autarquias, organizações «contestatárias», etc.) e no movimento sindical.

O futuro do PCP depende, pois, como sempre tem acontecido, mais da iniciativa dos seus dirigentes, militantes e simpatizantes do que da pressão dos adversários. É, assim, decisivo interromper a referida lógica de autodestruição participando no debate interno (nas organizações, no «Avante!», junto dos organismos de direcção), elegendo delegados, contribuindo para assegurar um XVI Congresso de aperfeiçoamento e reforço, não de estagnação ou dissolução. Está em causa a própria existência do nosso colectivo partidário!

João Paulo Avelãs Nunes  
Coimbra

### Renovar o quê?

Durante muito tempo falou-se e continua a falar-se em renovação do PCP. Essa renovação tem sido feita em todos os congressos. Estamos a chegar ao XVI Congresso, onde tudo indica que a dita renovação que algumas pessoas pretendem, é que o PCP deva abdicar dos seus princípios e ideais, abandonando o marxismo-leninismo e a sua natureza de classe. E tudo isto com um único objectivo, a fome pelo poder. Estranho muito que algumas pessoas venham a público defender «santas alianças» passando pelo partido do governo, aquele que tem feito uma política de direita e destruidora dos direitos dos trabalhadores, só com a ideia do Partido ter algum ministro ou secretário de Estado? Nesse caso o futuro do PCP seria uma fotocópia do PCF (é giro e dá milhões), não era o PCP a gerir o seu projecto, mas sim o capital a gerir o projecto do PCP.

Todas as pessoas que estão neste grande colectivo partidário têm o direito de dar as suas opiniões, mas quando começo a ver dirigentes do Partido a defender que as actas das reuniões do Comité Central deviam ser tomadas públicas, como faz o PCF, acho que por este andar um dia destes os outros partidos estão a discutir os problemas internos do PCP e a fazer propostas. Cada vez mais começo a compreender qual é a renovação que algumas pessoas pretendem. Era bom ver qual foi o destino de alguns partidos comunistas, quando seguiram outros caminhos, por exemplo quando Santiago Carrillo, com o seu projecto de «eurocomunismo» destruiu o Partido Comunista de Espanha, coisa que o ditador Franco nunca conseguiu. O PCF, a troco de ministros, abdicou dos seus princípios de classe e ideais. O mesmo se passou com o partido italiano e outros, onde todos os problemas começaram sempre nas direcções dos partidos. Se algum dia o Partido Comunista Português abdicasse dos seus princípios e ideais, a partir desse dia, eu não me reveria nesse Partido.

Aníbal Guerreiro  
Oeiras

### Eu me interrogo

Quero antes de mais endereçar os meus cumprimentos a todos os militantes do Partido, sobretudo aos que travam a discussão partidária no quadro das regras de funcionamento do Partido. Pela primeira vez na minha vida de militante do Partido, sinto uma amargura muito grande. Uma amargura causada não pelos desaires eleitorais, não pelas acusações, insinuações e mentiras propagandeadas pelos inimigos do Partido, etc., mas uma amargura causada por ver militantes do Partido estabelecerem conexões entre este Partido com o seu património de luta pela liberdade e a democracia e outros, lá longe, que intitulando-se aquilo que muito bem entenderam praticaram crimes. Só pensar que alguém dentro deste Partido, admite como hipótese que se fôssemos para o poder faríamos o mesmo que outros fizeram, causa-me náuseas. Só pensar que alguém é capaz de colocar como equação que o marxismo-leninismo conduz quase que inevitavelmente à prática de crimes, me faz arrepiar. E só de pensar que alguém olha o colectivo partidário como uma cambada de mentecaptos, incapazes de pensar, incapazes de escolher, incapazes de dizer não, sempre à espera das «ordens» de cima, repugna-me e ofende-me. Aliás, tudo isto me ofende. Como me ofende a profunda mistificação em torno da coligação autárquica existente em Lisboa. E ofende porque são atirados para debaixo do tapete os pressupostos que a determinaram, qual a realidade existente nessa altura, qual a correlação de forças e usa-se esse exemplo para justificar coligações mais vastas - a esquerda - com premissas que não são iguais e, portanto, com realidades que são distintas. Há problemas de funcionamento? Há problemas de ligação às massas? Há problemas de iniciativa política, sobretudo ao nível local? Há insuficiente discussão? Muito bem. Haja tudo isso. Mas porventura em alguma conclusão é dito que não existem problemas? E

desaparecerão esses problemas com a alteração da fórmula marxista-leninista? Ou com o fim dos princípios de funcionamento do Partido? Ou com o fim da sua natureza de classe? Se assim fosse Portugal e neste caso o PCP, seria caso único no mundo. Porque é bom que se diga que se as experiências dos outros servem para justificar e argumentar num determinado sentido, então também me servem a mim para argumentar no sentido de que este Partido deve continuar a ser marxista-leninista e deve manter os seus princípios de funcionamento, devendo-se empreender um grande esforço de superação das insuficiências existentes. Referir, como tem sido referido em diversos órgãos de comunicação social, que quem questiona é tomado por inimigo e suspeito de conspiração, ofende. Mas quem passa informações para a comunicação social conspira. E quem não cumpre as regras de funcionamento em vigor neste Partido, é desleal e permite-me questionar se também não conspira. E quem escreve cartas para a Direcção e as publica na imprensa, talvez também conspira. E os que votaram por unanimidade - leia-se a entrevista do secretário-geral - na reunião do CC, a manutenção do Programa e dos Estatutos do Partido e agora propõem coisas que conduzem à alteração disso mesmo que aprovaram, afinal o que é que querem? Queriam uma modificação «palaciana»? Queriam mudar os Estatutos sem contudo assumir a mudança? Queriam - partindo do seu pressuposto de que os militantes do Partido limitam-se a cumprir as «ordens» de cima e não têm espírito crítico - que a Direcção avançasse com práticas, como se elas fossem as coisas mais naturais do mundo, sem as submeter ao Partido? Isto são dúvidas, não insinuações. E são do meu ponto de vista dúvidas legítimas face ao contraditório comportamento que se verifica nalgumas pessoas. Veja-se por exemplo toda a conversa em torno do «novo impulso». Foi porventura decisão do «novo impulso» a eleição indiscriminada dos coordenadores? Ou foi decisão, a faculdade de os organismos de base poderem eleger os seus coordenadores? Em que local das Teses está esta decisão posta em causa? Mas já a põem em causa os que partindo do quadro concreto da decisão tomada a pretendem desvirtuar, ampliar e aplicar fora do quadro das regras decididas. E isto não é uma suspeição, é o que se extrai da leitura de algumas cartas desta Tribuna.

Por um XVI Congresso que constitua mais um momento de reafirmação deste Partido, o Partido Comunista Português.

Correia Alves  
Setúbal

### PCP e a Internet

Aqui vai a minha modesta contribuição, para um debate sereno e confiante, que em boa hora, o nosso jornal, resolveu propor aos leitores do Avante com a «Tribuna do Congresso». Na minha modesta opinião, penso que deveria haver mais vezes no «Avante!», um espaço como o da tribuna do congresso, para dar a voz aos nossos militantes e simpatizantes que gostam de escrever e de contribuir, para o enriquecimento do jornal. Bom vamos ao que interessa: Costaria de abordar algumas questões, que na minha modesta opinião, ainda não foram abordados na página da tribuna do congresso, que é a questão do PCP e da Internet.

Tendo sido o PCP, o primeiro partido político português, a ter uma presença e uma página na Internet, penso no entanto, que esse site poderia ser mais dinâmico, criando e fazendo algumas modificações, como por exemplo: Criar e manter uma mailing List. Dinamizar e desenvolver canais próprios de comunicação, aproveitando Estabeler Links com ligações a outros partidos irmãos. Dinamizar e incentivar as organizações locais do partido, dentro das suas possibilidades e vontades, a criarem espaços de divulgação da Internet, aproveitando os recursos políticos e humanos, que a rede apresenta. Esta é a minha modesta contribuição, para a página da «Tribuna do Congresso».

José Robalo  
Barreiro

### Enfrentar responsabilidades

Antes de mais quero felicitar o partido pelo espaço «Tribuna do Congresso», que é uma oportunidade de debate de ideias que o «Avante!» deveria manter após a realização do XVI Congresso. A meu ver, a situação que o nosso partido atravessa actualmente deve-se ao facto de ter chegado a altura de enfrentar as nossas responsabilidades, ou seja, de pagar a factura por durante anos não se ter posto nada em causa do que se passava nos países do campo socialista.

Na minha opinião, após décadas de censura, deturpações dos factos, falsificações da história levadas a cabo pela escolástica soviética tornou-se há muito necessária uma reavaliação destes acontecimentos históricos, das figuras revolucionárias (muitas delas eliminadas física e ideologicamente) que escreveram essa página ímpar da história da Humanidade que foi a Revolução de Outubro (do papel desempenhado por Stalin, Trotsky e outros intervenientes na Revolução).

Em relação ao nosso partido, estou de acordo com o princípio de uma orientação única e do centralismo democrático sempre que a sua vertente democrática seja respeitada e que haja debate de ideias. Concordo também com o marxismo-leninismo, da maneira que é interpretado pelo nosso partido, ou seja, sem dogmatismos e sem revisão oportunista, ou seja, um sistema de análise aberto.

Não creio que aprofundar a análise das causas da degeneração dos ideais da Revolução de Outubro seja «desviar-se para o pántano social-democrata». Esta análise é essencial para aprendermos com os «nossos» (do movimento comunista internacional) erros do passado, para que o nosso projecto de alternativa tenha credibilidade e viabilidade no futuro.

Pedro Miguel Pechirra  
Cascais

### Pluralismo

Nós, os militantes, somos o pluralismo e a diversidade do partido. É dessa diversidade que somos que se constrói o colectivo do nosso partido, aberto à

# XVI CONGRESSO

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## Tribuna do Congresso

vida e ao mundo, não numa luta de poder pelo poder, mas de luta permanente de combate às injustiças que persistem e se acentuam e multiplicam um pouco por todo o lado e em todos os campos da sociedade, totalitária e alienatória.

O património de que somos herdeiros é um oceano de vidas, que se entregou de alma e coração na defesa dos direitos dos mais desprotegidos, numa luta sem tréguas em defesa da Democracia, da Liberdade, da Solidariedade e da Fraternalidade, palavras em que se alicerçam as nossas convicções.

É preciso afirmar todos os dias, para que não restem dúvidas a ninguém, de que «estamos bem connosco porque estamos bem com o nosso passado e temos saudades de futuro (como ele disse).

Como todas as vidas, temos altos e baixos, coisas boas e menos boas, mas acima de tudo temos a capacidade e a humildade de reconhecer que não somos perfeitos, cometemos erros e temos dúvidas.

Gostava que nas Teses do Congresso ficasse claro, para que ninguém tenha ou fique com dúvidas de que o nosso partido é o principal fundador da Democracia Portuguesa. E defende o multipartidarismo. A liberdade e a Democracia.

E defende a liberdade religiosa de todo e qualquer cidadão. Este é um partido de liberdade religiosa.

Este é o partido em que os homens e as mulheres estão primeiro que os números, a política é feita para as pessoas em concreto, com rigor, transparência e verdade.

No partido, os protagonistas são todos os militantes, sem excepção, independentemente do grau de exposição e de mediatismo, adquiridos nos cargos que desempenham ou desempenharam. E a opinião de qualquer militante que seja, tem de ser respeitada e levada em conta, porque só do debate e do confronto de posições se enriquece o colectivo, na procura das melhores soluções para a concretização dos nossos objectivos de transformar o mundo numa casa mais justa, onde não haja homens e mulheres excluídos dos mais elementares direitos a que tem direito todo o ser humano.

É importante que neste Congresso não se vá discutir o sexo dos anjos, elaborar documentos muito bem redigidos, pô-los à votação do Congresso, de braço no ar ou voto secreto, que no caso tanto faz, porque o importante é discutir, debater tudo, sem qualquer reserva mental, para que no fim do Congresso tenhamos um Partido mais forte, motivado, rejuvenescido e verdadeiro, que nos retrate na diversidade e nos reforce na unidade.

Viva o Partido Comunista Português!  
Viva PORTUGAL!

Mário Santa Bárbara  
Odemira

## É preciso, é urgente repor a verdade

As organizações partidárias prosseguem a preparação do XVI Congresso, debatendo o projecto de Resolução Política, proposto pelo Comité Central, uma discussão que enriquece o trabalho colectivo do Partido.

Alguns comunicação social gostaria que assim não fosse, mas o PCP rege-se por normas próprias, cujo conteúdo democrático não tem paralelo no sistema partidário português. Que outro partido coloca um documento aprovado pela sua direcção e o põe à reflexão dos seus membros e procura acolher e integrar as suas contribuições?

Isto não significa que consideremos não haver insuficiências no nosso trabalho, ou que nos damos por satisfeitos, mas em matéria de democracia interna, não temos nada a aprender com qualquer dos partidos burgueses.

Em qualquer partido existem diferenças de opinião. Quanto a isso o PCP não foge à regra. Foge, isso sim, aos mecanismos da sua superação. Entretanto, desacordos e diferenças de opinião, não se podem confundir com desonestidade intelectual. Sobre a preparação do nosso Congresso como é normal, dizem-se enormes mentiras com particular destaque para o órgão central da SONAE/Belmiro de Azevedo, mas se isso é compreensível vindo de quem vem, já o não é quando vem de membros do Partido que, sem terem lido as Teses, tomando à letra o que diz o «Público», se põem a proclamar que se abandonou o «Novo Impulso».

No ponto 4.1.10 (página 71) do projecto de Resolução Política diz-se expressamente que «o Partido, além da sua acção regular que envolveu anualmente milhares de reuniões, lançou um novo impulso no reforço da sua organização, intervenção e afirmação política» seguindo-se a enumeração sintética das actividades realizadas.

Ao longo do capítulo quarto faz-se uma análise crítica e autocrítica da actividade e da realidade do Partido. Propõem-se linhas de trabalho para o reforço do Partido, em matéria de conhecimento e responsabilização de quadros, sobre o rejuvenescimento, assembleias de organização, acção junto dos trabalhadores, etc., etc.

O que dizem as Teses nesta matéria divergem das orientações aprovadas pelo Comité Central em Fevereiro de 1998? Não parece. Então porquê as falsificações em que insistem alguns membros do Partido? Será que o novo impulso de que falam é coisa que o Partido não conhece. Se o é, é bom que o digam com clareza.

António Paulo Duarte  
Lisboa

## Mais uns tantos pontos

Gostaria de saudar os milhares de militantes que dedicadamente se empenham na luta e no projecto comunista. Como muitos deles, preocupo-me com a perda de métodos de trabalho e de princípios, com as

cedências a outras formas de agir e de pensar que não fazem parte nem do Programa nem dos Estatutos, em nome de uma «renovação» e na busca de um Partido Comunista Português(R) que já existe e foi fundado pelo Xico da CUF.

O *Big Brother* está na moda. De personagem dum romance de George Orwell, o *Big Brother* inglês - que em português se chamou Pai da Nação, e viveu 48 anos - transformou-se em concurso nacional que dá emoções e dinheiro e que se instalou muito bem instalado na vida dos portugueses. E como a lei da indução é uma lei científica - passe a redondilha - que se aplica ao mundo físico e ao mundo social, vai-se instalando o hábito de olhar para dentro da vida das pessoas, das instituições. Voltámos a ter de novo «os olhos e os ouvidos do Rei», como nos tempos do Assurbaníbal, desta vez sob a capa de jogo, de entretenimento. Mas, como se sabe, aquilo que o Grande Irmão nos mostra não é a realidade; é uma informação filtrada, aquela que possa ser mais sensacionalista, em função das audiências, do investimento e do lucro que foram feitos. Todos os concorrentes que até agora puderam falar o confirmam. Será esta a democracia interna de que tanto se tem falado? Será desta forma que tudo o que diz respeito ao Partido, e não só as questões sectoriais, deve ser conhecido por todos os militantes? Se é, eu digo Não definitivamente. Porque alguns Grandes Irmãos deste país, que até aplaudiriam esta abertura, vivem em condomínios fechados, como a Quinta da Marinha e outras tantas, guardadas por cães tricéfalos, do tipo Miguel Champallimaud, que nem sequer deixa lá entrar os bombeiros. E querem-nos convencer que espreitar para dentro do Partido Comunista é politicamente correcto...

Quer queiramos quer não, estamos todos a participar numa guerra, que em vários pontos do Globo, assume o carácter militar, mas que em todo o Mundo é uma guerra económica e social, e por isso política, e por isso partidária. Numa guerra há aqueles que caem para sempre, há aqueles que ficam feridos, há aqueles que desertam, mas também há, claro, aqueles que continuam o combate, que também vão feridos, rasgados, que têm que mijar em cima da espingarda para a arrefecer, como fizeram os Portugueses nos campos da Flandres, mas estão convencidos que a luta é para continuar até à vitória final! Neste combate desigual, os que continuam, sofrem porque vêm tombar os seus amigos, os seus camaradas com quem caminharam lado a lado, com quem partilharam

alegrias e tristezas. Continuam o combate e sofrem. Mas a luta continua e por isso têm que ser práticos como o Marquês de Pombal: enterre-se os mortos, e por favor, por favor, cuide-se dos feridos e dos que estão vivos!

José Cavaco  
Almada

## Transformar o mundo

Em presença da realização do XVI Congresso do PCP, considerando as suas Teses em profusa discussão no seio do Partido e fora dele, não poderia deixar de aproveitar a oportunidade de expressar a minha opinião na tribuna do «Avante!». Considero a realização deste Congresso um evento da maior importância que ultrapassa a mera obrigatoriedade do cumprimento estatutário.

A construção e o desenvolvimento das Teses, os diagnósticos, as matérias, os objectivos e os caminhos que são apontados para a resolução dos problemas dos trabalhadores e da população em geral revelam um conhecimento profundo da sociedade, o que só é possível, porque há participação e empenhamento do colectivo, que é apanágio de um partido como o PCP.

Os problemas internacionais e do mundo e transformação até às realidades do país e muito em particular dos trabalhadores são tratados de forma objectiva e tão transparente que só não vê isso quem goste de complicar o óbvio ou está muito longe da luta pela transformação da sociedade. Muitas das situações apontadas, são o retrato daquilo que é vivido pelos trabalhadores do sector da Hotelaria, Alimentação, Bebidas e Tabacos, nas empresas e na sua vida social e familiar.

A entrada do capital estrangeiro no sector I a criação de grandes grupos económicos, quase sempre acompanhados de destruição de postos de trabalho e ataque aos direitos dos trabalhadores e em violação de direitos fundamentais são uma constante face a permissividade de quem governa.

A escandalosa precariedade nas empresas, tal como o trabalho à semana, ao dia, à hora e até clandestino a que se junta agora o recrutamento de mão-de-obra



# XVI CONGRESSO

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

estrangeira barata, para retirar direitos, são situações que não se compadecem com o conformismo ou a ausência de resistência e luta. A existência de salários de miséria, as longas e penosas jornadas de trabalho e o direito recusado a cultura, ao lazer e ao convívio familiar e social, arrastam-se ignobilmente num sector que representa mais de 10% do PIB nacional.

A frequente não efectivação dos direitos, das leis e dos contratos neste e noutros sectores, com impunidade e arrogância, só contrariadas pela luta dos trabalhadores e seus aliados são outras tantas situações que deveriam envergonhar e preocupar os que cumprindo o seu papel actuam para a sua manutenção e, por outro lado, aqueles que consciente ou inconscientemente perdem mais tempo na discussão do inútil, do que naquilo que importa aqui para transformar.

A dinâmica criada na preparação do XVI Congresso e em torno dos problemas reais e concretos importa que continue e se reforce cada vez mais, isto porque, a discussão trouxe ao de cima que é necessário a cada momento nos prepararmos para o combate e isso têmo-lo conseguido. O XVI Congresso do PCP será seguramente um momento alto onde serão discutidos os problemas que verdadeiramente interessam aos trabalhadores e ao povo e donde não deixarão de sair as soluções que melhor continuem a servir aqueles que querem a construção de uma sociedade mais justa e pelo fim da exploração do homem pelo homem. Todos sabemos que podemos contar com o PCP para a batalha de transformar o mundo.

Joaquim Pires  
Lisboa

## As Teses

A leitura das Teses levam-nos a conhecer melhor as importantes vivências do nosso Partido. Assim, podemos avaliar melhor o seu trabalho, análises, etc. Por isso, todos os militantes se podem orgulhar do Partido que temos. Logo, as Teses deveriam ser lidas pelo maior número de militantes para sentirem melhor o seu Partido. Deste modo, apresentar qualquer proposta ou emenda, sobretudo para um autodidacta, é quase um desafio perigoso e uma aventura, no gesto, tal a riqueza das Teses.

Todavia, a filosofia dos nossos ideais assenta na necessidade e vantagens de todos ouvir, debater com eles, etc., para um melhor apuramento das sempre renovadas realidades que a vida e os vários acontecimentos impõem. Daí o nosso à vontade de fazer e dizer... aceitando o melhor resultado apurado e votado. Posto isto, eis a minha tentativa de contribuição aceitando os critérios estabelecidos: penso que os *soviets* não funcionaram (ou não funcionaram devidamente) a partir de uma certa altura, na URSS. Tudo leva a crer que essa situação terá sido uma das principais causas da derrocada («terramoto») que teve lugar no campo socialista, sobretudo na URSS, na medida que a sua falta ocasionou uma não consciência político-revolucionária no seu povo tornando-o, de certo modo,

alheio a estas práticas, alicerces e defesa da Revolução.

Uma informação e análise detalhada sobre os *soviets*, penso, não terá sido dada com frequência, desenvolvida, etc., pelo nosso Partido! Daí, a minha seguinte proposta de acrescento: 1.2.12. No segundo, «Por outro» (lado), meter a seguir a «desvios» o seguinte, entre parêntesis:

( com realce para o não funcionamento dos *soviets*, isto é, a não participação do povo de forma profunda, empenhada, etc., e responsável em todos os sectores da vida político-económico-social da URSS).

Como sabemos, as religiões do mundo têm (e terão) ainda um grande peso na maneira de pensar e agir das pessoas dos seus povos face a crenças que, de uma maneira geral, resultam de uma ignorância do mundo que as rodeia e de sensibilidade muito próprias.

Já na «Guerra Fria», e perante o perigo atómico, fui sensibilizado de que, talvez, para tentar evitar tal perigo atómico seria vantajoso que essas religiões participassem, de uma maneira empenhada e responsável, com outras forças e movimentos na defesa da Paz. Hoje, como sabemos, o perigo atómico não desapareceu..., e outros perigos novos (tentativa de hegemonia mundial americana) e antigos, existem provocados pelo capitalismo como vem acontecendo através dos tempos... Daí, verificarmos as mesmas vantagens de sensibilizar essas religiões e apresentar as seguintes propostas encaixadas no ponto das Teses que me parece mais adequado, isto é:

1.3.19. Tudo indica que só a médio ou longo prazo terá lugar a alternativa socialista (ou coisa do género) ao sistema capitalista e, portanto, a superação deste irá implicar a participação de diversos movimentos políticos ( com destaque para os partidos de esquerda), sociais e, também, religiosos à escala mundial para libertar esta rica, e tão pobre, Humanidade! A «soma» dessas participações poderá atenuar, «as duras lutas» e os custos de pessoas e bens que, a superação do capitalismo, inevitavelmente, irá exigir!

1.3.20. Por isso, as religiões do mundo, deverão ser também chamadas a participar de uma forma directa, calma e responsável na construção da nova sociedade (deixando de exercer influências, indirectamente, de uma maneira geral condenáveis) numa plataforma de colaboração e não na qualidade de poder temporal.

1.3.21. O homem, na nova sociedade, terá que ser a coisa mais importante dessa sociedade! O homem necessita de amparo, vindo de ocupações várias (naturalmente, razão da sua existência), e vai procurá-lo em diversas fontes: na crença religiosa, na prática política, na prática científica, etc. Portanto, só respeitando essas opções o homem será respeitado!

Esse respeito, poderá e deverá ser, a base de um entendimento que leve ao florescimento de uma nova sociedade que, por sua vez, assente na não exploração do homem pelo homem, no cumprimento de direitos e deveres, numa Paz sem armas, etc. Numa palavra: na emancipação do homem de acordo com a já indicada por Marx e, naturalmente, aperfeiçoada com os novos tempos. Mas tudo isso, como se verifica, só será possível com a superação do sistema capitalista!

Luís Gouvêa  
Porto

# Reuniões para discussão das Teses

## OR ALGARVE

**Faro** – Assembleia da freguesia de **Sta. Bárbara de Nexe**: dia 10, 21h30, CT Faro. Reunião de **mulheres e reformados** de Faro: dia 12, 15h, CT.

**Lagos** – Assembleia concelhia: dia 11, 16h, CT.

**Loulé** – Assembleia concelhia: dia 11, 15h.

**Monchique** – Assembleia concelhia: dia 12, 15h, CT.

**Portimão** – Debate sobre marxismo-leninismo, seguido de magusto: dia 11, 15h, CT.

**Silves** – Assembleia das **freguesias do Sul do concelho**: dia 10, 21h30, CT Silves.

## OR AVEIRO

**Aveiro** – Plenário distrital de **quadros sindicais** para discussão das Teses: dia 15, 10h.

**Agueda** – Reunião da Com Concelhia: dia 13, 21h30.

**Espinho** – Reunião da Organização Concelhia: dia 10, 21h30, CT de Espinho, com **Manuela Silva**.

**Feira** – Reunião da org. Concelhia: dia 10, 21h30, CT.

**Mcalhada** – Assembleia plenária eleitoral: dia 11, 17h, na Junta de Freguesia, com **Hélio Samorinha**.

**Oliveira do Bairro** – Assembleia plenária eleitoral de **Oliv. do Bairro e Anadia**: dia 11, 14h30, CT de Oia, com **António Salavessa**

**Vale de Cambra** – reunião concelhia: dia 12, 10h30, em Macieira de Cambra.

## OR BEJA

**Reuniões para discussão das Teses e eleição de delegados:**

**Almodôvar** – Das organizações de **Almodôvar, Dsta. Clara, Sta., Cruz, S. Barbabé**: dia 11, 15h30, CT de Almodôvar

**Ferreira do Alentejo** – Da organização concelhia: dia 11, 16h, CT.

**Mértola** – Da organização de **S. João dos Caldeireiros**: dia 9, 20h30, Centro Cultural de Tacões. Da organização de **S. Sebastião dos Carros**: dia 10, 19h, na Junta de Freguesia.

## OR BRAGA

**Braga** – Assembleia plenária dos militantes das Orgs. Concelhias de **Amares, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro, Vieira do Minho e Vila Verde**, para discussão das Teses e eleição de delegados: dia 10, 21h30, CT de Braga. **Debate** - «O Partido que somos, o Partido que queremos»: dia 10, 21h30, CT de Braga, com **Henrique de Sousa**. Reunião do OD dos **Professores**: dia 13, 21h30, CT de Braga.

**Barcelos** – Reunião para debate das Teses: dia 10, 21h30, CT Barcelos.

**Guimarães** – Assembleia plenária para eleição de delegados: dia 11, 15h, CT, com **António Lopes**.

**V. Nova Famalicão** - Assembleia plenária para eleição de delegados: dia 11, 15h, CT, com **Henrique de Sousa**.

## OR BRAGANÇA

**Alfândega da Fé** – Assembleia plenária de militantes dos concelhos de **Alfândega da Fé, Torre de Moncorvo e Freixo de Espada à Cinta**, para discussão das Teses e eleição de delegados: quinta-feira, 9, 21h, no CT de Alfândega da Fé

**Bragança** - Assembleia plenária de militantes dos concelhos de **Bragança, Mogadouro, Miranda do Douro, Vimioso e Vinhais**, para discussão das Teses e eleição de delegados: dia 11, 21h, no CT de Bragança, com **António Lopes**

**Vila Flor** - Assembleia plenária de militantes dos concelhos de **Vila Flor e Carrazeda de Ansiães**, para discussão das Teses e eleição de delegados: dia 16, 21h, na JF de Vila Flor.

**Mirandela** - Assembleia plenária de militantes dos concelhos de **Mirandela e Macedo de Cavaleiros**, para discussão das Teses e eleição de delegados: dia 17, 21h, no CT de Mirandela.

## OR CASTELO BRANCO

**Belmonte** - Assembleia plenária de militantes dos concelhos de **Belmonte e Penamacor**, para discussão das Teses: dia 10, 21h, no Centro Cultural Álvares Cabral, com **Luís Garra**.

**Castelo Branco** - Plenário concelhio de dirigentes e delegados sindicais: dia 10, 18h, com **António Cardoso**.

## OR COIMBRA

**Assembleias para eleição de delegados:**

**Coimbra** – Das freguesias de **Olivais, Almedina, Sta. Cruz, S. Bartolomeu, Sé Nova**: dia 10, 21h, CT de Coimbra; das **freguesias do Sul** da Cidade: dia 11, 21h, casa do cam. Carlos Ferreira, em Casal de S. João; das freguesias de **Ceira e Torres do Mondego**: dia 11.

**Condeixa-A-Nova** – Das organizações concelhias de **Condeixa e Penela**: dia 11, 18h, CT de Condeixa.

**Montemor-O-Velho** – Da organização concelhia: dia 10, 21h30, no CT, com **Sérgio Teixeira**.

**Penacova** – Das organizações concelhias de **Penacova e Poiares**: dia 11, 20h30, casa do cam. Manuel Peça.

## OR ÉVORA

**Arraiolos** – Organização da freguesia de **Sabugueiro**: dia 9, 20h30, na JF; de freguesia de **Arraiolos**: dia 10, 20h30, JF.

**Évora** – Da freguesia de **Canaviais**: dia 10, 21h, na JF. Assembleia plenária electiva da freguesia de **Bacelo**: dia 11, 16h, CT. Assembleia electiva dos Sectores **Serviços e Operário**: dia 10, 18h30, no CT; da freguesia de **Horta das Figueiras**: dia 11, 15h, na Escola.

# XVI CONGRESSO

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## Reuniões para discussão das Teses

**Mora** – Assembleia concelhia electiva: dia 10, 20h30, no CT, com **José Soeiro**.

**Montemor-o-Novo** – Assembleia electiva da freguesia de **S. Cristóvão**: dia 10, 20h30, no Salão da Cantina do Baldio. Assembleia electiva da **Cidade de Montemor**: dia 11, 15h, CT.

**Portel** – Assembleia electiva da freguesia de **Outeiro**: dia 10, 20h30, na Sociedade.

**Vendas Novas** – Assembleia concelhia electiva: dia 10, 20h30, no CT.

**Viana do Alentejo** – Assembleia electiva da freguesia de **Aguiar**: dia 10, 20h30, na JF.

### OR GUARDA

**Assembleias para discussão das Teses e eleição de delegados:**

**Manteigas** – Dia 11, 21h, casa do Povo.

**Guarda** – De **Guarda e Celorica da Beira**: dia 12, 15h, CT da Guarda.

**Gouveia** – De **Gouveia e Fornos de Algodres**: dia 12, 15h, CT de Gouveia.

### OR LEIRIA

**Marinha Grande** – Reunião das células **Vieira** (dia 10, 21h30), **CIVE** e **Metalúrgicos** (dia 10, 21h30); de **professores/Intelectuais/F.Pública/PMCI's**: dia 15, 21h30; também da célula das **Autarquias**: dia 15, 21h30

### OR LISBOA

**Amadora** – Plenário de militantes da Brandoa e Alformelos, com eleição de delegados (CT Brandoa, sábado, 11, 15h00); Plenário de militantes da CMA (CT Amadora, hoje, 9, às 18h00, com Carlos Chaparro); Plenário do Sector de Empresas (CT Amadora, hoje, 9, às 18h30, com Domingos Abrantes).

**Alenquer** – Plenário (com magusto) para eleição de delegados (Sábado, 11, às 20h00, no Fórum da Romeira); Plenário do Sector de Empresas, com eleição de delegados (hoje, 9, às 18h00, no CT de Alenquer).

**Azambuja** – Plenário concelhio, com eleição de delegados (CT Azambuja, sexta-feira, 10, às 21h00).

**Cadaval** – Plenário de militantes com eleição de delegados (Sábado, 11, às 21h00, na sala da Junta de Freguesia do Cadaval).

**Lourinhã** – Plenário concelhio, com eleição de delegados (Sábado, 11, às 20h00 na casa do cam. José António, no Reguengo Grande).

**Mafra** – Plenário de militantes, com eleição de delegados, (Sexta-feira, 10, às 21h00, no restaurante «O Petisco» - Tv. da Qt.ª Nova, 5 - Mafra).

**Sobral de Monte Agraço** – Plenário de militantes, com eleição de delegados, (Sexta-feira, 10, às 21h00, no CT).

**Torres Vedras** – Plenário de militantes das freg. de Maxial, Monte Redondo, Matações, com eleição de delegados (Sexta-feira, 10, às 21h00, na casa do cam. Luís Vieira, em Monte Redondo).

**Cascais** - S. Domingos de Rana - Plenário para continuação do debate «A luta de massas, a intervenção social e política do Partido» (Quinta-feira, 16, às 21h00, no CT Tires); Sector de Empresas - Com Almoço-convívio (Sexta-feira, 10, às 21h00, CT Tires, com a participação de Arménio Carlos do CC); JCP - Ensino Superior - Plenário de militantes (Quinta-feira, 16) e da Organização Regional (hoje, 9).

**Lisboa** - Reunião de camaradas dos Órgãos Sociais da Casa do Alentejo (hoje, 9, às 18h00, no CT Vitória; Plenário da CMLisboa (hoje, 9, às 19h00, no CT Vitória, com Jorge Cordeiro); Fátima - Plenário com eleição de delegados (hoje, 9, às 21h00, no CT Soeiro Pereira Gomes); Prazeres - Plenário com eleição de delegados (Domingo, 12); Santos e Lapa - Plenário com eleição de delegados (hoje, 9, às 21h00, no CT de Santos, com Manuel Pedro); St.ª Isabel e S. Mamede - Plenário com eleição de delegados (hoje, 9, às 21h00); Marvila - Plenário de militantes (Sexta-feira, 10, na Com. de Moradores Zona I de Chelas, com Martinho Baptista); Olivais - Plenário de militantes (Sábado, 11, às 15h00, na SFUCO, com Paula Henriques do CC); Penha de França - Plenário com eleição de delegados (Sábado, 11, às 15h00, no CT da Graça, com Alexandre Teixeira); Voz do Operário e ASEG - Plenário com eleição de delegados (Quinta-feira, 16, às 19h00, no CT da Graça).

**Loures** - Apelação - Plenário com eleição de delegados (Sexta-feira, 10, às 21h00, no CT); Bucelas, Fanhões, Lousa, St.ª Antão do Tojal e S. Julião do Tojal - Plenário com eleição de delegados (Sábado, 11, às 17h00, na sala da Ass. Freg. de S. Antão do Tojal); Camarate / B.º Santiago - Plenário com eleição de delegados (Sábado, 11, às 16h00, na Associação de Reformados); CMLoures / SMAS - Plenário com eleição de delegados (Quinta-feira, 16); S. João da Talha - Plenário de militantes (hoje, 9, às 21h00, no CT); St.ª Ant.º dos Cavaleiros - Plenário com eleição de delegados (Quarta-feira, 15, às 21h00 horas, na Associação de Moradores da Freguesia).

**Odivelas** - C. Autarquias e trabalho junto populações - Plenário de militantes (Quinta-feira, 16); Famões - Plenário de militantes (Terça-feira, 14); Odivelas - Plenário de militantes (Terça-feira, 14); Póvoa de St. Adrião - Plenário com eleição de delegados (Quarta-feira, 15); Ramada - Plenário com eleição de delegados (Sexta-feira, 10).

**Oeiras** - Carnaxide - Plenário com eleição de delegados (Domingo, 12); CM Oeiras/SMAS, Plenário de militantes (Quarta-feira, 15); Oeiras, plenário com eleição de delegados (hoje, 9); Queijas, plenário com eleição de delegados (Sábado, 11).

**Sector Bancários** - Plenário de militantes com eleição de delegados do BES (Quinta-feira, 16); do BNU, BP, MG, (Quinta-feira, 16); do BPI (Quinta-feira, 16); do BPSM e SBSI (Quinta-feira, 16); plenário do Sector (Segunda-feira, 13, às 17h00, no CT Vitória).

**Construção Civil** - Plenário de militantes do sector (Segunda-feira, 13, às 18h00, no CT Vitória).

**Função Pública** - Reunião da célula da Direcção do Sindicato (Sexta-feira, 10); Funcionários Sindicato F. Pública (Quinta-feira, 16, às 13h00, no CT Vitória; do IM/ MÉS/ AMB/ LNEC (Segunda-feira, 13, às 18h30, no CT Vitória); do INETI (Terça-feira, 14, às 13h00, no CT Lumiar); do LNEC (Quarta-feira, 15); Min. Agricultura / Min. Economia (Quarta-feira, 15); Min. Finanças / Peq. Ministérios (Quarta-feira, 15); Reunião do OD do Sector (Terça-feira, 14, às 19h00, no CT Vitória).

**S. Intelectual** - Plenário de militantes de Artes do Espectáculo e Cinema, com eleição de delegados, (Sábado, 11, às 18.30, no CT Vitória); Assembleia eleitoral da Ciência, Tecnologia e Ambiente (Terça-feira, 14, às 21.30, no CT Vitória); Cultura Literária (hoje, 9, às 18h00, no CT Vitória); Juristas e Advogados, com eleição de delegados, (Segunda-feira, 13, às 21h00, no CT Vitória); Professores Superior, com eleição de delegados, (hoje, 9, às 21h00, no CT Vitória); SAPAD, com eleição de delegados, (hoje, 9, às 21h00, no CT Vitória); Plenário do Sector Intelectual (Segunda-feira, 13, às 21h00, no CT Vitória).

**S. Público** - Reunião do OD (Segunda-feira, 13)

**S. Seguros** - Plenário do Sector, com eleição de delegados (Quinta-feira, 16, às 18h00, no CT Vitória).

**S. Serviços** - Plenário de militantes do sector (Quinta-feira, 16, às 20h00, no CT Vitória)

**S. Sindical** - Plenário de Dirigentes Sindicais Gráficos (hoje, 9); Dirig. Sind. M. Mercante ((Quinta-feira, 16); Dirig. Sind. Metalúrgicos (hoje, 9); Dirig. Sind. SIESI (Sexta-feira, 10); Dirig. Sind. Têxteis (Quarta-feira, 15).

**S. Transportes** - Plenário da ANA, Av. Estrang. e SATA (Segunda-feira, 13, às 18h30, no CT Vitória); da Carris (hoje, 9, às 18h30, no CT Vitória); Reunião do OD do Sector (Terça-feira, 14, às 18.30, no CT Vitória); dos funcionários do SITAVA (hoje, 9, às 19.30, no CT Vitória); da Stagecoach e VIMECA (Terça-feira, 14, às 10h00, no CT Vitória); da TAP (hoje, 9, às 18.30, no CT Vitória).

**Sintra** - Plenário no Algueirão, com eleição de delegados, (Sexta-feira, 10, às 21h30, no CT Algueirão, com Luís Fernandes); Cacém (Sexta-feira, 10, às 21h00); Queluz, Plenário de reformados (hoje, 9, às 15h00 e Quinta-feira, 16, às 15h00, no CT Queluz).

**V. F. Xira** - Plenário da C.M. / SMAS, com eleição de delegados, (Quinta-feira, 16, às 17h00, no CT de V.F.Xira, com Octávio Augusto); Reunião da Comissão Concelhia (Sexta-feira, 10, às 21h00, no CT de Alhandra); da Póvoa St.ª Iria, com eleição de delegados, (Sábado, 11, às 16h00, no CT da Póvoa); V. F. Xira, com eleição de delegados, (Sábado, 11, às 15h30, no CT de V. F. Xira, com Paulo Loya).

### OR PORTO

**Amarante** – Assembleia electiva: dia 10, 21h30, CT.

**Gondomar** – Assembleia electiva de **Rio Tinto**: dia 11, 15h, Ct de Rio Tinto. Debate em **Rio Tinto** - «Melhorar a intervenção local do PCP», com **Rui Sá**: dia 10, 21h30, Auditório do Centro Cultural de Rio Tinto.

**Felgueiras** – Plenário electivo: dia 11, 15h, Esc. preparatória.

**Matosinhos** – Debate sobre «As batalhas eleitorais e a intervenção do PCP nas instituições»: dia 11, 15h30, na Esc. Sec. do Padrão da Légua.

**Porto** – Plenário da **Função Pública da célula sindical**: dia 9, com a participação de **António Lopes**. Assembleias electivas das freguesias de **Bonfim, Campanhã, Cedofeita, Paranhos** – todas dia 11, 15h30, CT Boavista. Reunião do **Sector Intelectual** para debate das Teses: dia 10, 21h30, CT da Boavista.

**Póvoa de Varzim** – Reunião para debate das Teses: dia 9, 21h30, CT.

**Debate** - «Alternativa política de esquerda – democracia e socialismo»: dia 10, no Aud. da Bibliot. Municipal, com **António Lopes**.

**Santo Tirso** – Assembleia electiva das freguesias: JF de Vilarinho, dia 11, 20h30

**Vila do Conde** – Reunião para debate das Teses: quinta-feira, dia 9, 21h30, no CT de Vila do Conde.

**Paredes – Baião – Vila Nova de Gaia** – Assembleias para discussão das teses e eleição de delegados: todas no dia 12 às 10h.

### OR SANTARÉM

**Abrantes** – Para discussão das Teses: dia 10, 21h, CT. **Almeirim** – Assembleia electiva da freg. de **Benfica do Ribatejo**: dia 14, 21h

**Alpiarça** – Reunião distrital de quadros sindicais: dia 10, CT Alpiarça, com **Jerónimo de Sousa**

**Chamusca** – Assembleia electiva: dia 11, 16h, CT.

**Coruche** – Assembleia electiva da freguesia de **Couço**: dia 11, 15h, CT, com **Jorge Cordeiro**. Ass. electiva da célula da CM: dia 10, 17h, refeitório do Rossio.

**Entroncamento** – Para discussão das Teses: dia 10, 21h, CT.

**Golegã** – Freguesia de **Azinhaga**, para debate das teses: dia 3, 21h, CT

**Rio Maior** – Da freguesia de **Arrouquelas**: dia 10, 21h.

**Salvaterra** – Assembleia electiva: dia 11, 21h, CT, com **Armando Rodrigues**.

**Samora Correia** – Plenário de Reformados: dia 11, 15h, CT.

### OR SETÚBAL

**Almada** – reuniões e Assembleias Plenárias da SFUAP (dia 9, 21h), de **Cacilhas** (dia 11, 21h), de **Pia/Raposo** (dia 11, 16h, com **J. Manuel Maia**), de **Costa da Caparica** (dia 12, 15), dos **Professores** (dia 14, 21h).

**Barreiro** – Assembleias electivas de Junção dos Sectores **Função Pública-IPPSS's-Hospital do Barreiro** (dia 9, 17h30); **Bancários-Seguros-Org. Jovens-Apoio à Com. Concelhia** (dia 9, 21h). Plenário de **Reformados**: dia 10, 15. Freguesia do **Lavradio**: dia 11, 16h Freg. de **Alto do Seixalinho** (dia 11, 15h), Freg. de **Verderena** (dia 11, 15h); Freg. **Sto António** (dia 11, 15h); **Sector Químico** (dia 11, 10h), célula dos **Advogados** (dia 13, 17h30), **Economistas** (dia 13, 21h30); **Mulheres** (dia 14, 21h), **Professores** (dia 15, 21h). **Debate** com **José Casanova** - «PCP, um Partido Comunista no limiar de um novo Século»: dia 17, 21h, Aud., do CT Concelhio.

**Montijo** – Organização da freguesia – discussão das Teses: dia 9, 21h. Assembleia electiva das céls. empresa, sectores **Corticeiro, Carnes, Transportes, Saúde**: dia 13, 18h.

**Palmela** – Assembleia electiva no **Pocirão**: dia 13, 21h; para disc. das Teses, de **PM Empresários**: dia 15, 21h30.

**Seixal** – Assembleias electivas das freguesias do **Seixal** (dia 11, 15h), da **Arrentela** (dia 11, 15h) de **Fernão Ferro** (dia 12, 9h30), do Grupo de Junção “A” (dia 10, 17h30) e “B” (dia 11, 15h). Reuniões para discussão das Teses: **Central Águas** (dia 9, 16h), **Serralharia, Carpintaria e Electricidade** (dia 9, 16h)

**Setúbal** – Reunião dos camaradas da ORS com intervenção na área do ambiente para discussão do respectivo ponto das Teses: dia 13, 18h30, CT de Setúbal.

### OR VIANA DO CASTELO

**Viana do Castelo** – Plenário para debate das Teses da célula dos **Estaleiros Navais**: dia 9, 17h.

**Vila de Mouros** – Assembleia electiva dos concelhos do Vale do Minho (**Caminha, V. Nova Cerveira, Valença, Monção, Paredes de Coura, Melgaço**): dia 18, 15h, na sede da JF.

**Ponte de Lima** – Assembleia electiva dos concelhos do Vale do Lima (**Ponte de Lima, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez**): dia 18, 15h, CT Ponte de Lima

### OR VILA REAL

**Chaves** – Assembleia electiva das organizações do **Barroso** e **Alto Tâmega**: dia 11, 15h, no CT de Chaves, com **Agostinho Lopes**.

### OR VISEU

**Mangualde** – Assembleia plenária dos concelhos de **Mangualde** e **Penalva do Castelo** para discussão das Teses e eleição de delegados: dia 10, 21h, Biblioteca Municipal de Mangualde.

**Viseu** – Assembleia plenária dos concelhos de **Viseu** e **Vila Nova de Paiva** para discussão das Teses e eleição de delegados: dia 11, 15h, CT de Viseu.

#### Nota

Por absoluta falta de espaços não foram incluídas numerosas informações acerca de reuniões programadas em quase todas as Organizações Regionais citadas, com especial prejuízo para a Organização Regional do Litoral Alentejano e para a Organização Concelhia de Setúbal



## Reformados saíram à rua Pela dignidade a que temos direito

Reformados e pensionistas saíram sábado passado à rua, em Lisboa. Para lembrar a situação dramática em que muitos vivem. E exigir melhores condições de vida.

Muitas centenas de reformados participaram na acção de protesto realizada sábado passado na baixa lisboeta.

Na manifestação, convocada pela Confederação Nacional de Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI), foi apresentada uma moção a exigir «melhores reformas e pensões, nomeadamente a aproximação destas ao ordenado mínimo nacional».

O MURPI considera que os aumentos anunciados pelo Governo são, mais uma vez, «penalizadores daqueles que tudo deram a este país» e que «as grandes vítimas são os que mais precisam: os detentores das pensões mais degradadas».

A confederação lembra alguns dos graves problemas com que os reformados se debatem. Refere que as pensões muitas vezes «não chegam sequer para pagar a conta

da farmácia», que a «falta de condições de habitabilidade em que alguns idosos e pensionistas vivem» é do conhecimento público e geral e sublinha ainda a situação de grande isolamento dos idosos, a grande falta de apoios nessa área.

### A dignidade a que temos direito

São múltiplas as reivindicações apresentadas pelo MURPI na moção dirigida ao Governo.

Começando por exigir reformas e pensões dignas e a sua aproximação ao salário mínimo nacional, a confederação aborda várias áreas da vida dos idosos.

No quadro da saúde, a confederação defende um «verdadeiro Serviço Nacional de Saúde universal e gratuito», gratuidade dos medicamen-

tos aos doentes crónicos e aos idosos com rendimento inferior ao salário mínimo nacional, aumento das comparticipações para próteses, criação de serviços de geriatria nos hospitais e centros de saúde, instituição de serviços de assistência médica e de enfermagem domiciliar em todos os campos da saúde.

No que respeita à habitação e apoios diversos, refere-se a necessidade de ajudas específicas às Juntas de Freguesia para reparações e adaptações necessárias de casas de idosos, criação de Centros de Dia e acesso a lares de terceira idade.

O MURPI reivindica ainda descontos de 50% nos preços dos transportes públicos e revisão imediata e actualização das pensões degradadas da Função Pública e equiparados.

Um conjunto de exigências que se inserem numa «maior e melhor justiça social», pela «dignidade a que temos direito».

Por último a moção reclama o reconhecimento do MURPI como «parceiro social de pleno direito».

## Abaixo-assinado em Alpiarça Lembrar uma história de luta

Protagonizado por um grupo de antifascistas, vai ser distribuído, no concelho de Alpiarça, um abaixo-assinado de protesto pela forma como o presidente da Câmara tem vindo a utilizar todos os meios para «insultar, denegrir e caluniar de forma sistemática os que ajudaram a construir os alicerces desta nossa vila».

No abaixo-assinado – «Aos que não se envergonham da sua história de luta

e resistência» – dirigido à população de Alpiarça, afirma-se que o que o actual presidente da Câmara pretende «é apagar, com o seu ódio profundamente anticomunista, a história e a memória dos alpiarcenses».

O documento sublinha que «não foram os últimos três anos que mudaram o rosto» da vila. E lembra que «o que existe hoje em Alpiarça, de desenvolvimento e melhor bem-estar, foi

construído ao longo de 26 anos de democracia, com o trabalho, a dedicação e o respeito daqueles que estiveram no poder, dos homens e mulheres do Partido Comunista Português e outros democratas e antifascistas, juntos na CDU».

Todo esse trabalho permitiu «vencer as enormes dificuldades que aqui eram vividas antes do 25 de Abril», frisa o abaixo-assinado.

# Drumond e Aznar juntos...

• Jorge Sarabando

A Primus é uma «agência de desenvolvimento regional», participada pelos municípios da Área Metropolitana do Porto. Faz parte dessa miríade de fundações, associações, agências e sociedades que gravitam em torno da autarquia portuense, com custos conhecidos mas actividade mal conhecida.

A Assembleia Municipal teve acesso, finalmente, depois de muita insistência, aos Relatórios e Contas de algumas dessas entidades. E entre tais documentos, por norma extensos e massudos, surge um texto que merece uma observação mais demorada – justamente o Relatório de Gestão da citada agência.

Distinguindo-se dos outros, contém uma surpreendente carga ideológica. Cita versos de Carlos Drumond de Andrade com frases de José Maria Aznar e parágrafos de economistas australianos e americanos.

Uma mistura explosiva, pensarão os leitores. Mas não. O grande poeta brasileiro, da «Rosa do Povo» e do «Claro Enigma», só é citado por um poema, que tinha beleza e significado na sua obra poética, mas retirado a frio do seu contexto, é justaposto a

O Primeiro-Ministro espanhol é citado com esta sentença: «o problema dos europeus, não é a falta de bases científicas e técnicas. É a falta de estímulo para iniciativas empresariais, que é a chave do sucesso norte-americano».

O que mais impressiona é a fatuidade deste deslumbramento pelo modelo americano, pela «nova economia». Está na onda da precarização crescente e geral do emprego, encarada como uma boa-aventurança; da empresarialização da sociedade, ao ponto de fazer das escolas e hospitais empresas geridas por critérios, não de justo combate ao despesismo mas cruamente mercantilista. É a «economia digital», na visão interesseira do grande capital, em todo o seu esplendor.

O mercado em tempo contínuo, sem capital físico, em que não se compra, aluga-se, em que as pessoas só interessam enquanto consumidoras, em que só importam os resultados financeiros e não os seres humanos concretos.

### Um mundo de «mac job» ou «fast job»

Um mundo de «mac job» ou «fast job», que dá para aguentar, mas não para viver e construir um sonho. Com ocupações



outra frase, bem mais prosaica e controversa. Dizia Drumond: «o pessimista queixa-se do vento, o optimista espera que ele mude, o realista ajusta as velas»; e a Primus: «as empresas valem o que o mercado está disposto a pagar por elas».

### Uma doutrina totalitariamente mercantilista

É esta doutrina, totalitariamente mercantilista, que subjaz ao Relatório.

Ao escriba anónimo, que elaborou o texto para os administradores assinarem, pouco interessa distinguir entre as empresas em geral e as que cumprem um serviço social ou de interesse público. Interessa pouco determinar, no funcionamento do mercado, o que são factores condicionantes movidos pela ganância e pela especulação na mira do lucro rápido e fácil.

mas sem profissões, com trabalho ocasional, mas trabalho sem qualidade e direitos, com baixos salários e milhões de subsídio-dependentes.

A actual globalização, que obedece à lógica de acumulação do lucro, tem de enfrentar os seus limites.

Curiosamente, o ministro do Comércio Externo do Canadá, Pierre Pettigrew, declarou ao «El País» (22/10/00): «... ao capitalismo financeiro já não interessa indústrias de mão-de-obra extensiva, mas alguns jovens a carregar numa tecla movimentando milhares de milhões e a provocar a exclusão social. É um fenómeno mais radical que a exploração, porque quando se é excluído não há organização possível. Quando alguém não é necessário deixa de contar». Isto diz um ministro de um país do G8. Mas a Primus ainda produz destes relatórios...

Entidade responsável pelo desastrado programa «Milénio», em termos de investimentos e emprego para a Região, faz muito pouco.

O Drumond não merecia isto...

# A tempestade depois da acalmia?

• Pedro Carvalho

A crise de 1991-1993, antecedida pelo *crash* bolsista de Wall Street em 1987 e o rebotar da «bolha especulativa» no Japão em 1990, atingiu as principais economias capitalistas avançadas, nunca se tendo verificado uma verdadeira retoma. Entre 1997-1999 foi a vez dos novos países industrializados da América-Latina, Sudeste Asiático e Rússia. Em 2000 tivemos a «acalmia». Para o futuro os principais analistas prevêem uma tempestade. Uma «aterrissagem abrupta» da economia dos EUA é hoje uma das principais fontes de perigo de uma grave recessão económica mundial. Todos os factores germinais de uma crise estão presentes: uma redução abissal do nível da poupança interna, um sobre-endividamento dos agentes económicos, um défice crescente da balança de transacções correntes (BTC), um excessivo endividamento externo e uma forte sobrevalorização bolsista. Por muito menos, o «mercado» retirou a confiança às economias emergentes da Ásia e da América-Latina.

## A «mega-bolha»

Actualmente existe um excesso de confiança na economia americana. A procura de activos financeiros e do dólar norte-americano tem reforçado a sobrevalorização da bolsa de Nova Iorque e dos seus activos financeiros, sobretudo ao nível das empresas da «nova economia» (internet, telecomunicações e indústria de conteúdos). Esta sobrevalorização, que também afecta o sector imobiliário, pode já apelar-se de «mega-bolha», observando os valores elevados dos rácios preço/rendimento das acções da maioria das firmas cõtadas no índice bolsista NASDAQ (empresas com enormes passivos e onde existem dúvidas sobre a sua capacidade financeira a médio e longo prazo). Se os EUA importam mais do que exportam, têm de vender mais activos do que compram, garantido assim o refinanciamento do défice da BTC que tem vindo a crescer sistematicamente desde 1997,

esperando-se que no ano 2001 atinja o valor de cerca de 430 mil milhões de dólares, ou seja, cerca de 4,2% do PIB. Esse refinanciamento tem sido efectuado em grande medida pelo Japão e a União Europeia (UE), ou seja, o investimento e o consumo nos EUA têm sido financiados pela poupança japonesa e europeia. A pergunta a fazer é até quando os mercados e agentes económicos internacionais vão manter esta confiança? A Reserva Federal dos EUA já aumentou as taxas de juro e começa a sentir-se um abrandamento da procura interna, quer ao nível do consumo privado, quer do investimento. Um *crash* bolsista em Wall Street e uma quebra da procura agregada dos EUA afectaria negativamente a economia mundial com riscos de uma recessão mundial, tendo em conta o peso da economia norte-americana. Para isso não acontecer, não basta só «confiança», é necessário que a economia japonesa e europeia cresçam a um nível superior ao dos EUA.

## Maus presságios

Mas os ventos que sopram do Pacífico e do lado de cá do Atlântico não trazem bons presságios para a «economia mundial». O Japão que foi visto durante muitos anos como um exemplo a seguir, vê-se nos últimos anos preso ao que podemos chamar uma «depressão de crescimento», variando entre baixas taxas de crescimento e decréscimos reais do PIB. Em 1998, na saída da crise asiática, viu o seu produto descer a níveis recorde dos últimos 40 anos, cerca de menos 3%. O Japão tem uma importância enorme para a sua região de influência, não só ao nível do investimento directo estrangeiro, mas porque o yen, na fase actual, representa uma boa fatia dos empréstimos (em divisas e activos) do continente asiático. Por outro lado, a UE tem seguido à risca «a cartilha» do «Washington Consensus» (consolidação fiscal, estabilidade de preços, comércio livre e desregulamentação dos mercados). O euro e o pacto de estabilidade são os principais instrumentos da «cartilha europeia» – o novo «Brussels Consensus», que tem tudo para contribuir para aumentar os riscos de deflação da economia. O objectivo da estabilidade de preços através de um controlo estrito da inflação, levou a uma subida acelerada das taxas de juro de base do BCE (seis vezes num ano e meio!), também para responder à crescente desvalorização do euro nos mercados internacionais. A subida das taxas de juro, tendo consequências sobre o investimento e rendimento disponível, será um primeiro passo para a contracção da procura agregada. Os riscos apontados mostram o grau de interdependência da economia mundial e a sua crescente vulnerabilidade. Os «fundamentos económicos mais sólidos» caem ao sabor das conjunturas e do estado de «financeirização» do sistema. A «economia de casino» apodera-se da economia real, que fica ao sabor dos especuladores e dos gestores dos principais «fundos de investimento». As diferentes crises, nas últimas décadas, marcadas por uma desaceleração do produto mundial e das principais economias capitalistas, mostram as insuficiências e as contradições de um sistema, que não responde às crescentes necessidades humanas e urge ser superado.



Comissão confirma redução de apoios em 2000/2006

# Vinte raças ameaçadas

A alteração das regras de concessão de apoios à raças autóctones implica uma perda de cerca de dois milhões de contos para os produtores portugueses.

O comissário europeu, Franz Fischler confirmou que no período de 2000/2006, só serão subvencionadas as raças em extinção que em regra não ultrapassem as mil fêmeas reprodutoras.

Em resposta a uma pergunta da deputada do PCP, Ilda Figueiredo, o comissário explicou que o critério seguido foi o da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) – «o único actualmente disponível» com base «em elementos de prova coerentes com dados científicos aceites pelas organizações internacionais».

No entanto, revelou que «a Comissão está actualmente a realizar consultas científicas mais adequadas sobre a oportunidade de aplicar, eventualmente, uma abordagem mais adaptada à situação específica da Comunidade».

O comissário alega ainda que os incentivos concedidos até 1999 aos agricultores para criarem essas espécies menos produtivas «destinavam-se a manter a biodiversidade, não podendo de forma alguma (...) ser equiparados a ajudas ao rendimento dos agricultores».

Independentemente da terminologia, o facto é que as ajudas comunitárias foram indispensáveis para manutenção de espécies que corriam riscos de extinção bem como para garantir uma carne de melhor qualidade. Como sa-

lientou Ilda Figueiredo, elas tiveram «particular importância para dinamizar o sector agrícola em algumas regiões mais desfavorecidas do interior rural de Portugal».

A presente alteração das regras irá na prática anular as ajudas a mais de 20 raças autóctones e 140 mil cabeças de gado (bovino, ovino e caprino), que representavam cerca de dois milhões de contos.

Refugiando-se em «crité-

rios científicos», Fischer deixa sem resposta várias questões colocadas pela deputada comunista, designadamente as relativas às graves consequências socioeconómicas para centenas de produtores portugueses e para muitas regiões rurais do interior do país, bem como à defesa de uma produção de qualidade.

Por outro lado, em vez de apoiar os pequenos e médios produtores, a Comissão coloca-se mais uma vez ao serviço dos interesses da grande produção intensiva, cujos resultados a nível da saúde pública continuam a abalar a confiança dos consumidores europeus.



As pequenas produções são mais uma vez prejudicadas pela UE

## Mecanização agrícola perde participação

Em relação ao anterior quadro comunitário de apoio, o 3.º QCA apresenta maiores restrições, problemas orçamentais e diminuição do nível de ajudas.

Segundo indica uma nota da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), há uma diminuição real das ajudas à compra de máquinas, alfaias e equipamentos não específicos nas zonas mais desfavorecidas (a maior parte do nosso país). Os jovens agricultores passam de uma comparticipação de 47,5% para 35% e os agricultores a título principal passam de 40% para 30%.

Ou seja, na compra de tractores, moto-cultivadores, ceifeiras-debulhadoras, corta forragens, enfardadeiras, reboques, charruas e outros equipamentos multifuncionais, os jovens agricultores são obriga-

dos a pagar mais 12,5% e os agricultores a título principal mais 10%.

Mas mais grave do que isso é o facto de estas máquinas deixarem de ter qualquer comparticipação comunitária no caso de se destinarem apenas à substituição de equipamentos antigos. Isto significa que um agricultor que pretenda renovar do seu parque de máquinas e alfaias tem agora de suportar a totalidade do investimento, quanto até aqui contava com apoios entre os 40 e os 47,5%.

Acrescidos motivos de queixa têm aqueles que, sem culpa nenhuma, não viram os seus projectos aprovados no âmbito do 2.º QCA. De facto, segundo a CNA, «por razões que a razão desconhece» ficaram por aprovar projectos de investimento no valor de cerca

de 87 milhões de contos.

Reconhecendo as suas responsabilidades, o Governo fixou um prazo para resolver a questão até 31 de Outubro, prorrogando-o depois até final do ano. O problema é que os projectos serão analisados já segundo as regras e restrições do novo quadro de apoio, o que deixa de fora muitos candidatos.

A Confederação alerta para a gravidade da situação sublinhando que se muitos agricultores já tinham grandes dificuldades em cumprir com a sua comparticipação, para estes a compra de novas máquinas e alfaias tornou-se simplesmente impossível. A CNA exige a correcção destes «desvios» e recorda os alertas que fez na reunião, de 31 Outubro, da Comissão Consultiva da Mecanização Agrária.

## Alemanha tem falta de mão-de-obra

A entrada de 200 mil imigrantes por ano na Alemanha não seriam suficientes para suprir as necessidades de mão-de-obra da economia germânica, segundo indica um estudo efectuado pelo instituto alemão DIW, divulgada no diário «Berliner Zeitung». Os cálculos indicam que o retrocesso demográfico que se verifica irá reduzir a população activa em cerca de três milhões de pessoas até ao ano 2020. Neste contexto, o referido instituto considera que é necessário fazer recuar a idade de reforma e avançar na idade de entrada na vida activa, propondo ainda a criação de uma regulamentação especial que permita às empresas recrutar no mercado internacional pessoal de curta duração para responder às suas necessidades mais graves.

## UE negocia com Mercosul

Os especialistas da União Europeia e do Mercosul iniciaram na segunda-feira, em Brasília, uma ronda de negociações de quatro dias para dar «uma sacudida política no terceiro ciclo de negociações no quadro do acordo de livre troca entre os dois blocos», conforme declarou o comissário europeu para os Negócios Estrangeiros, Chris Patten. O Mercosul é um mercado comum que agrupa a Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai (um total de 220 milhões de consumidores), ao qual a União Europeia pretende ter livre acesso através de um acordo que começou a ser negociado em Junho do ano passado. Para Bruxelas, um dos principais problemas é existência de mais de 80 barreiras no interior da própria Mercosul. Este, por sua vez, manifesta cepticismo em relação à abertura efectiva das fronteiras europeia às exportações agrícolas, principal reivindicação do mercado comum sul-americano.

## Grã-Bretanha congela combustíveis

O ministro das Finanças britânico, Gordon Brown, ia anunciar ontem um congelamento dos impostos sobre os combustíveis entre Abril de 2001 a Abril de 2002, segundo notícia do diário «The Times». O jornal afirma que esta medida implica perdas para o governo da ordem dos 600 milhões de libras (200 milhões de contos), que poderão subir caso os preços mundiais do petróleo não baixem. Este anúncio surge alguns dias após um ultimato lançado pelos motoristas e agricultores britânicos, que em Setembro último promoveram grandes manifestações paralisando o país.

## Direito de veto

# Comissão «força» reforma

**A Comissão Europeia insiste no fim das decisões por unanimidade em matérias como a política de coesão de que beneficiam os Estados da UE menos desenvolvidos, como Portugal.**

O presidente do executivo comunitário, Romano Prodi, defendeu na passada semana, em Bruxelas, ser «do interesse de todos» que as decisões relacionadas com a repartição dos Fundos Estruturais e Fundo de Coesão passem a ser tomadas por uma «maioria qualificada» de Estados-membros. A política de ajuda às regiões menos desenvolvidas da União favorece principalmente países como Portugal, Espanha e Grécia.

Mais uma vez o pretexto evocado foi a dificuldade de gerir esta «política fundamental» numa União alargada a 25 Estados-membros em que cada um tem o poder de bloquear uma determinada decisão.

As pressões exercidas neste sentido pelos países mais ricos da UE resultaram em graves cedências pelos pequenos países, existindo já um consenso em abandonar a regra da unanimidade em cerca de 30 domínios. Contudo, para a Comissão Europeia isso não é suficiente, uma vez que continua a haver divergências importantes em matérias sensíveis como a fiscalidade, política de emigração, política de coesão e política comercial.

Romano Prodi, acompanhado pelo comissário responsável pela Conferência Intergovernamental (CIG),

Michel Barnier, considerou «essencial» um aumento significativo das matérias sujeitas à regra da «maioria qualificada», visto que, segundo Prodi, «o direito de veto é um obstáculo à construção da Europa».

### A partilha do poder

O presidente da Comissão Europeia é mesmo da opinião que os Estados-membros «parecem ter feito marcha atrás» nesta questão, depois de a Cimeira de Biarritz (França), realizada em 13 e 14 de Outubro, ter alcançado

«um resultado encorajador».

Esta posição deixa transparecer alguma incerteza quanto ao resultado da Cimeira de Nice, que a 8 e 9 de Dezembro vai marcar o fim da presidência francesa da UE, a qual tem desenvolvido todos os esforços para se chegar a um acordo para alterar a forma de funcionamento das instituições comunitárias.

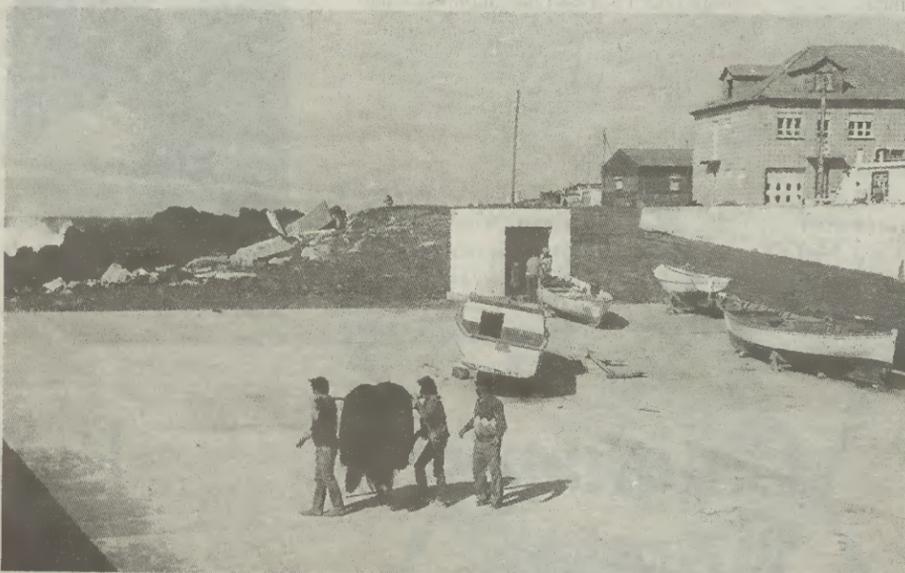
Estas negociações têm sido no entanto marcadas por fortes divergências sobre a partilha do poder na futura UE. Romano Prodi revelou que uma maioria de comissários europeus apoia a tese de se manter um comissário por Estado-membro no executivo comunitário, posição que corresponde à vontade dos países de pequena e

média dimensão, como Portugal. Os «grandes» defendem um número fixo de comissários, inferior ao número de Estados-membros, com um sistema de rotação por nacionalidades.

### CE quer o aumento das matérias sujeitas à maioria qualificada

Sobre a questão do peso de cada país nas votações no Conselho de Ministros, Prodi defende o sistema de dupla maioria (número de Estados-membros e população total) na tomada de decisões por maioria qualificada.

A alternativa defendida por vários países consiste num outro sistema de uma ligeira reponderação a favor dos «grandes», de forma a compensá-los pela perda de um dos dois comissários que têm actualmente.



As regiões menos desenvolvidas da União são as que mais beneficiam dos fundos estruturais e de coesão

## Leis anti-álcool falham objectivo

A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) considera que o conjunto de medidas de combate ao alcoolismo, aprovado na passada semana pelo Conselho de Ministros, é desequilibrado e deve ser revisto.

«Parece que o pacote de medidas visa mais um efeito bombástico junto da opinião pública do que a respectiva eficácia em termos de prevenção ou de profilaxia dos abusos e dos riscos inerentes», observa a CNA.

Em nota divulgada à imprensa, a Confederação adverte que «não se pode, como vêm fazendo sucessivos governos, liberalizar o comércio e as importações de bebidas de alto teor alcoólico (ao mesmo tempo que oneram muito, com impostos, as bebidas nacionais do género) e, a seguir, tomarem-se medidas drásticas como algumas daquelas agora anunciadas».

«E também não podem medir tudo pela mesma raso (ou pelo mesmo balão) e bater

indiscriminadamente no whisky e no nosso bom vinho que se toma à refeição». No entanto, a organização de agricultores deixa claro que concorda com a «necessidade nacional de reduzir os excessos de alcoolismo e de, por essa via, também se diminuir as piores consequências de ingerir demasiadas bebidas alcoólicas».

Mas considera que existem outras causas como «pesadas responsabilidades» na sinistralidade rodoviária, nomea-

damente, estradas mal construídas e em mau estado e o agravamento do imposto automóvel como factor inibitório da renovação do parque automóvel de gama baixa e média.

«Quaisquer leis anti-álcool devem ser tomadas como a bebida – com conta, peso e medida». Por isso, «é preciso que o Governo reveja o que agora anunciou, de forma a adequar um outro e mais equilibrado conjunto de medidas».

## Doença destrói produção de maçã

A produção de maçã na região Oeste, nomeadamente Alcobaca e Caldas da Rainha, registou este ano quebras acentuadas, que nalguns casos terão atingido os 75 por cento relativamente a anos anteriores.

O alerta foi lançado na terça-feira por António Ferraria, presidente da Federação dos Agricultores do Distrito de Leiria (FADL) - filiada na

Confederação Nacional da Agricultura (CNA) -, que está a preparar um documento a dirigir ao ministro da Agricultura, Capoulas Santos, reclamando apoio para os produtores afectados.

Segundo aquele dirigente agrícola, em declarações à Lusa, a produção foi afectada pelo «pedrado», uma doença decorrente de condições climáticas adversas, que não

estará coberta pelos seguros agrícolas, os quais «só cobrem coisas como quedas de grânizo ou enxurradas de água».

A FADL, que já convidou o ministro da Agricultura para estar presente num encontro regional de agricultores a ter lugar em Pombal, no próximo dia 26, vai sugerir ao governante a aplicação de medidas como a criação de uma linha de crédito sem juros ou a dis-

pensa temporária de pagamento das contribuições para a Segurança Social por parte dos produtores de maçã que viram os seus pomares afectados pelo «pedrado».

«A situação é muito grave para alguns», disse António Ferraria, acrescentando que na zona de São Gregório, Caldas da Rainha, «houve mesmo agricultores que não chegaram a colher maçã nenhuma».

## Energia «excluída» da inflação

O Banco Central Europeu anunciou na passada semana que vai excluir a energia dos cálculos da inflação para efeitos de política monetária. Explicando a decisão, o vice-presidente da instituição, Christian Noyer, disse que a escalada dos preços do petróleo distorce a taxa de inflação global e que hoje «o objectivo é de assegurar que a inflação subjacente não suba acima dos dois por cento».

Com a energia de fora, torna-se possível uma leitura mais favorável da inflação, permitindo que o BCE mantenha o valor das taxas de juro, as quais nos últimos 12 meses já sofreram sete aumentos.

A inflação na zona euro atingiu os 2,8 por cento em Setembro, mas sem a energia ficou-se pelos 1,6 por cento. Desde o início do ano passado, o preço do barril de petróleo triplicou nos mercados internacionais enquanto que, em euros quase que quadruplicou desde Janeiro de 1999, devido à desvalorização deste em cerca de 26 por cento face ao dólar.

## Marrocos quer redução drástica

A Comissão Europeia mostrou-se optimista sobre a possibilidade de chegar a um acordo com Marrocos no final do mês de Novembro, prazo estabelecido pelo comissário responsável pela Agricultura e Pescas para fechar o dossier.

De acordo com a agência EFE, citada pela Lusa, Marrocos pretende a redução drástica das espécies cuja pesca seria permitida pelas frotas espanhola e portuguesa, sendo as lulas, polvo e marisco as mais afectadas, ficando reduzidas a 10 por cento do actual. A redução nas espécies artesanais seria de 50 por cento.

A introdução de quotas pesqueiras para limitar o volume de capturas da frota comunitária nas águas marroquinas é outra das propostas incluídas no documento, bem como o aumento de 50 por cento do valor monetário que os armadores comunitários devem pagar.

Por outro lado, Rabat exige que a totalidade das capturas realizadas sejam desembarcadas nos seus portos e que 25 por cento da tripulação seja formada por marinheiros marroquinos. Marrocos quer ainda diminuir para metade, dois anos, a duração do acordo pesqueiro com a UE, mantendo em 125 milhões de euros a dotação concedida por Bruxelas.

## Irregularidades no Azerbaijão

As eleições legislativas de domingo no Azerbaijão, ganhas pelo partido do presidente Heydar Aliev segundo resultados parciais, ficaram marcadas por «graves irregularidades», anunciou a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE). «Estas eleições ficaram marcadas por vários exemplos de irregularidades graves, particularmente na contagem dos votos», declarou o chefe da missão de observadores, Paula Kokkonen, numa conferência de imprensa em Baku. Os membros da oposição «foram frequentemente alvos de intimidações e vários foram presos no exercício das suas actividades eleitorais», acrescentou Kokkonen. Nestas eleições votaram cerca de 70 por cento dos 4,3 milhões dos eleitores. Os resultados preliminares sugerem que nenhum dos partidos da oposição vai ultrapassar a fasquia dos 6 por cento de votos necessários para entrar no parlamento.

## Confrontos na Índia

Onze pessoas morreram e 18 ficaram feridas em confrontos entre muçulmanos xiitas e sunitas no Norte da Índia, não longe do centro de peregrinação de Benares, informou o responsável do distrito. Os combates eclodiram no domingo na localidade de Mubarakpur, a cerca de 250 quilómetros a sudeste de Lucknow. «Duas pessoas morreram no local e as outras no hospital», indicou Riyaz Alam, responsável civil do distrito de Azamgarh. «Os antagonistas – descreveu – utilizaram bombas e armas artesanais. Não tínhamos outra solução que não fosse impor o recolher obrigatório, que continua em vigor; desde então não se registaram novos incidentes».

## Fundamentalistas avançam no Egipto

O grupo fundamentalista islâmico ilegal Irmãos Muçulmanos perfila-se como a segunda força política no novo parlamento egípcio, atrás do Partido Nacional Democrático (PND). Segundo os resultados provisórios, esta organização - ilegal desde 1954, pelo que não pôde concorrer com as suas siglas e se apresentou através de candidatos independentes - conseguiu 14 lugares nas duas primeiras fases dos actos eleitorais legislativos. O mecanismo eleitoral adoptado, em três fases, obedece a uma decisão do Tribunal Constitucional, que declarou anticonstitucionais todos os escrutínios anteriores por não terem sido supervisionados pelo Poder Judicial. Os Irmãos Muçulmanos propõem o derrube por meios pacíficos do actual regime, e o estabelecimento de outro de carácter islâmico.

Eleições locais na Nicarágua penalizam os liberais abrindo caminho a viragem política nas presidenciais do próximo ano

# Sandinistas vencem em Manágua

**A Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) venceu as eleições autárquicas nas principais cidades da Nicarágua, incluindo na capital, Manágua.**

«Chegou a hora da Frente Sandinista voltar ao poder após dez anos de oposição». As palavras são de Daniel Ortega, dirigente da FSLN, que encara a conquista do governo de Manágua nas eleições municipais de domingo como uma «plataforma para voltar ao poder nas eleições presidenciais de 2001».

O novo presidente de Manágua, Herty Lewites - um empresário de 60 anos que foi ministro do Turismo no governo sandinista (1979-1989) - comprometeu-se a manter a sua independência em relação à FSLN e trabalhar em defesa dos pobres. Assim que a sua vitória foi conhecida, Lewites convidou a segunda força política na capital a trabalhar em unidade, e anunciou que está disposto a dialogar com o presidente Alemán para chegar a

**Pesada derrota para o presidente nicaraguense, Arnoldo Alemán**

um compromisso que permita enfrentar os graves problemas de pobreza e subdesenvolvimento que afectam a maioria dos 1,2 milhões de habitantes de Manágua. Os candidatos do partido Liberal Constitucional (PLC), Wilfredo Navarro, e do Partido conservador, William Baez, disputavam o segundo lugar, com 28 e 26 por cento do votos respectivamente. Em último lugar ficou Carlos Guadamuz, candidato do partido Caminho Cristão.

De acordo com os resultados parciais conhecidos no encerramento desta edição, a FSLN era a força mais votada em 53 municípios, contra 67 do Partido Liberal, mas admitia-se que os resultados finais pudessem ainda alterar esta relação. Seja como for, esta semana ninguém duvidava na Nicarágua

de que o resultado do escrutínio representa uma pesada derrota para o presidente nicaraguense, Arnoldo Alemán, e para o Partido Libe-



Arnoldo Alemán, presidente da Nicarágua, viu a sua política condenada nas urnas

ral, que apesar de manterem ainda uma significativa presença nos municípios, perderam nas principais cidades do país. Em disputa estavam a presidência e os concelhos municipais de 151 localidades.

## Indígenas excluídos

Liberais e conservadores não perderam tempo a acusar-se mutuamente da vitória sandinista na capital, mas a generalidade dos observadores coincide na opinião de que os resultados eleitorais exprimem um claro repúdio pela política desenvolvida pelos liberais.

De acordo com informações da Lusa, o chefe da missão de observadores eleitorais da Organização dos Estados Americanos (OEA), Santiago Murray, afirmou que o acto eleitoral se realizou com normalidade, ainda que se tenham verificado anomalias nos cadernos eleitorais, que geraram confusão nos votantes e fizeram aumentar a abstenção, estimada entre 30 a 40 por cento,

num total de 2,7 milhões de eleitores.

As eleições ficaram no entanto marcadas pelos protestos dos indígenas do partido Yátama, excluídos do processo eleitoral. Segundo a agência France Presse, que cita fontes militares, a decisão de excluir a comunidade miskita do escrutínio foi tomada uma semana antes das eleições, alegadamente porque os indígenas teriam recebido armas procedentes das Honduras a fim de perturbar o acto eleitoral. A decisão provocou fortes protestos e violentos confrontos entre os indígenas e o contingente militar e da polícia anti-distúrbios enviados para o noroeste da Nicarágua, que causaram um morto e vários feridos.

O Yátama divulgou um comunicado sublinhando que no Caribe Norte a abstenção foi muito alta e afirmando não reconhecer os resultados da votação na região, «porque são ilegítimos». Pede também ao Conselho Supremo Eleitoral que convoque eleições «transparentes e sem exclusões».

## Colonatos israelitas podem ser evacuados

O governo israelita admite a possibilidade de vir a evacuar os 18 colonatos instalados na Faixa de Gaza, onde vivem cerca de 7000 colonos. A informação, divulgada nos últimos dias, dá conta da existência de um plano elaborado pelo Exército e já aprovado pelo executivo de Telavive, segundo o qual a eventual evacuação será feita por mar.

«O plano só será posto em marcha em caso de verdadeira necessidade», anunciou domingo um porta-voz do Exército através da rádio militar, numa aparente tentativa de impedir reacções de hostilidade por parte das organizações radicais de colonos, que rejeitam qualquer hipótese de retirada. Já o movimento pacifista «Mulheres e Mães pela Paz», recentemente criado, acolheu com entusiasmo a ideia de encerrar os colonatos. Dirigido pelas mesmas mulheres que encabeçaram a luta contra a ocupação israelita do sul do Líbano e pelo regresso dos soldados a casa, a nova organização bate-se pelo encerramento dos colonatos mais isolados e em zonas de maior conflitualidade, por representarem um elevado risco para a segurança quer dos próprios colonos quer dos soldados encarregados de os protegerem.

De acordo com o movimento pacifista, que na passada sexta-feira fez a sua primeira aparição pública com uma concentração em Jerusalém junto à residência do primeiro-ministro israelita, Ehud Barak, o primeiro colonato que deveria ser evacuado é o de Netzarim, palco de repetidos e violentos confrontos entre soldados israelitas e jovens palestinianos.

Já esta semana, pelo menos dois palestinianos morreram vítimas de balas israelitas e 65 ficaram feridos, durante protestos em Gaza, Belém, Hebron e Ramala.

As «Mulheres e Mães pela Paz» admitem a possibilidade de levar a cabo uma iniciativa popular exigindo a evacuação de alguns colonatos, tendo já pedido entrevistas ao presidente da Autoridade Palestiniana, Yasser Arafat, e a diversas organizações árabes, para discutir esta proposta.

Entretanto, para hoje, está agendado para Washington um encontro entre Bill Clinton e Yasser Arafat, a que se seguirá no domingo um outro com Ehud Barak, em mais uma tentativa para relançar o processo de paz israelo-palestiniano. Segundo a Casa Branca, não está previsto nenhum encontro a três.

## Países de Leste à beira do colapso

50 milhões de crianças da Europa de Leste e da antiga União Soviética vivem na pobreza, apresentando elevados níveis de tuberculose, denunciou a organização «European Children's Trust».

Segundo uma notícia recentemente divulgada pela «Associated Press», um relatório da «European Children's Trust», grupo activo em dez países de Leste, afirma que o nível de pobreza aumentou dez vezes ao longo da última década, devido à redução dos orçamentos da saúde, educação e outros programas sociais naqueles países. No Quirguistão 88 por cento das pessoas vivem abaixo do limiar da pobreza.

O relatório alerta que a taxa de mortalidade infantil é equiparável à registada nos países do Terceiro Mundo, ou seja, em cada mil nados vivos, 26 morrem de tuberculose, valores que se aproximam cada vez mais da América latina e das Caraíbas - 32 por mil.

«Desde a queda do sistema comunista», refere o estudo, «as condições têm vindo a tornar-se muito piores, em certos casos catastróficas». «Embora com muitos defeitos, o antigo sistema providenciava à maioria das pessoas uma razoável qualidade de vida e uma certa segurança».

Os níveis de tuberculose tem vindo a subir na Europa

de Leste, com uma média de 67,6 casos por cada mil pessoas em 1997 (contra 49,9 nos Estados Árabes, 47,6 na América Latina e 35,1 na Ásia oriental). Na República Checa os níveis de tuberculose atingem as 20 pessoas em cada mil, 150 na Geórgia, 80 na Lituânia, Turque-

menistão, Letónia e Rússia. «O tempo está a esgotar-se», alerta o relatório. «Ainda não se deu um total colapso das estruturas sociais nestes países até agora, devido à capacidade de adaptação das pessoas. Mas elas não poderão continuar a viver desta forma indefinidamente».



Crianças em Moscovo na «sopa dos pobres», uma realidade desconhecida há uma década que agora faz parte do quotidiano



Os pobres não contam para as estatísticas: não financiam campanhas

## Eleições nos EUA O Colégio decide

Os norte-americanos foram anteontem às urnas, mas na verdade o novo presidente dos EUA só é eleito a 18 de Dezembro, quando votar o Colégio Eleitoral.

No país que se afirma a «maior democracia do mundo» nada garante que o próximo inquilino da Casa Branca corresponda à escolha maioritária do eleitorado. A razão é simples: quem efectivamente escolhe o presidente são os 538 elementos que integram o Colégio Eleitoral, um órgão criado pela Constituição de 1787 e cuja existência há quem considere «indefensável».

Os 538 membros do Colégio correspondem ao total de representantes (435) e de senadores (100) do Congresso dos EUA, mais três delegados pelo distrito de Columbia (Washington), que não tem representação parlamentar regular. A definição do número que cabe a cada Estado varia em função da população, e é idêntica à do Congresso.

Nas eleições de dia 7, quem foi às urnas acreditou estar a votar em George Bush,

**50 milhões de norte-americanos nem sequer estão recenseados**

em Al Gore ou em Ralph Nader (o candidato dos Verdes cuja máxima aspiração é chegar aos cinco por cento), mas na verdade esteve a votar para o Colégio, a eleger os representantes apresentados por cada partido.

### À vontade dos delegados

De acordo com a legislação americana, na primeira segunda-feira depois da segunda quarta-feira de Dezembro - que este ano é o dia 18 -, os eleitos reúnem-se na capital do Estado a que pertencem e votam para o presidente e o vice-presidente. Nada obriga os membros do Colégio a votar de acordo com a vontade popular, ou seja, a escolher o candidato do partido pelo qual foi eleito: em metade dos Estados não há sanções para quem infrinja a disciplina de voto, e nos restantes as sanções não

são de molde a garantir essa disciplina. De acordo com dados divulgados pela imprensa internacional, desde 1948 que se registaram, em sete eleições presidenciais, quebras na disciplina de voto.

Tendo em conta este sistema, nada impede que um candidato, ainda que recolhendo a preferência na maioria dos Estados, perca a eleição no Colégio Eleitoral, onde os Estados com maior representação têm preponderância.

O curioso é que a maioria dos norte-americanos parece desconhecer esta realidade, que muitos analistas políticos nos EUA não hesitam em classificar de «bomba relógio constitucional». Mas a verdade é que a maioria dos eleitores já nem se dá ao trabalho de ir às urnas (50 milhões nem sequer constam dos cadernos eleitorais e a abstenção, no que respeita aos recenseados, ultrapassa os 50 por cento), o que não pode deixar de ser significativo. Na verdade, entre republicanos e democratas as diferenças não são de fundo nem de conteúdo, mas tão só de forma. Para haver liberdade de escolha, ao fim e ao cabo, sempre é necessário ter por onde escolher, haver diferença, e não apenas ter mais do mesmo.

## Democracia à americana

A campanha eleitoral nos EUA custou qualquer coisa como 3000 milhões de dólares, segundo revelou há dias o *Washington Post*. Este valor absurdo, que não tem paralelo na história do país, mostra até que ponto são pertinentes as palavras de Warren Buffet, conhecido investidor financeiro norte-americano, quando recentemente escrevia em *The New York Times* que «uma contribuição relativamente modesta» de 25 000 dólares bastava para tornar alguém importante na cena política americana.

Segundo Buffet, com «somos verdadeiramente grandes» consegue-se não importa o quê.

A conclusão de Buffet não deixa margem para dúvidas: «vamos a caminho de garantir a permanência na terra de um governo dos ricos, pelos ricos e para os ricos».

Naturalmente, quem dá espera receber. E recebe. Segundo a organização «Public Citizen», uma lei de 1996 que concedeu às emissoras de televisão o livre acesso do novo espectro digital (com um preço de mercado de 70 000 milhões de dólares), e o desagravamento fiscal em 1997 para as empresas tabaqueiras, foi o pagamento de grandes donativos em dinheiro das indústrias de televisão e de tabaco. Não menos relevan-

te é o facto de os anúncios políticos terem constituído este ano a terceira fonte de rendimento comercial das cadeias de televisão. Só a Disney, proprietária da ABC, doou mais de quatro milhões de dólares aos partidos políticos nos últimos sete anos.

Estes exemplos não passam de uma pequena amostra de como funciona a «democracia» americana. Como escrevia em edição recente *The New York Review of Books*: «Os grandes doadores são os primeiros beneficiados do sistema de corrupção que neste momento constitui o motor impulsor da política norte-americana».

# A criada dos Estados Unidos

• Rui Paz

Numa entrevista ao programa da ARD «Monitor», o publicista israelita Uri Avnery acusa a União Europeia de estar a servir de «criada dos Estados Unidos» no conflito do Médio Oriente. No momento em que a ludibriante retórica de paz dos USA chegou ao fim e se assiste ao desmascaramento do conluio existente entre a maior potência militar do mundo e Israel, a União Europeia aparece a contemporizar perante os crimes do exército israelita e a distribuir aspirina ao martirizado povo palestino, assistindo impávida e serena em directo na TV ao assassinio diário de crianças, numa manifestação de crueldade e hipocrisia sem precedentes. Avnery, destacada figura do movimento da paz em Israel, esclarece que este levantamento do povo palestino não foi desencadeado por decisão de dirigentes políticos, mas trata-se de uma revolta espontânea de dezenas e centenas de milhares de palestinos à qual não se pode pôr

Palestina. E aquele israelita, laureado com o prémio da paz da cidade de Aachen, salienta ainda que «a América perdeu qualquer credibilidade. Todos os palestinianos estão convencidos que os Estados Unidos funcionam como uma espécie de agente de Israel... a Europa deve acabar de servir de criada dos Estados Unidos... e ter a coragem de levantar a voz e dizer: nós acreditamos que a paz é possível dentro daquelas condições e expressá-las claramente».

### Hipocrisia

Infelizmente a viagem que Schröder acaba de fazer ao Médio Oriente confirma o papel subserviente da União Europeia. O mais tardar, depois da última visita de Jospin à Palestina, em que o primeiro-ministro francês teve de fugir corrido à pedrada pelo povo, que a Internacional Socialista, as grandes potências da União Europeia e os seus acólitos dos países mais pequenos como Portugal se deveriam ter apercebido da gravidade

da situação. Mas é demasiada a hipocrisia daqueles que invocam diariamente os direitos humanos para esconderem o seu servilismo perante os donos do planeta. Numa entrevista ao «News Deutschland» (22.9.2000) sobre a agressão da NATO contra a Jugoslávia, o general Heinz Loquai constata idêntico comportamento submisso perante os interesses dos USA por parte dos Estados da União Europeia, na sua



fim como se desligássemos um aparelho de televisão.

«Estamos perante uma explosão de sentimentos de revolta acumulados há vários anos e que se agravaram ainda mais desde que Barak assumiu o poder. Eu também votei em Barak mas desde que ele governa a situação piorou. A construção de colonatos israelitas prossegue diariamente, os palestinianos vêem os solos expropriados e as casas demolidas a tal ponto que percebem que o processo de paz não lhes trouxe nada. Até Netanyahu chegou a devolver terra palestiniana, a cidade de Hebron, mas desde que Barak se instalou no governo nem um centímetro quadrado foi até agora devolvido» - diz Avnery.

À pergunta do jornalista Klaus Bednarz, «o que é preciso acontecer para que haja paz?» Avnery responde que «Israel, o nosso governo, tem de declarar-se disposto a cumprir três pontos. Primeiro reconhecer o direito à existência de um Estado palestiniano ao lado de Israel. Segundo que esse Estado será criado nas fronteiras anteriores à ocupação de 1967. E por último que Jerusalém Oriental, com todos os lugares sagrados islâmicos, será a capital da

maioria governados por forças políticas da Internacional Socialista. «É sintomático que o presidente dos USA, Clinton, na sua intervenção ao povo americano a 24 de Março de 1999, não se tenha referido em primeiro lugar a uma catástrofe humanitária mas à credibilidade da NATO», salienta o general, o qual prossegue confirmando que, «aquela intervenção da Aliança sem mandato da ONU criou um precedente» e tornou assim possíveis «operações militares da NATO não cobertas pelo artigo 5.º do tratado e sem mandato da ONU». E recordando que desde que a NATO ocupou o Kosovo já foram incendiadas cerca de 150 igrejas ortodoxas e acelerado o êxodo dos sérvios e de outros grupos étnicos daquela província, Loquai lembra que «no início de Rambouillet à excepção dos americanos os restantes cinco países do grupo de contacto defenderam que uma intervenção sem mandato da ONU não teria qualquer legitimidade. Mas como veio a verificar-se, exceptuando a Rússia, todos os restantes Estados da União Europeia abandonaram os seus princípios para servirem a estratégia dos Estados Unidos».

• Manoel de Lencastre

Governos Thatcher e Major defenderam os interesses do «big business» e provocaram...

# A catástrofe das «vacas loucas»

Foi no passado dia 26 de Outubro que o juiz Lord Phillips, autoridade suprema no sistema judicial inglês, leu perante um país perfeitamente estupefacto o seu relatório em 16 volumes relacionado com a mais grave crise humana e de saúde pública da história britânica recente - a da doença de BSE ou, mais simplesmente, a da enfermidade fatal causada pelo consumo de carne das «vacas loucas». O relatório em questão custou nada menos de 27 milhões de libras, verba que se consumiu em anos de inquéritos a uma situação praticamente desconhecida.



Juiz Lorde Phillips

## Os grandes culpados

**Kenneth Clarke** - antigo ministro da Saúde pública que pretendeu fugir à gravidade da grande questão limitando-se a mandar investigar o sector de produtos alimentares para bebés;

**John McGregor** - persuadiu as agências governamentais a não dar importância aos riscos para a saúde humana decorrentes da doença «das vacas loucas»;

**Douglas Hogg** - fugiu a contactar os principais chefes dos serviços da administração pública que teriam alertado todo o aparelho nacional da saúde, da agricultura e da agro-pecuária e a própria população;

**Angela Browning** - defendeu os industriais da produção de rações para animais mesmo depois de ser conhecida a obtenção de farinhas com carcaças de vacas abatidas ou mortas pela doença;

Dizemos que o país ouviu aquele juiz e, mais tarde, o correspondente debate parlamentar nos Comuns, em estado de perplexidade porque se esperava que apontasse o dedo indicando os culpados de uma catástrofe que mal começa a desenharse. Mas o cenário estava preparado e Lord Phillips apressou-se a declarar: «Que se desiludam todos os que esperam que nomeemos eventuais criminosos ou simples culpados deste desastre. Não ficar desapontados». O juiz e, mais tarde, o ministro da Saúde esclareceram que a tragédia se deve ao sistema de governo em Whitehall que deixou as pessoas na escuridão quanto a tão grave assunto e não alertou o país para o que estava a passar-se. Não existem culpados, portanto, ninguém praticou qualquer crime. Foi, apenas, a maneira como o «sistema» funciona nos meios governamentais e da administração pública que proporcionou esta catástrofe na Grã-Bretanha, que se alastra, já, a outros países e cujos resultados finais ninguém tem possibilidades para prever.

A doença das «vacas loucas» (BSE) que, tecnicamente, se designa como (em inglês) «bovine spongiform encephalopathy» e que, transportada aos seres humanos,

adquire o nome (ainda em inglês) de «Creutzfeldt Jakob» ou «CJD» já atingiu, segundo as autoridades, 134 000 pessoas, mas é voz corrente que este número se eleva a níveis mais elevados não sendo possível precisar até onde chegará. As famílias das vítimas até agora registadas, oficialmente, vão receber indemnizações de 100 000 libras (30 000 contos), pelo menos, cada. Mas o governo não deseja comprometer-se demasiadamente nesta situação por não ter a mínima ideia quanto ao número de pessoas já contaminadas que, inevitavelmente, morrerão.

O ministro da Agricultura do governo de Blair (New Labour), Nick Brown, afirmou nos Comuns que a doença de «BSE» constitui «uma tragédia nacional» que se agrava, diariamente, apesar de terem sido abatidas cerca de 4,5 milhões de vacas atingidas por aquela mortífera doença.

### O princípio de uma história alarmante

Em 1970, algures no sudoeste de Inglaterra, morreu a primeira vaca atingida pela «BSE». A sua carcaça, como era costume fazer-se, foi utilizada na produção de rações para animais. Em 1985, já tinham morrido 133 animais vitimizados por essa estranha e desconhecida enfermidade que fazia desenvolver tremores na cabeça e descoordenação de movimentos. Em Setembro desse ano ficou estabelecido que as vacas faleciam em consequência de uma encefalopatia que

ca. Mas, seis meses mais tarde, John Wilesmith, cientista do Central Veterinary Laboratory, declarava que a doença de «BSE» resultava da contaminação dos animais por terem sido alimentados com rações que incorporavam farinhas obtidas com carcaças de outros que tinham morrido anteriormente.

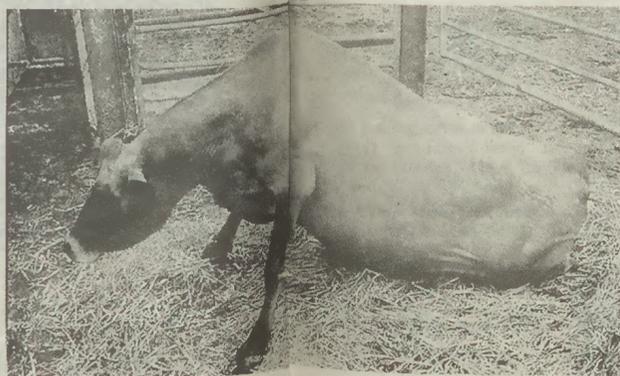
Em 1988, o governo conservador de John Major, herdeiro da decisão da sua antecessora, Margaret Thatcher, de que a indústria de rações para animais deveria ser desregulamentada, ordenou que comesçassem a ser abatidas as vacas consideradas como portadoras da doença «BSE». Mas, como apenas indemnizava os industriais e agricultores do ramo da agro-pecuária em apenas 50% do estimado valor de cada animal contaminado, aqueles «businessmen» começaram a vendê-los no mercado por valores superiores aos da indemnização ainda que inferiores aos praticados no mercado nessa altura. Em 1989, o governo anunciou que ficava banido o uso de órgãos das vacas abatidas ou ainda por abater no fabrico de produtos alimentares para seres humanos ou animais domésticos.

### Negócios contra a saúde pública

Obviamente, a inação do governo britânico, a sua falta de honestidade, o seu receio em informar o povo do que estava a passar-se, relacionava-se com um só aspecto da catastrófica situação. A explicação é simples - dado que os governos conservadores têm, tradicionalmente, apoio nas áreas e nas populações do sector agrícola, nos meios da média e da grande indústria e nos sectores da mais inveterada especulação, não podiam agitar a opinião pública contra os seus próprios apoiantes muitos dos quais, indubitavelmente, contribuíam, financeiramente, para os próprios cofres do respectivo partido.

A indústria das rações para animais, ao ser conhecida a gravidade da contaminação que grassava em todas as quintas e granjas britânicas, foi logo apontada como uma das

grandes responsáveis da catástrofe em desenvolvimento. Não eram, evidentemente, apenas os agricultores e os criadores de gado ou os proprietários de matadouros que procuravam manter o fluxo de lucros garantidos a que estavam habituados. As indústrias de rações, as de produtos químicos e farmacêuticos, as do ramo alimentar, todas consideraram que poderiam sofrer imensas perdas se a contaminação proveniente das «vacas loucas» se transferisse para a espécie humana e acabasse por chegar ao conhecimento público como, na realidade, aconteceu. Era



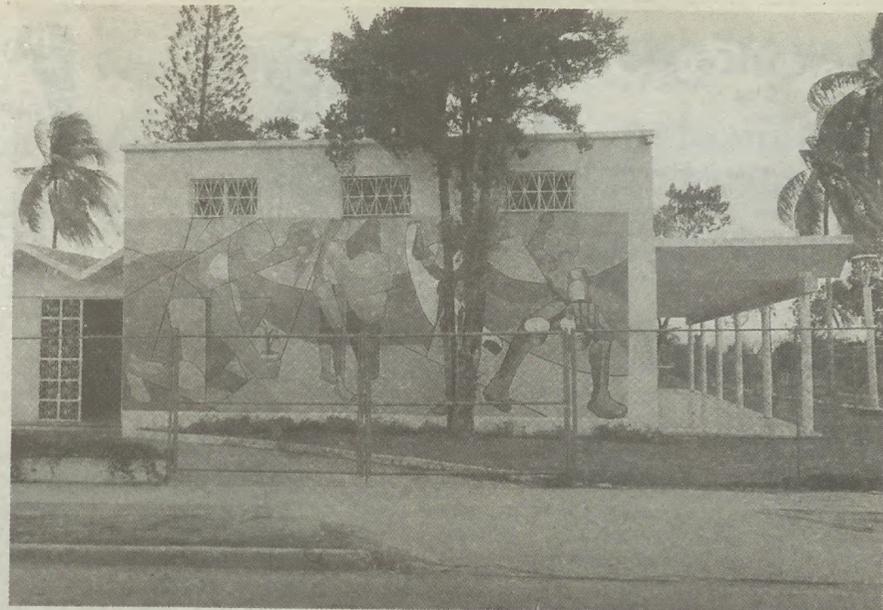
essencial fazer calar os ministros do governo conservador e o próprio primeiro-ministro de então, John Major.

### Conspiração

Garantido o silêncio governamental e o do funcionalismo público mais responsável, era preciso, agora, não criar uma situação de caos ou de pânico ao ser conhecido o relatório do juiz Phillips. A Grã-Bretanha capitalista, base e sede de múltiplos centros do «big business», tinha de defender aqueles que se haviam calado quando era essencial dizer a verdade ao povo britânico. O capitalismo, inventor da indústria dos «burghers» confeccionados só Deus sabe com que carne, senhor das grandes indústrias e negócios adjacentes do sector alimentar, não podia deixar que subissem ao tribunal aqueles que lhes permitiram e continuam a permitir a criação de oceanos de lucros criminosos.

Quem, melhor do que os doutos juizes do «High Court» ou os ministros do «New Labour» para apaziguar a situação e pôr em tudo uma atmosfera de normalidade? Por outro lado, se os antigos ministros de Margaret Thatcher e John Major fossem levados à barra do tribunal, seria criada uma situação de crise política única neste país, só comparável à que se viveu durante a Guerra Civil que levou à decapitação do rei, Charles I. Se ficasse o exemplo de que no seio de uma dada crise, os ministros tinham sido levados a responder em justiça por actos praticados no exercício do poder, quem desejaria ser ministro no futuro? Não ficariam Tony Blair, Robin Cook, o actual secretário-geral da NATO e antigo ministro da Defesa britânico, George Robertson, expostos a serem julgados, também, por nestas ou naquelas circunstâncias, terem excedido as suas competências ou fugido às suas responsabilidades? O «sistema», evidentemente, não quer o caos no seu próprio seio. Por isso, o juiz Phillips disse: «Ninguém espere que apontemos o dedo acusador seja contra quem for» A esta hora os que fabricam rações para animais com farinhas resultantes de outros que pereceram vítimas da BSE, estão a rir do mundo inteiro. Quanto aos fabricantes de «beef-burgers» que as crianças tanto adoram, não sabemos o que dizer. Será que devem continuar a existir?

A grave questão da doença «das vacas loucas» começou agora a ganhar o conhecimento público. Essa terrível doença que deixa as pessoas transformadas em vegetais, já começou a propagar-se aos animais domésticos. Diz-se que foi detectada em criações de suínos, em rebanhos de carneiros e ovelhas. Já não é uma terrível contaminação circunscrita à Grã-Bretanha. Está demonstrado que se alastrou a outros países.



# Arroyo Naranjo e os comunistas portugueses

**Reparto Eléctrico. Essas duas palavras, reunidas, têm ressonâncias estranhas. Não esclarecem. Assim se chama um bairro de Arroyo Naranjo, um dos 14 municípios de Havana, localizado na periferia da capital. Qualquer português que apareça casualmente pelo Reparto Eléctrico é ali recebido, se identificado, com efusivas demonstrações de afecto. Esse calor humano tem uma estória que aqui se conta. A solidariedade dos comunistas portugueses pelo povo do Reparto Eléctrico é conhecida pela quase totalidade dos moradores. Nasceu de um acaso.**

### • Miguel Urbano Rodrigues

De passagem por Havana, um dirigente comunista português (cujo nome não divulgo a seu pedido) visitou o Reparto em 1995 com um amigo seu ali residente e com o actual ministro da Cultura, Abel Prieto, ao tempo presidente da União dos Escritores e Artistas de Cuba.

Cuba vivia ainda em pleno período especial. No Reparto, como por todo o lado, as carências eram enormes e transparentes.

O visitante gostou do lugar. Não esqueceu aquela gente, a sua fibra, a sua alegria de viver. Em Portugal, em convívio com camaradas, contou o que viu e ouviu no Reparto Eléctrico. Mobilizou solidariedades, sobretudo entre comunistas da Ajuda, em Lisboa. Foi o começo de uma ponte da amizade com o povo do acanhado bairro suburbano de Havana, amizade que se concretizou em iniciativas que tocaram profundamente os moradores.

O Reparto Eléctrico tem hoje 22 000 habitantes, quase um quarto da população de Arroyo Naranjo. É um bairro densamente arborizado, onde predominam as pequenas vivendas térreas com grandes jardins. Situado a quase 30 km do centro de Havana, a vida transcorre ali com aquela tranqüilidade que faz de Cuba um dos raríssimos países do mundo onde o índice de violência roça pelo zero. No Reparto não há crimes de sangue, nem assaltos, apesar de as ruas serem escuríssimas à noite, por falta de iluminação pública adequada.

Foi nos campos da saúde, da cultura e da infra-estrutura viária que a solidariedade dos comunistas portugueses se concretizou.

Algumas ruas, por falta de recursos para adquirir os materiais de construção, estavam quase intransitáveis há cinco anos. Com a ajuda vinda de Portugal foram pavimentadas.

A oferta de medicamentos tem sido uma constante. No Reparto há um moderno Policlínico, o António Cespedes Argot, que atende diariamente umas 100 pessoas. Estive ali em Junho com uma camarada que trazia de Lisboa 50 quilos de remédios, sobretudo antibióticos, analgésicos, anti-inflamatórios, vitaminas, insulina, etc.

Fomos recebidos festivamente pela direcção, pelo corpo clínico que conta com 35 médicos, e pelos demais trabalhadores.

«Quanta dor, quanto sofrimento vocês contribuirão para atenuar com estes medicamentos que vão restituir saúde a quem dela tanto necessita» - disse-nos então a directora enquanto percorriamos as instalações do Policlínico, inaugurado em 1996 no dia em que Fidel cumpriu 70 anos.

Voltei agora ali, em Outubro, com camaradas que traziam uma grande mala abarrotada de medicamentos. Era uma hora má, ao entardecer. Mas logo fomos envolvidos pelo carinho de médicos e enfermeiras. Eles sabem o que significa aquilo num país onde, por força do bloqueio, dos EUA não vai para Cuba nem uma simples caixa de aspirinas.

O Policlínico do Reparto Eléctrico sente, aliás, orgulho por três dos seus médicos cumprirem presentemente missão internacionalista na África do Sul. Cuba sofre com a carência de medicamentos, mas milhares de jovens latino-americanos estudam medicina na Escola de Ciências Médicas de Havana, fundada especialmente com esse objectivo. E Fidel, discursando numa Igreja do Harlem, em Nova York, foi comovidamente aplaudido, no Verão passado, ao oferecer centenas de bolsas a estudantes pobres norte-americanos que desejem formar-se em Medicina em Havana.

### Outra estória de fraternidade

A nossa visita ao Reparto, há poucos dias, findou na Casa da Cultura.

É outra estória de fraternidade revolucionária.

A Casa está instalada num belo edifício que era quase uma ruína em 1996. O amplo casearinho, com um grande pátio interior, foi reconstruído com a ajuda material de comunistas portugueses. Adoptou o nome de 13 de Agosto, por ter sido esse o dia da inauguração.

Encontrei a fachada diferente. Graças a um donativo vindo de Lisboa, a sede foi pintada de novo e o belo mural da fronteira restaurado.

Os dirigentes, quando a delegação portuguesa chegou, improvisaram uma festa. O corpo de baile dançou para nós. Enquanto tomávamos água de coco com aguardente, ouvimos canções e peças musicais executadas pela Salsa Latina Tropical, a orquestra privativa da Casa.

Três mil moradores do Reparto frequentam semanalmente a Casa da Cultura cuja acção, cumprindo os objectivos traçados, abrange actividades que vão da música ao teatro, ao ballet, ao canto, incluindo evidentemente as recreativas e as destinadas às crianças.

Na confraternização estabelecida, os comunistas portugueses tomaram conhecimento das carências existentes, sobretudo no tocante a instrumentos musicais. Logo foi resolvido um problema urgente: o do guarda roupa para o grupo de teatro amador da Casa.

A Magdalena, o David, a Nancy e outros dirigentes e artistas expressaram com autenticidade e emoção bem cubanas a emoção que sentiam.

Soube no dia seguinte que, na mesma noite, os juristas portugueses que se encontravam em Havana, participando num Congresso, estiveram na Casa da Cultura e por ali ficaram até de madrugada numa confraternização que os encantou e comoveu.

Jornadas como aquela somente podem ser entendidas pelos que conhecem bem o povo da Ilha e têm consciência de que ele, pelo simples acto de resistir, oferece a Humanidade muito mais do que dela tem recebido.

# Comunicação

Francisco Silva

Um resultado, talvez inesperado, do uso de computadores e da Internet será, parece, o seu concurso para que os hábitos de escrita e de leitura reganhem terreno ou ganhem mesmo terrenos novos! Tal acontece após uma época de domínio da televisão. Até há bem pouco, parecia terem a palavra

# A escrita ainda e sempre o escrever

falada, o som em geral e, acima de tudo, o dominador audiovisual derrotado definitivamente a escrita. Os rios de estudos publicados sobre o tema! Escrita copiosa, a verberar o império duma realidade fragmentada, expressa sobretudo através de imagens sucedendo-se sincopadamente! Mas, mais uma vez, não se diga que algo é definitivo. E então na nossa época - os desmentidos não se fazem esperar, como é este o caso. Já dizia Marx que tudo o que é sólido, exposto ao ar sempre acaba por se fundir!

Poder-se-á argumentar que não se trata exactamente da mesma escrita, como a fomos conhecendo desde a sua invenção. De facto, esta, uma afirmação com o seu quê de verdade. É uma escrita, sim, mas mediada por computador. As diferenças são desde logo evidenciadas por a ferramenta utilizada, o processamento de texto, amoldar os mecanismos da escrita à sua feição, afastando-os da sua maneira tradicional de ser.

O apagar, o corte e recorte, a deslocação, a cópia e a colagem de palavras e fragmentos de texto, executados por intermédio do processamento de texto, deixam de ser tarefas morosas, pesadas, irritantes até o fazermos bolas de papel das folhas que são atiradas para o ar, ou até se tornarem actividades de trabalhos manuais onde a tesoura - a tesoura, o ícone utilizado para o corte - e a cola desempenham papéis relevantes; aí está o ecrã, vazio como uma folha de papel em branco, e sempre pronto para voltar a ficar vazio como se nada lá tivesse sido escrito antes. A grande diferença em relação ao escrever na folha de papel é o poder-se ir compondo o texto à medida que ele é visualizado. Já não é necessário efectuar um pesado processamento prévio do texto dentro do nosso cérebro. Na prática, cada um vai encontrando o equilíbrio mais conveniente entre o emprego simbiótico do seu cérebro e do computador que utiliza.

É melhor ou pior escrever-se deste modo novo? Esta é uma forma decaída da anterior? Em relação a que padrão são aferidos os juízos de valor pressupostos por tais perguntas? Certo é ser uma maneira diferente de escrever e ser cedo para avaliar todos os seus impactos. Do meu lado, só posso responder pelo que me vai acontecendo. Sem o computador, e esta simbiose, penso que não teria metido ombros a grande parte dos textos que, pior ou melhor, vou compondo.



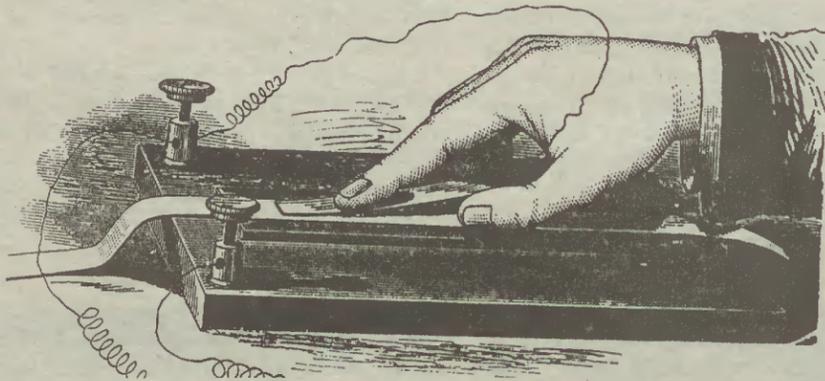
Agora na Internet: a maneira de escrever no e-mail e, ainda mais, a desenvolvida nos chats - «espaços» de bate-papo -, dá origem a formas concisas. É aliás este um dos segredos dos comunicadores bem sucedidos na utilização destes meios de comunicação.

Para tais actividades, o processamento de texto poderá parecer demasiado poderoso - de facto, ele foi desenvolvido em resposta às necessidades havidas na elaboração de textos complexos. No entanto, mesmo subaproveitado nas suas capacidades, o processamento de texto constitui uma «arma» indispensável para aplicações de comunicação interpessoal como o e-mail e os chats. Por outro lado, ainda, sendo as mensagens curtas, estas podem ser concebidas na sua totalidade antes de serem escritas. Devem, assim, ser realizadas com grande economia de palavras e, no caso dos chats, são mesmo usados com frequência abreviaturas e símbolos gráficos, cujo conteúdo aproveita sabiamente, enquanto matéria-prima, o conjunto de caracteres disponíveis nos teclados dos computadores.

Não apenas com a Internet, também as mensagens SMS do telemóvel: a escrita aí está! Ainda mais concisa e a penetrar em profundidade, sobretudo no ser comunicacional dos jovens.

É a concisão, então, outra das características que diferencia o escrever na Internet, e também com o telemóvel. Uma característica desdenhando das maleabilidades do processamento de texto? Síntese do novo com o modo tradicional de escrever? Aqui chegámos. Uma linguagem abreviada. Que já vinha, aliás, a ser desenvolvida desde a telegrafia, nomeadamente com os telegramas... era uma experiência nos primórdios, rudimentar. Lembram-se? A linguagem telegráfica!

E isto não é contraditório, no mínimo coexiste, com o progresso geral da escrita...



# Pontos Cardeais

## TAP (I)

A revista *Imagem* é uma publicação trimestral de 12 páginas produzida pela empresa ANA - Aeroportos de Portugal SA e está à disposição do público nos aeroportos portugueses. Trata-se, obviamente, de material de propaganda e marketing e até aí nada a dizer. O pior é que, às vezes, nas mais cuidadas intenções de se transmitir uma boa imagem pode cair a mais inadvertida nódoa, acabando a manchar o produto que se quer promover.

No último número da *Imagem*, referente aos meses de Agosto/Setembro/Octubre, a revista dedica uma página inteira à programação cinematográfica a bordo de voos de longo curso, numa minuciosa demonstração de que a TAP nunca se deixou ultrapassar pelas suas congéneres internacionais no que toca à satisfação e conforto dos passageiros. Entrevistando o chefe desse departamento - Joaquim Janeiro de seu nome - e a sua anunciada substituta nessas funções - Tânia Janeiro -, a revista afirma o seguinte, a dado passo: «Os aviões da TAP começaram a exhibir filmes em 1971 (...) Até aos dias de hoje, a TAP nunca mais deixou de exhibir filmes a bordo - todos os seus voos internacionais têm pelo menos dois filmes por rota (um para a ida e outro para a volta)». O pior veio a seguir, quando a própria Tânia Janeiro, citada pela revista, se saiu com a seguinte pérola: «Isto na classe económica, porque os que viajam em primeira classe têm à sua disposição um monitor pessoal onde podem seleccionar o filme que preferirem, e onde são exibidos filmes com enredos mais complexos». Porquê? Quem viaja em primeira classe está melhor apetrechado intelectualmente que os da classe turística para enfrentar «enredos mais complexos»? Ou, visto do

outro lado, a classe turística - que é o grosso de qualquer voo e o verdadeiro alfa e ómega da viabilidade financeira de uma companhia aérea - é apenas frequentada por débeis mentais, incapazes de penetrar nos tais «enredos mais complexos»?

## TAP (II)

Entretanto, nesta história dos filmes da TAP pode haver aqui uma nuance. Será que por «enredos mais complexos» a TAP pretende induzir que estamos a falar de filmes exclusivamente para adultos (e, portanto, impróprios para uma classe turística onde viajam famílias inteiras e respectivas crianças)? Se a hipótese é essa, outra pergunta se coloca, forçosamente: Será que em primeira classe não podem viajar crianças?

Obviamente que podem - e viajam. Se calhar são é crianças treinadas para penetrar em «enredos mais complexos»...

## TAP (III)

Entretanto, três páginas à frente esta mimosa revista da ANA dedica igual espaço à novíssima «Carta dos Direitos dos Passageiros», coisa inaugurada pelo inevitável ministro Jorge Coelho. Tudo feito em nome da democrática defesa dos direitos... dos passageiros.

O pior é que se trata de uma «Carta» feita pela mesma TAP que, até na projecção de filmes, divide os seus clientes entre uma maioria de incapazes intelectuais e uma minoria de eleitos competentes para... «enredos mais complexos».

O que não tem complexidade nenhuma é este «enredo» do privilégio feito lei que, pelos vistos, está em vigor em algumas cabeças da TAP.

Cabeças certamente muito aptas para «enredos mais complexos»...

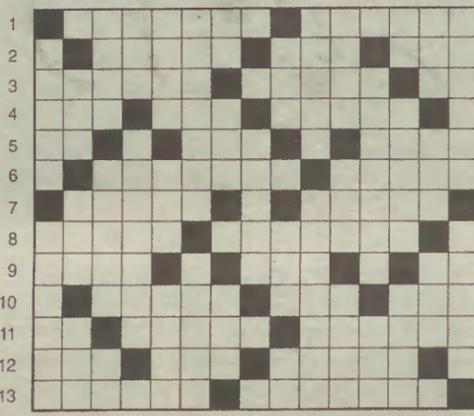
# Palavras Cruzadas

**HORIZONTAIS:** 1 - Desbastar; antiga peça de artilharia. 2 - Calcular; solitários; o meridiano. 3 - Acostumar; encalhar; para mim. 4 - Sorrir; doçura (fig.); deuses protectores do lar e da família, entre os antigos Romanos. 5 - Abrev. de aná em receitas médicas; dez vezes dez; desaparecer no ar. 6 - Brutal; pau com que se joga a bola. 7 - Vaso de noite; sinal. 8 - Bovino; papel encorpado e forte. 9 - Verbal; órgão excretor que a tem a seu cargo a função da formação da urina; contemplei. 10 - Ramificação; partícula que, no antigo dialecto do Norte de França, significava sim; camareira. 11 - A ti; desprezível; grande ave pernalta. 12 - Altar cristão; existir; doador. 13 - Atrolhar; falar à toa.

**VERTICAIS:** 1 - Título dos antigos reis do Egipto; regressar. 2 - Antiga medida de capacidade; estabelecimento particular ou dependência de hotel ou restaurante onde se servem bebidas alcoólicas; herdade limitada por marcos. 3 - Desejar; armazém de panos; outra coisa. 4 - Alcatrão; que se refere a século. 5 - Igualmente; designativo de afirmação; móvel, normalmente de madeira, sobre que se come, escreve, etc. 6 - Que está ou vai em linha recta; ter valor ou mérito. 7 - Atmosfera; preceito ou norma de direito moral; interpretar por meio de leitura. 8 - Contundir. 9 - Chiste (fig.); voz de algumas aves, especialmente a do mocho; oferece. 10 - Canto em coro; gemer baixo, mas continuamente. 11 - Guarnecer de asas; belo; flanco. 12 - Correção de provas tipográficas; estrela. 13 - Aquelas; posto em liberdade; vento brando e aprazível. 14 - Que imita estrondo de tiro, explosão ou queda sonora e brusca de um corpo (interj.); arco; estrada. 15 - Proprietário de olaria; mitra de pontífice rodeada de três coroas e rematada por um globo que sustenta uma cruz.

Solt: pto: da. 10 - Corah; gemer. 11 - Asar; bel; lado. 12 - Revisar; sol. 13 - As; solto; aura. 14 - Pum; aroy; via. 15 - Oletro; tiara. **SOLUÇÃO:** HORIZONTAIS: 1 - Lapidar; cazapo. 2 - Medir; sós; sul. 3 - Alzer; varar; me. 4 - Rir; mel; laves. 5 - Alg; cem; voar. 6 - Bestial; bilro. 7 - Bator; gesto. 8 - Vacum; papelão. 9 - Oral; rim; vi. 10 - Ramal; oia; aia. 11 - Ter; reles; casuar. 12 - Ar; ser; dador. 13 - Rolhar; parolar. VERTICAIS: 1 - Farol; voltar. 2 - Fri; bar; ero. 3 - Am; bac; ar; al. 4 - Fez; secuar. 5 - Idem; sim; mesa. 6 - Direc; valer. 7 - Ar; let; ler. 8 - Maçar. 9 - Salt; pto; da. 10 - Corah; gemer. 11 - Asar; bel; lado. 12 - Revisar; sol. 13 - As; solto; aura. 14 - Pum; aroy; via. 15 - Oletro; tiara.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



# Xadrez

DCLXXVI - 9 DE NOVEMBRO DE 2000 PROPOSIÇÃO N.º 2000X42

Por: Henri Rinck «Le Temps», 1930

Pr.: [3]: Cs. b4, g7 - Rg5 Br.: [4]: Cs. g4, g6 - Ba5 - Rh3



Branças jogam e ganham

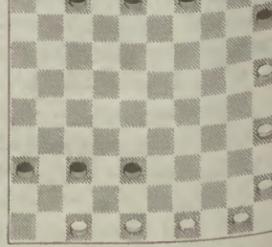
SOLUÇÃO DO N.º 2000X42 [H.R.] 1. Cc7, Cd3; 2. Bd2+, Cf4+; 3. Rg3, Ch5+; 4. Rb3, Rh4; 5. Ce2, Rg5; 6. Cd5, Rf5; 7. Cf4 e.g. 1. ... Ce6; 2. Bb4, Cf4+; 3. Rg3, Ce2; 4. Rf2+ e.g. A. de M. M.

# Damas

DCLXXVI - 9 DE NOVEMBRO DE 2000 PROPOSIÇÃO N.º 2000D42

Por: Ephraim van Embden [N.L.] - 1752-1832

Pr.: [7]: 7-8-9-15-36-37-38 Br.: [7]: 25-35-45-47-48-49-50



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 2000D42 [E.vanE.] 1. 49-43, (38x49=D); 2. 48-42, (37x48=D); 3. 47-41, (36x47=D); 4. 50-44, (49x40); 5. 45x34, (48x30); 6. 35x24, (47x20); 7. 25x1=D e + A. de M. M.

## Religião *Golpe de mão no Leste europeu...* (II)

• Jorge Messias

**E**m Portugal, entretanto, o padre húngaro Luís Congor, responsável pelo processo de beatificação dos videntes, declarava: «A conversão da Rússia não pode ser entendida como uma adesão em massa à Igreja Católica. Esta conversão consistirá na alteração das leis e estruturas do país». Era o que já estava a acontecer na URSS. Gorbachov e o Comité Central do PCUS revogaram as normas que impediam o acesso dos religiosos aos lugares do aparelho do Estado. Foi permitido a João Paulo II criar a diocese de Minsk, com poderes em toda a Bielorrússia. Perante a passividade cúmplice dos governos socialistas, o Vaticano instalou 11 novos bispos na Roménia e na Checoslováquia. Nas repúblicas soviéticas, apenas entre 1989 e 1990, são nomeados por João Paulo II mais 6 bispos de rito latino (Rússia e Cazaquistão). O recém-nomeado bispo Tadeusz Kondrusiewicz é enviado para Moscovo a fim de lançar aí as bases de uma poderosa diocese. Em Março de 1990, a Santa Sé, no seguimento do famoso encontro de Roma, entre João Paulo II e Gorbachov, nomeia seu núncio em Moscovo monsenhor Francesco Colasuono, considerado a segunda grande figura da *ostpolitik* liderada pelo cardeal Casaroli, o então secretário de Estado da cúria romana. Monsenhor Colasuono tinha anos de permanência activa nos Estados socialistas. Fora embaixador itinerante do papa no Leste e chefe de uma enigmática *Delegação Pré-Diplomática da Santa Sé em Moscovo*.

«Público» - Que disse a Reagan e Tchernenko para tornar possível o encontro ... Bastou-lhe convencer os chefes de Estado?

Gianmaria Polidoro - Não se tratava de convencê-los mas de eles se permitirem ser sensíveis a sugestões espiritualmente válidas. O que conta são as várias burocracias que preparam as cimeiras. Quando um chefe de Estado se move, é todo um mundo que se move, pois um

chefe de Estado não pode fazer tudo. E, ainda que ele esteja convencido de qualquer coisa, deve ter presente a burocracia e todo o mundo político e económico que o rodeia. Então, a nossa missão foi também sensibilizar os colaboradores, o mundo político e o mundo económico, para uma mudança de metodologia. Em suma, todos aqueles que estavam à volta do chefe de Estado.

P - Falemos de metodologia. Que passos propõe?

GP - Temos presente, antes do mais, o sentido do positivo que enunciei. Depois, o sentido da verdade, não como afirmação contra o outro, mas como confronto, para ver se a minha verdade é igual à do outro.

Em terceiro lugar, o grande peso da economia nas decisões, não colocando a ideologia em primeiro plano e ressaltando, por exemplo, que uma economia de paz pode ser ainda mais produtiva que uma economia de guerra...

P - Que interpretação dá ao fim da URSS comunista?

GP - Já em 1984, nós tínhamos elementos para compreender a próxima queda do sistema comunista. Recordo quando, por exemplo, no Ministério dos Negócios Estrangeiros soviético, fazíamos notar que um novo míssil, para os americanos, era pago com as notas que eles tiravam da carteira enquanto que, para os soviéticos, era pão que se tirava às pessoas. Havia, já, um colapso económico à vista no qual - penso eu - Reagan apostou muito, elevando a fasquia do armamento, de modo a que a URSS não pudesse resistir mais e baixasse a fasquia. Devo reconhecer que o próprio Gorbachov transformou uma desconfiança política e económica numa vitória pessoal. Ele soube vender o próprio declínio soviético ao Ocidente, oferecendo-o como sinal de paz. Foi um acto de grande inteligência e, também, do bom coração que ele tinha...».



## Pontos Naturais

• Mário Castrim

### Actualidade Televisão

Televisão.  
O recreio?  
O jardim?  
A clarabóia?

Para mim  
pura concretização  
do cavalo de Tróia.

### O sonho do homem pequeno

O dinheiro.  
Honras.  
Sire.  
Sir.  
El señor.  
Patrão.

Um dia  
poder vir  
a ter  
um bom caixão.

### O orador

Fala.  
Diz ou parece?

Procura tu  
ouvindo-o bem  
saber o amo  
a quem  
ele obedece.

### Uma notícia entre as notícias

Morre à fome  
de três em três segundos  
uma pessoa. Sem nome  
bem,  
como aliás convém  
ao mundo que, afinal,  
segundo a teoria ocidental  
é o melhor dos mundos.

Sim senhor.  
Se fosse de dois em dois segundos  
era pior.

### É assim a hipocrisia ocidental

Israel.  
A rajada  
de mísseis. À pedrada,  
palestinos os dentes arreganham.

São lá coisas entre eles. Que se avenham.

### Aquela imagem aquela imagem

O pai protege com o seu corpo  
o corpo do seu menino.

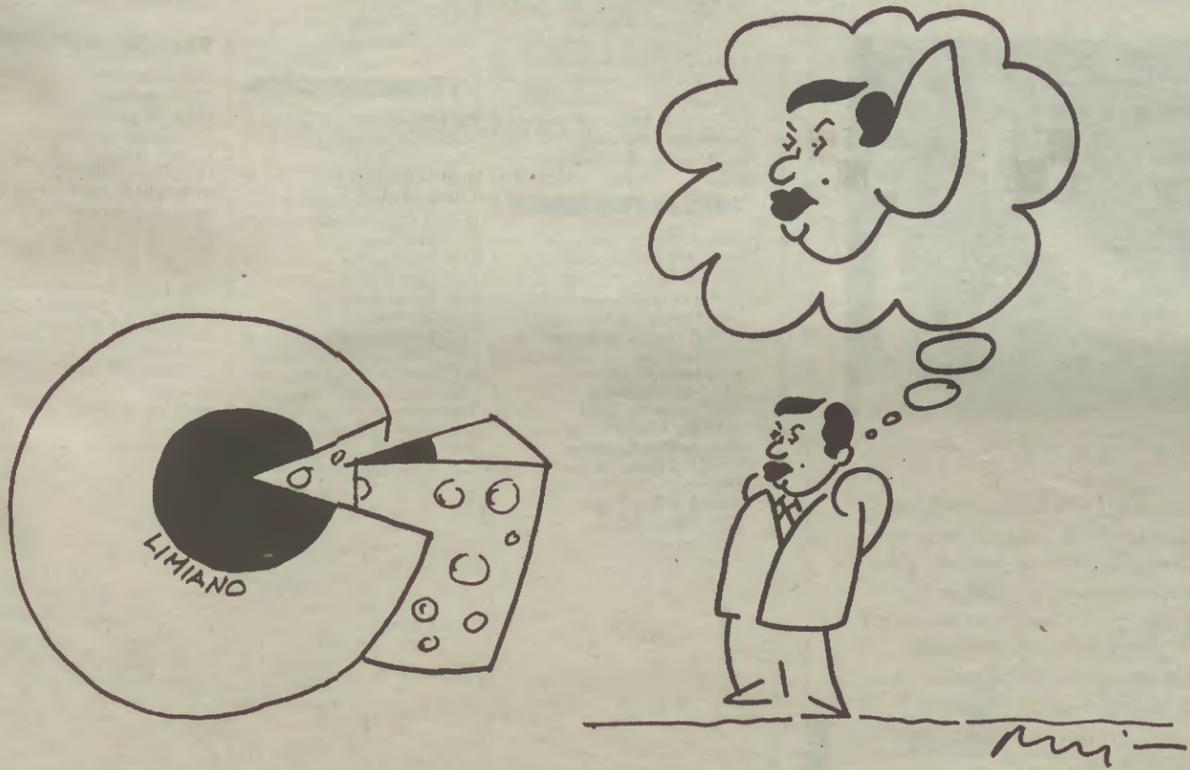
Ninguém os defendeu  
das balas de Israel.

Oh, a vindima do sangue! Quem  
heberá deste vinho?

Deus, será bem melhor  
para ti  
que não existas.

## Cartoon

• Monginho



ATVer

Wayne  
e Ryan**Inferno nas Alturas**

(Sexta-feira, 10, às 02,25, na RTP1)

Aqui vai um clássico - isto de filmes na televisão faz-nos jogar pelo seguro e apontar ao leitor não só aquilo que é do conhecimento já consolidado, mas ainda aproveitar o ensejo de o convidar a assistir a filmes que eventualmente nunca haja visionado -, realizado em 1951 por um dos mestres de filmes de guerra. Norte-americano, claro. E para apreciar com o devido distanciamento em relação ao gosto algo perverso com que **Nicholas Ray** lida com a guerra e ao fascínio que sobre ele exercem as situações-limite que ela gera. Aqui é o jogo psicológico entre duas personalidades em confronto do mesmo lado da barreira, protagonizadas por John Wayne e por Robert Ryan. O cenário do drama é o Pacífico, onde se desenrolam combates aéreos da 2.ª Guerra Mundial. O melhor do filme são certamente as cenas fabulosas desses combates.

**O Paciente Inglês**

(Sexta-feira, 11, às 22,15, na RTP1)

Realizado em 1996 nos Estados Unidos pelo britânico **Anthony Minghella** e profusamente premiado, este filme está fresco na memória de muita gente que correu a vê-lo nas telas dos cinemas em Portugal como um pouco por toda a parte onde chega a mão globalizante dos EUA. Classificado como «bela, comovente,



Doce Vida, de Fellini

**Arizona Junior**

(Domingo, 12, às 15,15, na RTP1)

Voltemos aos Estados Unidos, onde os irmãos **Cohen, Ethan e Joel**, somam e seguem na produção e realização de filmes. Este **Arizona Junior**, rodado em 1987, é uma comédia que já passou algumas vezes no pequeno ecrã, mas que não deixamos de assinalar, pela qualidade que os manos **Cohen** imprimem às suas histórias. Que têm mais que se lhes diga do

que um acumular de *gags* e de situações loucas, embora um fio de «lôcura» os atravesse a todos. Uma loucura onde cabe a emoção e a reflexão sobre o mundo real e tantas vezes absurdo em que vivemos todos.

**Carrie**

(Terça-feira, 14, às 22,40, na RTP1)

Um momento de horror, agora, com **Carrie**, um filme realizado em 1976 por **Brian de Palma**, autor apontado muitas vezes como émulo e «continuador» de Hitchcock, mas que em nossa opinião levou mais longe e mais estridentemente o susto que o mestre do suspense - sempre sóbrio nas suas criações mais sanguinolentas - cultivou. Um filme «genuinamente americano», contando uma história que só poderia passar-se nos Estados

Unidos e no meio histórico e puritano daquele país, onde a religião e o fanatismo se entrelaçam, a crueldade e o medo se dão as mãos sangrentas.

**Sur**

(Terça-feira, 14, às 23,00, na RTP2)

Na passada semana assistimos à passagem de uma película deste realizador, **Fernando Solanas**, sobre a Argentina e o peronismo, o fascismo de Videla, a repressão e o exílio. O



-Fanatismo e horror, em Carrie

exílio volta de novo neste filme de **Solanas**, assim como a Argentina. Um país outro, já livre, mas irremediavelmente marcado, para quem o viveu dentro das suas sufocantes fronteiras e para quem transportou o pesadelo para o exílio. Este é de novo um filme de exílio, aquele que reaparece quando o personagem volta ao local do «crime» e confronta as suas memórias com uma realidade carregada de cicatrizes.



A comédia louca dos manos Cohen

nostálgico e grandioso» e ainda como «melodramático» e «romântico» - tudo ingredientes a convidar à lágrima e assim a concitar o interesse de milhares de choradores - **O Paciente Inglês** ganhou nada menos de nove oscars atribuídos pela Academia de Hollywood. De qualquer modo - e também por isso mesmo - um filme a apreciar ao fim da noite, desembaciando os olhos para melhor perscrutar a qualidade das imagens.

**A Doce Vida**

(Sexta-feira, 10, às 00,30, na RTP2)

Outro clássico, que já aqui propusemos, e não há muito tempo. Mais do que qualquer outro - tirando provavelmente o fabuloso e surreal **Fellini 8 e meio** - este **La Dolce Vita** marca a entrada retumbante do realizador italiano na galeria olímpica dos grandes do cinema. De tal modo que a própria Academia de Hollywood lhe atribuiu um oscar - para o melhor guarda-roupa -, embora a realização, o argumento e a direcção artística hajam também sido nomeados para aqueles prémios. Narrado ao jeito de crónica, **La Dolce Vita** é não só o prenúncio da carreira fulgurante e sustentada de **Fellini**, como um marco dos anos 60 que então começavam. Mastroianni entrava também para a galeria dos grandes actores. Bem acompanhado por Anouk Aimée e por Anita Ekberg (a tal que tomava banho na Fonte de Trevi e que deixou certamente, por dentro da pedra, a marca de uma doce vida).

## Quinta, 9

## ▼ RTP1

07.00 Infantil/Juvenil  
09.45 Praça da Alegria  
12.25 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Regiões  
14.20 Marcas da Paixão  
15.30 Guia Dia a Dia  
17.00 Roseira Brava  
18.00 Tarde Juvenil  
19.00 Quebra Cabeças  
19.40 Regiões  
20.00 Telejornal



«Biografias» com a marca BBC (às 21h na RTP2): é pena que nunca se saiba antes de quem...

21.10 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
21.45 Cruzamentos  
22.30 Histórias da Noite  
24.00 24 Horas  
00.25 Força de Operações Especiais  
00.55 «Alerta Geral» (de John Bradshaw, Canadá/1996, com Jeff Fahey, Kim Coates, Anne Moss. Policial)

## ▼ RTP2

07.00 Hora Viva  
09.45 Espaço Infantil-Juvenil (às 12.00: Euronews)  
14.00 Os Descobrimientos Portugueses  
15.00 Zapping  
16.00 Euronews  
17.30 Brigada Submarina  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Onda Curta  
19.30 Encontros Subaquáticos  
20.30 Viver no Campo  
21.00 Biografias  
22.00 Acontece  
22.30 Jornal 2  
23.00 Duas Vozes  
24.00 «Segredos e Mentiras» (de Mike Leigh, R.Unido/1996, com Brenda Blethyn, Timothy Spall. Drama)  
01.40 Gente da Cidade  
02.10 Resistência

## ▼ SIC

08.00 Buêré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 História de Amor  
15.00 Aquarela do Brasil  
16.00 Fátima Lopes  
17.00 O Cravo e a Rosa  
18.00 Malhação  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Baiero da Fonte  
22.00 Laços de Família  
23.00 A Febre do Dinheiro  
23.30 «Predadores» (de Walter Hill, EUA/1992, com Bill Paxton, Ice T. Acção)  
01.30 Sai de Baixo  
02.30 Último Jornal  
03.00 No Fim do Mundo

## ▼ TVI

08.30 Animação  
12.00 «Big Brother» (TVI Jornal às 13h)  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Dinheiro à Vista  
14.30 O Direito de Nascer  
15.05 Batatoon  
18.00 Impacto TV  
19.30 «Big Brother»  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Jardins Proibidos  
21.35 Jardins Proibidos  
22.45 As Pupilas do Sr. Doutor  
23.35 A Bola é Nossa  
01.05 Última Edição  
01.55 Seinfeld

## Sexta, 10

## ▼ RTP1

07.00 Infantil/Juvenil  
09.45 Praça da Alegria  
12.25 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Regiões  
14.20 Marcas da Paixão  
15.30 Guia Dia a Dia  
17.00 Roseira Brava  
18.00 Tarde Juvenil  
19.00 Quebra Cabeças  
19.30 Regiões  
20.00 Telejornal  
21.05 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
21.35 Milionários à Força  
22.15 «O Paciente Inglês» (de Anthony Minghella, EUA/1996, com Ralph Fiennes, Kristin Scott Thomas, Juliette Binoche. Ver Destaque)  
24.00 24 Horas  
00.30 Big Bang  
02.25 «Inferno nas Alturas» (de Nicholas Ray, EUA/1951, com John Wayne, Robert Ryan, Don Taylor. Ver Destaque)

## ▼ RTP2

07.00 Hora Viva  
09.45 Espaço Infantil-Juvenil  
12.25 Horizontes da Memória Portuguesa  
15.00 Duas Vozes  
16.00 Euronews  
17.30 Brigada Submarina  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Andamentos  
19.30 Encontros Subaquáticos  
20.30 Viver no Campo  
21.00 Biografias  
22.00 Acontece  
22.30 Jornal 2  
23.00 A Outra Face da Lua  
00.30 «A Doce Vida» (de Federico Fellini, It.-Fr./1960, com Marcello Mastroianni, Yvonne Furneau, Anouk Aimée, Anika Ekberg. Ver Destaque)  
03.00 Resistência

## ▼ SIC

08.00 Buêré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 História de Amor  
15.00 Aquarela do Brasil  
16.00 Fátima Lopes  
17.00 O Cravo e a Rosa



Universidade Aberta está a transmitir agora uma série de excelentes programas sobre planeamento familiar

18.00 Malhação  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Residência Tejo  
22.00 Laços de Família / Aquarela do Brasil  
23.00 A Febre do Dinheiro  
23.30 «O Carteiro de Pablo Neruda» (de Michael Radford, 1994, com Massimo Troisi, Philippe Noiret. Drama)  
01.30 Jogo Limpo  
03.30 Último Jornal

## ▼ TVI

08.30 Animação  
12.00 «Big Brother» (TVI Jornal às 13h)  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Dinheiro à Vista  
14.30 O Direito de Nascer  
15.05 Batatoon  
18.00 Impacto TV  
19.30 «Big Brother»  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Big Brother  
21.35 Jardins Proibidos  
22.45 «As Outras 9 Semanas e 1/2» (de Anne Coursaud, EUA/1996, com Mickey Rourke, Angie Everhart.)  
00.45 Última Edição  
01.35 Seinfeld

## Sábado, 11

## ▼ RTP1

07.00 Infantil/Juvenil  
12.00 Jet 7  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Top +  
15.15 «A Última Saída» (de Gary Sinise, EUA/1988, com Richard Gere, Kevin Anderson, Penelope Ann Miller. Drama)  
17.10 Ajuste de Contas  
18.50 Futebol: Amadora-Sporting  
21.00 Telejornal  
22.00 Santa Casa  
24.00 Lei Marcial  
01.00 Máquinas  
01.35 24 Horas  
01.50 «Nem Todas as Raparigas São Iguais» (de Richard Spencer, EUA/1995, com Steven Mackintosh, Rupert Graves, Miriam Margolyes. Comédia)  
02.40 «Os Beans do Egipto» (de Jennifer Warren, EUA/1996, com Rutger Hauer, Martha Plimpton, Kelly Lynch. Drama)

## ▼ RTP2

07.00 Euronews  
09.00 Universidade Aberta  
12.00 Iniciativa  
14.00 Parlamento  
15.00 Desporto  
19.30 Longa Metragem (filme não designado)  
21.00 Dinheiro Vivo  
21.30 Jornal África  
22.00 Horizontes da Memória  
22.30 Jornal 2  
23.00 O Lugar da História  
24.00 Brit Com («Sim, Sr. Ministro»; «Perfect World»; «Brigades»)  
01.30 «Contos Perversos» (Longa Metragem. Erótico)  
03.10 Prazeres

## ▼ SIC

07.30 Zip Zap  
11.30 Uma Aventura  
12.00 O Nosso Mundo  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 «Meu Pai, O Herói» (de Steve Miner, EUA/1994, com Gérard Depardieu, Lauren Hutton, Dalton James. Comédia)  
16.00 «Demis, o Pimentinho» (de Nick Castle, EUA/1993, com Walter Matthau, Mason Gamble. Comédia)



Universidade Aberta está a transmitir agora uma série de excelentes programas sobre planeamento familiar

18.00 Malhação  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Querido Professor  
22.00 Cuidado com as Aparências  
22.40 Herman Sic  
00.40 «Irmãos de Armas» (de Jeffrey Woolnought, EUA/1998. Acção)  
02.00 Último Jornal

## ▼ TVI

08.30 Animação  
11.40 Top Rock  
13.00 TVI Jornal  
13.30 Contra-Ataque  
14.30 4.º A Fundo  
14.45 Caras Lindas  
16.00 «Lembranças» (Drama)  
18.00 «As Aventuras de Big Foot» (de Philip Spink, Can./1998, com Richard Thomas. Desporto)  
20.00 Jornal Nacional  
20.50 Jardins Proibidos  
22.10 Bora Lá Marina  
22.50 Lux  
23.50 External Affair» (Longa Metragem)  
01.45 Última Edição (Longa Metragem)

**Domingo, 12**

- ▼ RTP 1**  
 07.00 Infantil/Juvenil  
 13.00 Jornal da Tarde  
 14.00 Made in Portugal  
 15.15 «Arizona Junior» (de Joel Coen, EUA/1987, com Nicholas Cage, Holly Hunter, Tery Wilson, John Goodman. Ver Destaque)  
 15.50 Casa da Saudade  
 16.50 Ajuste de Contas  
 20.00 Telejornal  
 21.10 Domingo Desportivo  
 22.30 João Nicolau Breyner  
 24.00 24 Horas  
 00.15 Liga dos Campeões: Magazine  
 01.00 «Uma Questão de Privilégio» (de Rick Stevenson, EUA/1998, com Jessica Steen, Wendy Crewson, Nick Mancuso. Policial)

- ▼ RTP 2**  
 07.00 Euronews  
 09.30 Programa Religioso  
 10.30 Missa  
 11.30 Fancas  
 12.00 A Outra Face da Lua  
 13.30 Andamentos  
 14.00 Desporto  
 18.30 O Genoma Humano  
 19.30 Aristocratas  
 20.30 Onda Curta («Zendegi Dar Meh» (Vidas no Novoiro) Bahman Ghobadi, Irão/1998. Curta Metragem)  
 21.00 Bombordo  
 21.30 Artes e Letras  
 22.30 Jornal 2  
 23.00 Travessa do Cotovelo  
 00.15 Longa Metragem (filme não designado)

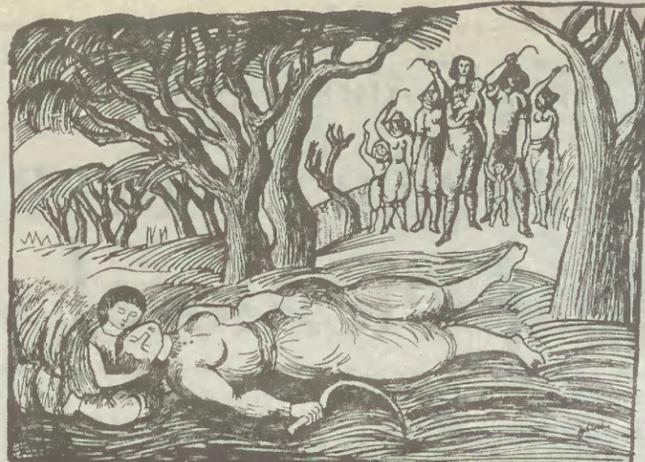
- ▼ SIC**  
 07.30 Zip Zap  
 11.30 Uma Aventura  
 12.00 BBC Vida Selvagem  
 13.00 Primeiro Jornal  
 14.00 Big Show  
 17.20 «Flubber, O Professor Distraído» (de Les Maayfield, EUA/1997, com Robin Williams, Marcia gay Harden. Comédia)  
 18.00 Futebol: Benfica-Farense  
 20.00 Jornal da Noite  
 21.00 Querido Professor  
 22.00 Mundo VIP  
 23.00 «Decisão Crítica» (de Stuart Blair, EUA/1996, com Kurt Russel, Steve Seagall. Acção)  
 02.00 Último Jornal  
 02.30 Confissões de Uma Stripper  
 05.00 A Imortal

- ▼ TVI**  
 08.30 Animação  
 10.45 Espaço Religioso  
 11.15 Missa  
 13.00 TVI Jornal  
 13.30 Aquanautas  
 14.00 «Licença para Amar» (de Tom McLoughlin, EUA/1994, com Brian Dennehy, Jacqueline Bisset. Drama)  
 16.00 «Love Struck» (Drama)



Maria João e Mário Laginha em concerto: segunda à meia-noite na RTP2

- 18.00 Roberto Leal  
 20.00 Jornal Nacional  
 20.50 «Big Brother»  
 22.00 «Big Brother» (directo)  
 22.15 Jardins Proibidos  
 23.30 «Manobras na Casa Branca» (de Barry Levinson, EUA/1997, com Dustin Hoffman, Robert De Niro, Anne Heche. Comédia)



A série «Resistência» pode agora ser revista às 2 da tarde na RTP2

**Segunda, 13**

- ▼ RTP 1**  
 07.00 Programação Infantil-Juvenil  
 09.45 Praça da Alegria  
 12.25 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
 13.00 Jornal da Tarde  
 14.00 Regiões  
 14.30 Marcas da Paixão  
 15.30 Guia Dia a Dia  
 17.00 Roseira Brava  
 18.00 Tarde Juvenil  
 19.00 Quebra Cabeças  
 19.40 Regiões (Local)  
 20.00 Telejornal  
 21.00 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
 21.35 Agora É que São Eles  
 23.30 Jogo Falado  
 00.45 24 Horas  
 01.10 «O Cavaleiro de Ferro» (de Alessandro Blasetti, It./1938, com Gino Cervi. Drama Histórico)

- ▼ RTP 2**  
 07.00 Hora Viva  
 10.00 Espaço Infantil-Juvenil (às 12.00: Euronews)  
 12.30 Horizontes da Memória  
 13.10 Vila Faia  
 14.00 Resistência  
 15.00 Parlamento  
 16.00 Euronews  
 17.30 Brigada Submarina  
 18.30 Informação Religiosa  
 19.00 Rotações  
 19.30 Encontros Subaquáticos  
 20.30 Viver no Campo  
 21.00 Biografias  
 22.00 Acontece  
 22.30 Jornal 2  
 23.00 Os Sopranos  
 24.00 Artes de Palco - Concerto de Maria João e Mário Laginha  
 01.30 Andamentos  
 02.00 A Raia dos Medos

- ▼ SIC**  
 08.00 Buêrére  
 10.00 SIC 10 Horas  
 13.00 Primeiro Jornal

- ▼ TVI**  
 08.00 Buêrére  
 10.00 SIC 10 Horas  
 13.00 Primeiro Jornal  
 14.00 História de Amor  
 15.00 Aquarela do Brasil  
 16.00 Fátima Lopes  
 17.00 O Cravo e a Rosa  
 18.00 Malhação  
 19.00 Uga Uga  
 20.00 Jornal da Noite  
 21.00 Malucos do Riso  
 22.00 Laços de Família  
 23.00 «Sabotagem»  
 01.00 Sai de Baixo  
 02.00 Último Jornal  
 03.30 Noite de Cinema Europeu

- ▼ TVI**  
 08.30 Animação  
 12.00 «Big Brother» (TVI Jornal às 13h)  
 13.00 TVI Jornal  
 14.00 Dinheiro à Vista  
 14.30 O Direito de Nascer  
 15.05 Batatoon  
 18.30 Que Loucura de Família  
 19.30 «Big Brother»  
 20.00 Jornal Nacional  
 21.00 Big Brother  
 21.35 Jardins Proibidos  
 22.45 Ficheiros Secretos VII  
 23.45 Causa Justa  
 00.45 Última Edição  
 01.35 Seinfeld  
 02.15 Profiler

- ▼ TVI**  
 06.30 Animação  
 12.00 «Big Brother» (TVI Jornal às 13h)  
 13.00 TVI Jornal  
 14.00 Dinheiro à Vista  
 14.30 O Direito de Nascer  
 15.05 Batatoon  
 18.30 Que Loucura de Família  
 19.30 «Big Brother»  
 20.00 Jornal Nacional  
 21.00 Big Brother  
 21.35 Jardins Proibidos  
 22.45 Ficheiros Secretos VII  
 23.45 Causa Justa  
 00.45 Última Edição  
 01.35 Seinfeld  
 02.15 Profiler

**Terça, 14**

- ▼ RTP 1**  
 07.00 Programação Infantil-Juvenil  
 09.45 Praça da Alegria  
 12.25 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
 13.00 Jornal da Tarde  
 14.00 Regiões  
 14.30 Marcas da Paixão  
 15.30 Guia Dia a Dia  
 17.00 Roseira Brava  
 18.00 Tarde Juvenil  
 19.40 Regiões  
 20.00 Telejornal  
 21.05 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
 21.35 O Conde D'Abranhós  
 22.40 «Carrie» (de Brian de Palma, EUA/1976, com Sissy Spacek, Piper Laurie, Amy Irving, Nancy Allen, John Travolta. Ver Destaque)  
 00.30 Dinheiro Vivo  
 01.00 24 Horas  
 01.25 Serviço de Urgência  
 02.30 «Felicidade» (de Todd Solondz, EUA/1998, com Jane Adams, Cynthia Stevenson, Ben Gazzara. Comédia)

- ▼ RTP 2**  
 07.00 Hora Viva  
 10.00 Espaço Infantil-Juvenil (às 12.00: Euronews)  
 12.45 Horizontes da Memória  
 13.10 Vila Faia  
 14.00 Resistência  
 15.00 O Lugar da História  
 16.00 Euronews  
 16.30 Informação Gestual  
 17.30 Brigada Submarina  
 18.30 Informação Religiosa  
 19.00 Bombordo  
 19.30 Encontros Subaquáticos  
 20.30 Viver no Campo  
 21.00 Biografias  
 22.00 Acontece  
 22.30 Jornal 2  
 23.00 «Sul» (de Fernando Solanas, Fr.-Argent./1988. Ver Destaque)  
 01.50 Touching Evil  
 02.20 Rotações  
 02.50 A Raia dos Medos

- ▼ SIC**  
 08.00 Buêrére  
 10.00 SIC 10 Horas  
 13.00 Primeiro Jornal  
 14.00 História de Amor  
 15.00 Aquarela do Brasil  
 16.00 Fátima Lopes  
 17.00 O Cravo e a Rosa  
 18.00 Malhação  
 19.00 Uga Uga  
 20.00 Jornal da Noite  
 21.00 Malucos do Riso  
 22.00 Laços de Família  
 23.00 «Sabotagem»  
 01.00 Sai de Baixo  
 02.00 Último Jornal  
 03.30 Noite de Cinema Europeu

- ▼ TVI**  
 08.30 Animação  
 12.00 «Big Brother» (TVI Jornal às 13h)  
 13.00 TVI Jornal  
 14.00 Dinheiro à Vista  
 14.30 O Direito de Nascer  
 15.05 Batatoon  
 18.30 Que Loucura de Família  
 19.30 «Big Brother»  
 20.00 Jornal Nacional  
 21.00 Big Brother  
 21.35 Jardins Proibidos  
 00.35 Os Homens do Presidente  
 01.35 Última Edição  
 02.25 Seinfeld

- ▼ TVI**  
 06.30 Animação  
 12.00 «Big Brother» (TVI Jornal às 13h)  
 13.00 TVI Jornal  
 14.00 Dinheiro à Vista  
 14.30 O Direito de Nascer  
 15.05 Batatoon  
 18.30 Que Loucura de Família  
 19.30 «Big Brother»  
 20.00 Jornal Nacional  
 21.00 Big Brother  
 21.35 Jardins Proibidos  
 22.45 Ficheiros Secretos VII  
 23.45 Causa Justa  
 00.45 Última Edição  
 01.35 Seinfeld  
 02.15 Profiler

**Quarta, 15**

- ▼ RTP 1**  
 07.00 Programação Infantil-Juvenil  
 09.45 Praça da Alegria  
 12.25 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
 13.00 Jornal da Tarde  
 13.50 Regiões (Nacional)  
 14.20 Marcas da Paixão  
 15.15 Guia Dia a Dia  
 16.45 Roseira Brava  
 18.00 Tarde Juvenil  
 19.40 Regiões  
 20.00 Telejornal  
 21.00 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
 21.30 Futebol: Portugal-Israel (AA)  
 00.30 24 Horas  
 00.55 Força de Operações Especiais  
 01.10 «Os Poderosos» (de Peter Chelsom, EUA/1998, com Sharon Stone, Gena Rowlands, Harry Dean Stanton, Gillian Anderson. Drama)

- ▼ RTP 2**  
 07.00 Hora Viva  
 10.00 Espaço Infantil-Juvenil (às 12.00: Euronews)  
 12.45 Horizontes da Memória  
 13.10 Vila Faia  
 14.00 Resistência  
 15.00 O Lugar da História  
 16.00 Euronews  
 16.30 Informação Gestual  
 17.30 Brigada Submarina  
 18.30 Informação Religiosa  
 19.00 Bombordo  
 19.30 Encontros Subaquáticos  
 20.30 Viver no Campo  
 21.00 Biografias  
 22.00 Acontece  
 22.30 Jornal 2  
 23.00 «Sul» (de Fernando Solanas, Fr.-Argent./1988. Ver Destaque)  
 01.50 Touching Evil  
 02.20 Rotações  
 02.50 A Raia dos Medos

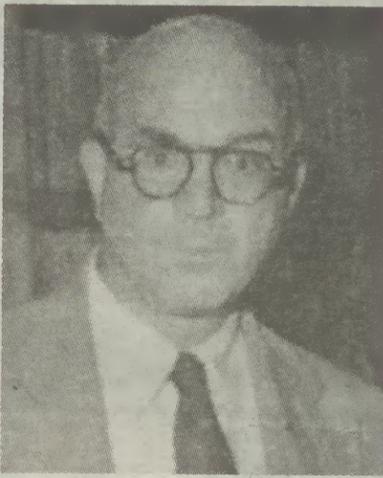
- ▼ SIC**  
 08.00 Buêrére  
 10.00 SIC 10 Horas  
 13.00 Primeiro Jornal  
 14.00 História de Amor  
 15.00 Aquarela do Brasil  
 16.00 Fátima Lopes  
 17.00 O Cravo e a Rosa  
 18.00 Malhação  
 19.00 Uga Uga  
 20.00 Jornal da Noite  
 21.00 Malucos do Riso  
 22.00 Laços de Família  
 23.00 «Sabotagem»  
 01.00 Sai de Baixo  
 02.00 Último Jornal

- ▼ TVI**  
 08.30 Animação  
 12.00 «Big Brother» (TVI Jornal às 13h)  
 13.00 TVI Jornal  
 14.00 Dinheiro à Vista  
 14.30 O Direito de Nascer  
 15.05 Batatoon  
 18.30 Que Loucura de Família  
 19.30 «Big Brother»  
 20.00 Jornal Nacional  
 21.00 Big Brother  
 21.35 Jardins Proibidos  
 00.30 Última Edição  
 01.20 Seinfeld  
 02.00 «Filho de Uma Violação» (Drama)

- ▼ TVI**  
 06.30 Animação  
 12.00 «Big Brother» (TVI Jornal às 13h)  
 13.00 TVI Jornal  
 14.00 Dinheiro à Vista  
 14.30 O Direito de Nascer  
 15.05 Batatoon  
 18.30 Que Loucura de Família  
 19.30 «Big Brother»  
 20.00 Jornal Nacional  
 21.00 Big Brother  
 21.35 Jardins Proibidos  
 22.45 Ficheiros Secretos VII  
 23.45 Causa Justa  
 00.45 Última Edição  
 01.35 Seinfeld  
 02.15 Profiler

**TVisto**  
 Correia da Fonseca  
**Um homem no pântano**

**E**stados Unidos da América, final dos anos 20. Palavras de um americano: «Eles são os mais fortes, são ricos e fecham-nos as portas: políticos, directores de jornais, juízes, homenzinhos famosos, presidentes de universidades, políticos falhados. (...) Eles compram homens armados e de uniforme, carros de polícia, viaturas celulares. (...) Têm os dólares, as espingardas, as forças armadas e as fábricas.» São as palavras de um americano ao avizinhar-se o final dos anos 20. Será muito difícil sustentar que este retrato difere substancialmente dos Estados



John dos Passos

Unidos do ano 2000. Escreveu-as um escritor de quem, ainda nos anos 30, Sartre disse ser o maior dos escritores americanos. Era neto de um imigrante português, o que sendo quase só uma nota irrelevante não pode ser-nos indiferente. Chamava-se John dos Passos e a última emissão da rubrica «Artes e Letras», preenchida com um telefilme de origem francesa datado de 95, foi-lhe consagrada. Poucos a terão visto, é claro: esse é o destino quase fatal dos programas de qualidade que a RTP deporta para a «2». Contudo, sem que se tratasse de um telefilme perfeito, capaz de nos suscitar acordo em todos os seus momentos, foi um programa interessante, inteligente, útil, desses que são capazes de despertar a curiosidade intelectual de espectadores longamente submetidos a doses maciças de mediocridade anestésica.

**Apogeu e viragem**

John dos Passos passou por Portugal pouco tempo antes do ano da sua morte, não sei precisar quando, e nessa altura prestou declarações impregnadas do espírito oficial do tempo. Não admira. Na década anterior prestara-se a estar do lado de McCarthy, o Grande Inquisidor do terror judicial desencadeado contra os comunistas e contra quem comunista parecesse, e fora apoiante de Barry Goldwater, candidato da extrema-direita à presidência. Mas já então o escritor de há muito se situara na curva

descendente da sua lucidez intelectual e política, tal como acontecera a outros com destaque para Steinbeck. Porém, não foi por essa fase de degradação final que John dos Passos ficou com lugar certo na literatura deste século, bem pelo contrário. Na década de 20, esclarecido pelo contacto directo com os horrores da Primeira Grande Guerra e pelo clima cultural de Paris, escrevera a trilogia «USA», não apenas inovadora na forma literária mas, melhor que isso, também denunciadora da realidade norte-americana. Nessa trincheira permaneceu até à Guerra Civil Espanhola, onde esteve ao lado de Hemingway e de muitos outros intelectuais de todo o mundo que levaram a sua solidariedade com a República até à intervenção concreta, como aliás cumpre a qualquer solidariedade. Porém, ele, que pelo menos desde o assassinio legal de Sacco e Vanzetti ficara tocado pelo fascínio anarquista, pareceu não compreender que a luta sob o fogo fascista exigia uma unidade dura onde as tendências centrífugas do anarquismo não podiam ter lugar. Foi o tempo do fim da sua amizade com Hemingway, que embora não comunista viria a ser amigo de Fidel, e do seu alinhamento com George Orwell, anticomunista cuja colaboração com os serviços secretos britânicos só muito mais tarde seria denunciada.

**Final em tom menor**

Este foi o percurso um pouco melancolizante do escritor de quem o telefilme disse ter sido autor de «uma obra que ainda hoje se mantém», vertida numa «escrita duradoura e admirável». Contudo, convém dizer que nem tudo o que aqui fica contado acerca de John dos Passos e da sua vida foi dito, pelo menos com clareza, no programa da RTP2. E mais ainda convém dizer que a tal obra «que ainda hoje se mantém» não está nos livros escritos no que pode ser designado pela fase do arrependimento ou, no mínimo, de adesão ao americanismo fundamentalista que incluiu o apoio à Guerra Fria e, de passagem, à acção de um fascismo colonialista como o português. Só por esse caminho nunca ele chegaria à consagração mundial mas sim, porventura, ao desprezo dos menos tolerantes. Por mim, receio que John dos Passos se tenha deixado persuadir, entre outros factores, por vezes que lhe segredavam serem já outros os tempos, que era preciso um homem actualizar-se e pôr-se em dia com os novos contextos. De um modo ou de outro, a verdade triste é que aquele empenhado combatente pela justiça e por um futuro diferente trocou os melhores valores americanos, porque os há, por um pragmatismo de ocasião, e acabou como que engolido pelo pântano. Ficou a obra. Que, como foi dito na TV, «ainda hoje se mantém».

Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

## A talhe de foice

• Anabela Fino

# Esquecimentos

*O país está a viver sob o signo do queijo, facto sem dúvida alguma grave mas esclarecedor de alguns fenómenos que se vêm registando na sociedade portuguesa. Valha-nos que a influência não é necessariamente de uma única marca, o que seria mau para a concorrência e atentatório da liberdade de escolha. Do mal o menos.*

*Não fora o caso ter chegado ao Parlamento e porventura não teríamos dado por nada. É certo que há bastante tempo uma fatia cada vez maior de portugueses se vem esquecendo de coisas elementares, como contas de somar e de sumir, com as inevitáveis consequências nos orçamentos familiares. É verdade que o Governo tem passado os últimos anos a esquecer-se de promessas, prioridades e paixões. É inegável que Portas e Durão se esquecem periodicamente não só de que existem e de que se conhecem, como também de que o que afirmam à tarde é o que negaram de manhã, que as indignações de hoje foram os apoios de ontem. É público e notório que os juízes se esquecem dos processos, tantos os que têm prescrito de há uns anos a esta parte. É uma evidência que os tribunais se esquecem sistematicamente dos desmandos dos colarinhos brancos, quiçá por causa das togas, que são pretas. Há até quem se esqueça das razões de existir e acorde um belo dia pela manhã esquecido das mais elementares regras da decência.*

*Com tanto esquecimento, quem é que se havia de lembrar que tudo isto podia ser obra do queijo? Não do tal, está bom de ver, que salva orçamentos e governos, mas do produto em si nas suas múltiplas versões, desde o da batata ao do mais delicado leite, do cheirinho a peúga às finas ervas, do amanteigado ao seco, do fresco ao curado. Não se julgue haver aqui qualquer má vontade contra o que mereceu a atenção do país inteiro, longe de mim tal ideia. Acredito até que a proeza, só por si, deve dar direito a certificado de garantia, com a chancela de Guterres e tudo em futuras campanhas publicitárias. Que outro queijo se pode orgulhar de ter evitado a queda de um governo, impedido eleições antecipadas, banido o fantasma dos duodécimos que pairava sobre o aparelho de Estado, obstado enfim à instalação do caos no oásis guterrista? Feita a ressalva, fica o facto inegável e preocupante de que o país está a ser atacado pelo vírus do esquecimento, o que obviamente só pode ser atribuído ao queijo. O problema é que o mal também já chegou aos órgãos de informação, que não só cada vez mais se esquecem do papel que devem ter na formação do público, como do dever elementar de informar com rigor e verdade. Ainda a semana passada o «Expresso» se esqueceu da regra de ouro do jornalismo e, sem confirmar as fontes, avançou com um naipe de nomes de intelectuais da nossa praça que estavam em rota de colisão com o PCP. Como diria o outro, «à primeira cavadela, minhoca»: Urbano Tavares Rodrigues e António Filipe, para citar dois casos referidos na «notícia», não foram vistos nem achados no assunto. E não foi por esquecimento, mas por convicção.*

*Na verdade, tanto esquecimento dá para desconfiar. Se calhar, o queijo, tirando o parlamentar, não tem culpa nenhuma neste processo, e anda para aí quem se faça esquecido a ver se a gente se esquece do que verdadeiramente importa.*

## António Abreu em Évora É preciso reforçar o poder local

**António Abreu deslocou-se a Évora, anteontem, para fazer a apresentação da sua candidatura à Presidência da República. Durante a tarde, visitou a Câmara Municipal e reuniu-se com a Associação de Estudantes da Universidade de Évora.**

### Algumas propostas

- revisão da Lei das Finanças Locais por forma a que esta possa responder às necessidades financeiras das autarquias, nomeadamente garantindo mais meios financeiros para os municípios e para as freguesias e os meios indispensáveis ao exercício das novas competências;
- reformulação do quadro de delimitação das atribuições e competências por forma a extirpá-lo das que sejam totalmente desadequadas para as autarquias locais;
- garantia de que as novas atribuições e competências a exercer pelo Poder Local democrático sejam acompanhadas dos necessários recursos financeiros, de modo a que o Poder Local tenha uma efectiva capacidade de assegurar uma melhor resposta aos problemas;
- promoção de iniciativas para reforçar o valor dos instrumentos de planeamento e de ordenamento do território, reduzindo drasticamente as margens de arbítrio que ainda hoje subsistem;
- reforçar o poder dos órgãos deliberativos – das assembleias municipais e das freguesias – e a contínua e progressiva valorização dos trabalhadores da administração local;
- reforçar a capacidade de gestão das áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, criando-lhes condições para eleição directa dos seus órgãos e dando-lhes verdadeiros meios de intervenção;
- prosseguir o reforço das freguesias e das, já hoje possíveis, associações de freguesias, em especial no respeitante aos meios financeiros que lhes são disponibilizados e à atribuição de novas competências;
- obter a máxima descentralização possível dos fundos comunitários em especial dos destinados aos municípios, e a participação efectiva de eleitos locais nas várias entidades de acompanhamento e de gestão das várias operações de desenvolvimento no âmbito do QCA.

Durante apresentação, António Abreu sublinhou a importância do poder local como capital para o desenvolvimento futuro, afirmando que a cidade de Évora é uma das suas expressões mais significativas. «Deve-se fundamentalmente à intervenção permanente das autarquias locais, embora de forma desigual, a progressiva melhoria da qualidade de vida dos portugueses», referiu na ocasião.

O candidato à Presidência da República apontou como fundamental o estímulo à participação e afirmou que, «para todos os eleitos locais da CDU, o poder local democrático constitui um espaço privilegiado de estímulo, apoio e concreta realização da democracia participativa».

«O nosso estilo de trabalho caracteriza-se por uma concepção profundamente democrática do poder, que o recusa como privilégio e o assume como prestação de serviço às populações. No desempenho das funções autárquicas determinamo-nos pela isenção, pela prática de qualida-

de e de imparcialidade e pela recusa de quaisquer compadrios ou de angariações de benefícios pessoais», declarou.

António Abreu recordou o referendo sobre a regionalização e disse que não é possível «a progressão de efectivos esforços de desenvolvimento regional sem a existência desses tão importantes instrumentos para a transformação democrática do nosso país».

Quanto à recente legislação sobre o poder local, o candidato afirmou que esta «ficou aquém das promessas que haviam sido feitas». «E não se diga que não cabe ao Presidente da República preocupar-se com estas coisas», acrescentou.

«É certo que é ao Governo que cabe governar e para isso tem um programa. Mas, o Presidente da República é eleito pelos portugueses numa base de valores e projectos e é natural que exerça a actividade de acompanhamento do Governo reportando-se a esses valores e projectos», concluiu.

## MDM reúne no Porto Por mais qualidade de vida

A «pílula do dia seguinte», a implementação da educação sexual nas escolas e a campanha pública contra o aumento do custo de vida foram alguns dos temas abordados pela Direcção Nacional do MDM, em reunião realizada esta segunda-feira, no Porto.

Em comunicado de imprensa sobre as conclusões da reunião do Porto, a acessibilidade à «pílula do dia se-

guinte» sem receita médica, e a urgente aprovação dos respectivos projectos, aprovados na generalidade na Assembleia da República, surge como uma das prioridades do Movimento Democrático das Mulheres.

O MDM saúda, como um facto positivo, a intenção do Ministério da Educação de avançar com a educação sexual nas escolas, alertando entretanto para a falta de medidas concretas.

A possibilidade de criação de um «cartão de saúde» para as mulheres que se prostituem é frontalmente condenada. O MDM considera que esta proposta «visa a estigmatização destas mulheres, sem resolver o problema de saúde pública, já que omite que o cliente é uma das partes da relação e que, também pela sua via, são disseminadas as doenças sexualmente transmissíveis».

Por último o MDM refere a campanha em curso «Por mais qualidade de vida para as mulheres – Diga não ao aumento do custo de vida!», a decorrer até final de Janeiro, e sublinha a sua redobrada actualidade face ao congelamento das negociações salariais na função pública até votação do Orçamento de Estado, os tímidos aumentos do salário mínimo e das reformas e o aumento de preços.



## JCP solidária com Sahara e Palestina

A JCP-Algarve lançou esta semana uma campanha de solidariedade com os povos do Sahara Ocidental e da Palestina, com o objectivo de divulgar a realidade histórica que provocou os actuais conflitos.

Os jovens comunistas espalharam diversas bancas informativas pelas escolas secundárias da região, acompanhadas pela exposição fotográfica «Areias de Exílio», da autoria de José

Maria Frade, dedicada ao povo saharauí. Esta exposição está patente até amanhã no Centro de Trabalho de Faro do PCP.

A JCP exige que o Governo português intervenha activamente nas Nações Unidas e na União Europeia, em respeito pela legalidade internacional, os legítimos direitos nacionais e a independência destes dois povos.

